

**FACULDADES EST**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**CRISTINA SCHERER**

**SORORIDADE: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL, NARRATIVAS BÍBLICAS E A  
EXPERIÊNCIA DOS ENCONTROS DE MINISTRAS DA IECLB**

São Leopoldo

2018

CRISTINA SCHERER

SORORIDADE: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL, NARRATIVAS BÍBLICAS E A  
EXPERIÊNCIA DOS ENCONTROS DE MINISTRAS DA IECLB

Trabalho Final de Mestrado Profissional para a  
obtenção do grau de Mestra em Teologia pelo  
Programa de Pós-Graduação da Faculdades  
EST

Área de Concentração: Teologia Fundamental  
Sistemática

Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e  
Diversidade

Orientador: André Sidnei Musskopf

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S326s Scherer, Cristina  
Sororidade: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB / Cristina Scherer ; orientador André Sidnei Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.  
95 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Amizade entre mulheres. 2. Teologia feminista. 3. Mulheres na Bíblia. 4. Mulheres – Identidade. I. Musskopf, André S. (André Sidnei), 1976- . II. Título.

**ATA DA DEFESA DE TRABALHO FINAL DE CRISTINA SCHERER, DISCENTE DO  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA DO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO**

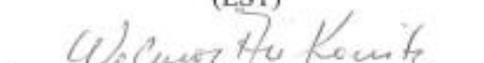
Aos 29 dias do mês de maio do ano dois mil e dezoito, foi apresentado, na Secretaria Acadêmica, o Trabalho Final de Cristina Scherer para ser submetido à Banca de Defesa, área de concentração: Teologia Prática, linha de atuação: Gênero, Feminismos e Diversidade. A mestranda apresentou, no prazo regulamentar, o Trabalho Final, intitulado "Sororidade: uma discussão conceitual, a experiência dos encontros de ministras da IECLB e exemplos bíblicos", aceito preliminarmente pelo Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa da EST, que designou a seguinte Banca Examinadora para julgá-lo: Prof. Dr. André Sidnei Musskopf (Presidente), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karin Hellen Kepler Wondracek (EST) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudete Beise Ulrich (UNIDA). Os integrantes da Banca, após exame do Trabalho Final, definiram uma nota, cada um de acordo com sua avaliação, e fizeram a média das duas notas, que resultou no conceito "A". Tendo em vista este resultado e seguindo-se o que estabelece o Regimento Interno do PPGMP, a Banca Examinadora considerou a discente aprovada, tendo eu, Walmor Ari Kanitz, lavrado a presente ata, a qual vai assinada por mim e pelos membros da Banca.

São Leopoldo, 02 de julho de 2018.

  
p/Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudete Beise Ulrich  
(UNIDA)

  
Prof. Dr. André Sidnei Musskopf  
(Presidente)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karin Hellen Kepler Wondracek  
(EST)

  
Walmor Ari Kanitz  
(Secretário Acadêmico)

***Dedicação:***

Às ancestrais da família: Sofia, Ana e Guisela  
(*In memoriam*), Maria Luíza.

A minha oma, Guisela (*in memoriam*), minha  
mãe, Sueli, e minha filha, Sofia Cathrine.

A Beta, Cláudia, Romi, Cibele, Ivoni, Nádia,  
Rosilene, Eli, Mayke, Anelise e outras  
mulheres no ministério que me inspiram!

Às colegas da turma de 95: Guilhermina,  
Ofélia, Janaine, Sandra, Simone, Rosana,  
Lurdilene.

Às pastoras Carmen, Sonja e Regene pela  
parceria de disponibilidade de documentos.

Às amigas de ministério que se permitem  
encontros de partilhas de risos e lágrimas,  
sonhos e realidades e, mutuamente, se  
fortalecem.

Às ministras do Sínodo Norte Catarinense,  
onde caminhamos juntas.

Às Mulheres que vivem sororidade em grupos  
e comunidades!

## **AGRADECIMENTOS**

À Igreja da Suécia, que me concedeu a bolsa para estudo.

Ao colega de turma de 1995, coordenador de curso, professor da vida, orientador da dissertação, doutor em teologia e pastor de almas, André S. Musskopf.

À Faculdades EST pela excelência em formação.

Às professoras Lilian, Odja e Rosângela que abriram novos horizontes.

Às professoras corretoras da dissertação, Claudete e Karin.

Ao Núcleo de Pesquisa de Gênero da EST, pela acolhida, apoio e parceria.

Às amigas de ministério que souberam caminhar ao lado!

## RESUMO

A experiência humana que com a qual a teologia feminista se ocupa é a experiência real e cotidiana que está carregada de saberes e jeitos que marcam os corpos e histórias de cada pessoa. Uma destas experiências é vivenciada a partir da relação de amizade. Para a teologia feminista o termo usado é sororidade, que significa a união e aliança entre mulheres, baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. A sororidade empodera mulheres em diferentes âmbitos da vida. A sororidade propõe um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade e deseja transformar as relações numa sociedade patriarcal e injusta no tocante às relações de gênero. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho reflete apresenta uma discussão conceitual sobre sororidade no campo dos estudos feministas e da teologia feminista, resgata narrativas bíblicas a partir da exegese e da hermenêutica bíblica feminista que expressam a vivência da sororidade e faz um breve histórico dos encontros de Ministras na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), tendo a sororidade como chave de análise. Dessa forma, busca dar visibilidade à bonita caminhada de encontros que as ministras da IECLB trilharam em 35 anos de ordenação tendo como pano de fundo as narrativas da Bíblia, ferramenta de trabalho das ministras que anunciam vida e denunciam injustiças. Os exemplos de sororidade da Bíblia respaldam, fortalecem, animam e encorajam mulheres ordenadas para preservarem espaços seguros de encontro, partilhas, experiências e vivências sororais a cada passo da caminhada, onde juntas se apoiam e empoderam com respeito e amizade.

**Palavras-chave:** Sororidade. Teologia Feminista. Sororidade na Bíblia. Encontros de Ministras - IECLB.

## ABSTRACT

The human experience with which feminist theology occupies itself is the real and daily experience which is loaded with knowledges and ways which mark the bodies and histories of each person. One of these experiences is lived out in friendship relationships. For feminist theology the term used is sorority, which means the unity and alliance between women based on empathy and companionship, seeking to reach common goals. Sorority empowers women in different spaces of life. Sorority proposes a pact of alliance, of strengthening, of complicity and desires the transformation of the relations in a patriarchal and unjust society as regards gender relations. Based on this perspective, this paper presents a conceptual discussion on sorority in the field of feminist studies and of feminist theology, recovers biblical narratives using exegeses and feminist biblical hermeneutics which express the experience of sorority and makes a brief historical review of the Women Ministers' Gatherings in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB), having sorority as the key for analysis. In this way it seeks to give visibility to the beautiful journey of gatherings which the women ministers of the IECLB have trailed in 35 years of ordination, observing as background the Bible narratives, the work tool of the women ministers who announce life and denounce injustice. The examples of sorority in the Bible give support, strengthen, animate and encourage ordained women to preserve safe spaces of encounter, sharing, experiences and sororal living experiences at each step of the journey, where together they support and empower each other with respect and friendship.

**Keywords:** Sorority. Feminist Theology. Sorority in the Bible. Women Ministers' Gatherings – IECLB.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 SORORIDADE: UM CONCEITO IMPORTANTE PARA A TEOLOGIA FEMINISTA .....</b>	<b>11</b>
2.1 Sororidade: conceito, objetivo, sentido e princípio .....	13
2.2 Sororidade e amizade.....	18
2.3 Sororidade, alteridade e <i>mismidad</i> .....	22
2.4 Sororidade, poder e empoderamento .....	24
<b>3 MULHERES EM SORORIDADE NA BÍBLIA .....</b>	<b>29</b>
3.1 Sororidade nas situações de cuidado .....	30
3.2 Sororidade na gestação da vida.....	32
3.3 Sororidade na luta pela sobrevivência.....	33
3.4 Sororidade na luta por justiça e direitos .....	36
3.5 Sororidade na defesa e anúncio da vida .....	38
3.6 Sororidade no seguimento a Jesus Cristo.....	40
3.7 Sororidade nos momentos de festa e celebração.....	42
3.8 Sororidade na liderança e na missão .....	43
<b>4 MINISTRAS DA IECLB SE ENCONTRAM.....</b>	<b>49</b>
4.1 A organização de mulheres e os primeiros encontros de ministras .....	51
4.1.1 Mulheres na teologia e as primeiras formas de organização .....	52
4.1.2 Breve histórico dos primeiros encontros de ministras .....	55
4.2 Encontros Nacionais e Sinodais de Ministras .....	59
4.2.1 O papel da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB na realização dos Encontros de Ministras .....	59
4.2.2 Primeiro Encontro Nacional – 2012: 30 anos de Mulheres no Ministério.....	61
4.2.3 Segundo Encontro Nacional de Ministras – 2015 .....	64
4.2.4 Encontro Representativo de Ministras da IECLB – 2017.....	66
4.3 Encontros Sinodais de Ministras – Sínodo Norte Catarinense .....	69
4.4 Sororidade experimentada nos Encontros de Ministras.....	76
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Procuro algo sobre a sororidade e ela vem dos pedaços da vida [...] É a sororidade com suas asas voando no tempo pela rota da alma. A sororidade se apresenta para ressignificar, ressurgir e dar a luz a novas ideias. Sororidade que não se mede no tempo, nos sentimentos e nos sabores, cheiros e lágrimas que brotam do nada e do tudo [...]¹

A teologia feminista ocupa-se com temas que emergem da realidade de vida e da experiência cotidiana das mulheres. Um destes temas é o pacto de confiança, amizade e fortalecimento entre mulheres que se tem chamado de sororidade. A vivência da sororidade empodera as mulheres para ações que dignificam a vida. Nessa perspectiva, o objeto da pesquisa que resultou no presente trabalho é a sororidade como força motivadora para o empoderamento das mulheres. Especificamente, o tema se concentra na análise conceitual do termo com aportes dos estudos e da teologia feminista, na visibilização de exemplos de sororidade desde a Bíblia e dos Encontros de Ministras da IECLB que ocorreram em âmbito nacional e dentro do Sínodo Norte Catarinense, entendidos como espaços de vivência sororal. A partir de uma descrição desses encontros, busca-se observar a dinâmica dos mesmos e como muitas ministras têm encontrado neles apoio, vivenciado a sororidade e sinais de fortalecimento para a vida no exercício do ministério ordenado.

Neste sentido as seguintes questões acompanham esta reflexão: O que é a sororidade? Como ela é vivenciada? Em que medida a sororidade é um componente ético e um elemento político importante na vida das mulheres? Por que a sororidade deve ser visibilizada? Como e onde a sororidade é vivenciada entre ministras da IECLB? É possível encontrar exemplos de sororidade a partir da leitura de narrativas bíblicas? Como o exemplo de sororidade das mulheres da Bíblia fortalece a ação sororal entre mulheres hoje? Por que as mulheres formam redes de apoio, são empoderadas e fortalecidas pela vivência da sororidade e por exemplos bíblicos que as incentivam à vivência sororal, especialmente como ministras da IECLB?

Esse estudo busca contribuir para que a vivência da sororidade, por meio de grupos de mulheres com suas ações, seja reconhecida, valorizada e percebida como agente de transformação, capacitando e valorizando os potenciais das mulheres e a prática do empoderamento. Em se tratando da Igreja e das mulheres que exercem o Ministério Ordenado, julga-se importante nomear e dar visibilidade a relatos bíblicos que afirmam a

---

<sup>1</sup> MASKE, Neli. Proseando com Dilma sobre Mosaicos de Sororidade. In: BENCKE, Romi, DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez (Orgs.). *Presidenta Dilma: em sororidade mulheres resgatam a história*. São Leopoldo: Karywa, 2017, p. 83-91.

sororidade e o empoderamento de mulheres nas diversas situações da vida, tanto como fundamento para a continuidade do trabalho que já é desenvolvido quanto como motivação para que seja ampliado e fortalecido nos mais diversos âmbitos da Igreja.

As temáticas em estudo também emergem de minha experiência pessoal e profissional como ministra ordenada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), ordenada há 16 anos e participante de três encontros nacionais e de doze encontros sinodais de ministras. A pesquisa, nesse sentido, também revelou-se como uma forma de aprofundar a reflexão sobre as experiências vivenciadas numa perspectiva crítica. Dessa forma, a experiência pessoal, uma categoria importante para os estudos e para a teologia feminista, também contribuiu tanto para a delimitação do objeto da pesquisa e a definição de seus objetivos, quanto como motivação e fonte a partir da memória e do acesso a informações e dados que enriqueceram a pesquisa documental e bibliográfica. A metodologia utilizada na pesquisa centra-se no método ver, julgar e agir, originário da Teologia da Libertação e reafirmado pela Federação Luterana Mundial em sua Política de Justiça de Gênero:

Ver significa observar e ler cada realidade e contexto. Julgar/discernir significa usar conceitos bíblicos, teológicos e de direitos humanos universalmente acordados para discernir essa realidade e as principais questões que surgem a partir do contexto. Agir significa praticar. Depois de ler e discernir a realidade, acordam-se ações para esse contexto específico<sup>2</sup>.

Neste sentido o primeiro capítulo aprofunda o conceito sororidade desde a ótica da teologia feminista e sua relevante reflexão acerca deste conceito vital. Aborda a relação da sororidade com temas afins da teologia e filosofia como amizade, alteridade e empoderamento. O segundo capítulo adentra nas experiências de sororidade desde a Bíblia, visibilizando experiências e textos bíblicos como aportes e subsídios importantes na caminhada de ministras da IECLB e de outras mulheres que sabem do valor da presença e atuação de outras mulheres nos diversos momentos da vida. O terceiro capítulo aborda a experiência das ministras da IECLB que se encontram, observando a história, temas e reflexões que os encontros propiciaram. Valoriza a presença e a força da sororidade na vida das ministras que compartilharam momentos únicos de apoio e amizade, sendo fortalecidas, empoderadas e cuidadas pela *Ruah* nos 35 anos de ordenação de mulheres na IECLB.

---

<sup>2</sup> FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Política de Justiça de Gênero*. Genebra: [s.n.], 2014, p. 14. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/politica-de-justica-de-genero-federacao-luterana-mundial>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

## 2 SORORIDADE: UM CONCEITO IMPORTANTE PARA A TEOLOGIA FEMINISTA

‘É fácil reconhecer as mulheres fortes: elas se Constroem mutuamente em lugar de se destruírem.’<sup>3</sup>

A frase em epígrafe expressa o tema que se pretende aprofundar neste capítulo que é tão caro para as ministras da IECLB: sororidade. Esse foi o tem do Encontro de Ministras realizado em 2017, no qual se falou sobre sororidade como o que Babi Souza define como “a união e aliança entre mulheres, baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.”<sup>4</sup> No cotidiano da vida as mulheres vivenciam a experiência de unir-se, encontrar-se, partilhar experiências, apoiar-se, ouvindo e exercitando a empatia, o cuidado, a solidariedade uma para com a outra, especialmente em situações que geram dor. Em relação a esta experiência, Vilma Piedade cunhou o termo “dororidade”. Segundo ela: “Dororidade, pois, contêm as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é preta.”<sup>5</sup> Especialmente quando há sofrimento, lamento, lutas e luto, a sororidade e a dororidade fazem-se presentes.

Este capítulo foi escrito no mês de março de 2018, tempo em que se lamenta a morte violenta da vereadora do PSOL, negra e lésbica, Marielle Franco<sup>6</sup> e de seu motorista, Anderson Pedro Gomes, na cidade do Rio de Janeiro. No momento da luta e do luto, as mulheres negras se organizam e, em sororidade e dororidade, choram a morte de sua companheira, que lutava incansavelmente por dignidade de vida. Juntas, carregaram o corpo silenciado, corpo negro. Mulheres precisam umas das outras para a vida e na morte. Com a morte de Marielle, mulheres se uniram e se apoiaram, encorajando-se mutuamente, em meio à dor, para honrar a companheira que até o último instante de vida lutou por justiça e dignidade.

<sup>3</sup> Frase encontrada em: FACEBOOK. *Partida Rio de Janeiro RJ*, 22 set. 2015. Disponível em: <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1473130103015237&id=1421707364824178](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1473130103015237&id=1421707364824178)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>4</sup> SOUZA, Babi. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera, 2016, p. 41.

<sup>5</sup> PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 16.

<sup>6</sup> Marielle Franco foi assassinada na quarta-feira, 14 de março de 2018, quando saía do debate promovido pelo grupo *Jovens Negras Movendo as Estruturas*, organizado pelo seu partido, o PSOL, onde havia citado a frase da feminista norte-americana, negra, lésbica, escritora e poetisa, Audre Lorde: "Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas." No evento, Marielle afirmou: “Quando as mulheres negras se movem, a gente move também as estruturas”. (MENDES, Leticia. Marielle Franco: filha da Maré, negra, defensora dos direitos humanos e feminista, *Gaúcha ZH*, 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/03/marielle-franco-filha-da-mare-negra-defensora-dos-direitos-humanos-e-feminista-cjesqs34d03a301r4o4mq3vzi.html>>. Acesso em: 10 mai. 2018).

Em certo momento da vida nos juntamos em uma só, viramos sereias. Era a nossa brincadeira. Cinco mulheres, de diversas idades e profissões reunidas numa irmandade de cuidado, proteção, política e amor. Entre nós, tínhamos nossa leoa: negra, favelada, bissexual, com uma força que nos reunia em torno de nós mesmas: Marielle. Ela, assim como nós, era feminista, defensora dos direitos humanos e lutava no seu dia a dia para o fim do machismo, do patriarcado, do genocídio da juventude pobre e negra das favelas. E nossa amiga decidiu, após tantos anos de militância e trabalho, representar a todas nós também no Parlamento [...] Por isso a mataram. Os covardes, machistas, racistas que não suportaram uma negra, favelada e feminista na Câmara, enfrentando os poderosos da cidade, que não suportaram ver a potência da negritude e ancestralidade que carregava, o simbolismo de sua figura gigante [...] Eu sou porque nós somos! Nós seremos resistência porque você foi luta! Marielle Franco vive!<sup>7</sup>

Marielle vive! Marielle e tantas outras que tombaram lutando animam e empoderam, ecoam em corpos e palavras de mulheres que lutam. É preciso continuar, juntas, por um mundo com justiça e dignidade. Construir teologia desde a experiência da dor, desde o sofrimento de mulheres que, juntas e organizadas, formam um cordão de isolamento para poderem carregar o caixão com o corpo da companheira de luta. O poder de mulheres que agem juntas é uma questão importante para a teologia feminista.

Partir das experiências, como critério de discernimento teológico, torna visível e presente a voz, o rosto e os corpos daqueles setores excluídos na estruturação social hierárquica e piramidal, como as pessoas negras, indígenas, portadoras de deficiências, entre outras. As experiências das mulheres constituem-se como lugar de reflexão teológica. Partir desse lugar para a construção das reflexões teológicas pressupõe que nossas posturas pessoais e nossas experiências definem e moldam as nossas concepções e afirmações, enfim, são chaves epistemológicas que afirmam que o nosso conhecimento não é neutro<sup>8</sup>.

Que força é esta que rompe barreiras do individualismo, da inimizade, do machismo, da misoginia? Que força é esta que gera novas possibilidades de vida, de organização, que sustenta mulheres para levarem o caixão de sua companheira de luta e as conduz para a luta juntas? Que força é esta que mulheres transmitem para uma presidente deposta por um golpe em plena democracia<sup>9</sup>? Que força é esta que carrega mulheres em diferentes contextos,

<sup>7</sup> TRINDADE, Cláudia et al. Enterraram uma semente. *Folha de S. Paulo*, 18 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/03/claudia-trindade-daniela-fichino-gabriela-buscacio-e-lia-rocha-enterraram-uma-semente/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

<sup>8</sup> NEUFELD, Elaine. Teologia Feminista na formação teológica - conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos, STRÖHER; Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 129.

<sup>9</sup> A presidenta eleita para o mandato de 2015 – 2018, Dilma Rousseff, sofreu processo de impeachment e um duro golpe: “Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. Na justificativa para o pedido de impeachment, os juristas alegaram que a então presidente havia cometido crime de responsabilidade pela prática das chamadas ‘pedaladas fiscais’ e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso.” AGÊNCIA SENADO. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. *Senado Notícias*, 28 dez. 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 06 mai. 2018. Diante desta situação, inúmeras foram as

profissões, situações e as faz crerem que não estão sozinhas e têm onde se apoiar? Que força é esta que tem organizado ministras da Igreja e as tem motivado para encontros e partilhas? É a força da sororidade!

O sentido da sororidade é propiciar melhores condições de vida para mulheres e derrubar muros. Sororidade, portanto, significa as mulheres reconhecerem-se como irmãs, amigas e solidárias nas lutas pelo bem viver. Uma palavra que, se vivida, produz sentimento potente que nasce no coração, numa relação profunda de solidariedade e compromisso na luta contra qualquer tipo de injustiça, sofrimento e violência. A sororidade faz com que as mulheres não se olhem como adversárias, mas como irmãs, que é a essência humana. É a compreensão de fazer parte do coletivo, da casa comum, deste mundo que habitamos. Viver a sororidade é saber que não se está sozinha<sup>10</sup>.

## 2.1 Sororidade: conceito, objetivo, sentido e princípio

A teologia feminista ocupa-se com a vida cotidiana do ser humano. Volta-se, de maneira especial, para as experiências das mulheres e aprofunda como essas experiências marcam e determinam suas decisões e ações. Sua função é de instrumentalizar as pessoas para a promoção da vida, com respeito, dignidade, valorizando a história de vida de cada ser humano. Neste sentido, olha para as experiências das mulheres, percebendo e valorizando suas ações. Dá visibilidade às ações das mulheres a partir da Bíblia, na Igreja, na História e na vida da sociedade como um todo.

Para a teologia feminista alguns temas são essências na sua reflexão e prática. Destacam-se: a vida cotidiana das mulheres; a experiência das mulheres; a hermenêutica feminista; a lógica da vida em sua integralidade; a subjetividade; a memória histórica; a prática do carinho; o ecumenismo alternativo<sup>11</sup>. A experiência humana com a qual a teologia feminista se ocupa é a experiência real e cotidiana que está carregada de saberes e jeitos que marcam os corpos e histórias de cada pessoa. Esta experiência cotidiana na vida de cada ser humano está carregada de conhecimento, de saberes, de jeitos e sentido. É o que a teóloga feminista Ivone Gebara chama de “epistemologia da vida ordinária”, definindo-a assim:

---

manifestações de mulheres solidárias à presidente Dilma. Confira: XAVIER, Márcia. Em ato de “sororidade”, mulheres defendem Dilma de tentativa de golpe. *Vermelho*, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/278902-1>>. Acesso em: 06 mai. 2018; MATOSO, Filipe. Dilma recebe no Planalto apoio de mulheres contra o impeachment. *GI*, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-recebe-no-planalto-apoio-de-mulheres-contra-o-impeachment.html>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

<sup>10</sup> ULRICH, Claudete Beise. Dilma: Tão grande quanto o mar! In: BENCKE; DE LA PAZ, 2017, p. 114-120, p. 119.

<sup>11</sup> AQUINO, María Pilar; TÁMEZ, Elsa. *Teología Feminista Latinoamericana*. Quito: Ed. Aby-Yala, 1998, p. 59-69.

A epistemologia da vida ordinária é a epistemologia de todos os mortais. É aquela que não é pensada em termos epistemológicos no sentido de anterioridade ou posterioridade de algum elemento que condicione o conhecimento: por exemplo, se conhecemos primeiro a partir da experiência ou a partir de uma ideia que nos foi ensinada. É uma epistemologia ou um estado de conhecimento que nos acompanha sempre, que é de nossa condição humana e se aperfeiçoa e se modifica a partir das diferentes situações da vida<sup>12</sup>.

Gebara afirma que é a partir da experiência cotidiana da vida que se pode ir “transformando a compreensão da vida e da história humanas a partir do nosso cotidiano e suas múltiplas experiências.”<sup>13</sup> O termo sororidade não aparece nos dicionários de língua portuguesa. É um conceito utilizado pelo movimento feminista<sup>14</sup>. No Dicionário de Teologia Feminista o termo é definido desta forma:

Sororidade é a expressão para a solidariedade, a amizade e a interdependência mútua das mulheres [...] A palavra ‘sororidade’ veio a surgir só na época atual [...] Deriva de sóror, irmã, no sentido de amiga, de alguém que compartilha do mesmo povo e da mesma crença [...] Nos primeiros tempos do movimento feminista alemão (teologia feminista) as mulheres consideravam-se como ‘irmãs’[...] Na teologia ecumênica sororidade não é entendida como mera variante verbal de fraternidade, mas como uma relação independente de mulheres que aprendem a reconhecer-se mutuamente como seres humanos plenos [...] Sororidade seria então a amizade e o amor participativo a tudo quanto é vivo, vivido em comum pelas mulheres e também umas para com as outras<sup>15</sup>.

Dentre as autoras que têm abordado e aprofundado o conceito de sororidade destaca-se a feminista mexicana Marcela Lagarde y de los Ríos. Em seus livros e artigos, afirma ser a sororidade essencial para o feminismo, pois ao viver a sororidade, as mulheres denunciam e lutam contra a misoginia, considerando cada mulher como parceira de caminhada, sem discriminação, julgamento ou hostilidade<sup>16</sup>. A autora afirma que as mulheres não teriam sobrevivido ao longo dos séculos se não fosse o apoio vital de outras mulheres e pergunta: “Que seria das mulheres sem nossas mães, avós, sem nossas parentas? Que seria de nós sem nossas companheiras e amigas?”<sup>17</sup>

A sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva das mulheres que as conduz à busca de relações

<sup>12</sup> GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 33.

<sup>13</sup> GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017a, p. 45.

<sup>14</sup> ULRICH, 2017, p. 119.

<sup>15</sup> WENDEL, Elisabeth Moltmann. Sororidade. In: GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 458-461.

<sup>16</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (Orgs.). *Estudos feministas, mulheres e educação popular*. Curitiba: CRV, 2016, p. 25.

<sup>17</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016, p. 29. Texto no idioma original: *¿Qué sería de las mujeres sin nuestras madres, hijas, abuelas, sin nuestras parientas? ¿Qué sería de nosotras sin nuestras compañeras y nuestras amigas?* (tradução própria)

positivas e a aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade com outras mulheres, para contribuir à eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para obter o poder genérico de todas e o empoderamento vital de cada mulher<sup>18</sup>.

A sororidade cria relações justas numa sociedade fundamentada na injustiça. Segundo Mónica Pérez, “a palavra sororidade deriva-se de irmandade entre mulheres, o perceber-se como iguais que podem aliar-se, compartilhar e, sobretudo, transformar sua realidade devido ao fato de que todas, de diversas maneiras, temos experimentado a opressão.”<sup>19</sup> A sororidade propõe um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade por meio da amizade entre mulheres que desejam transformar as relações de injustiça e dominação presentes na sociedade. “A sororidade é a aliança feminista entre as mulheres. Sororidade [...] enuncia os princípios ético-políticos de paridade, ausência de hierarquia patriarcal, e relação paritária entre mulheres.”<sup>20</sup> As mulheres, de diferentes formas e em distintos momentos, formam pactos de amizade e apoio com outras mulheres em seu cotidiano. Amigas, irmãs, familiares, colegas de trabalho, seja onde for, a sororidade se faz presente e empodera mulheres para a ação, pois agir juntas é melhor do que em solidão e individualismo.

A teologia feminista motiva e anima mulheres e homens para que haja uma reflexão da teoria a partir da prática, do cotidiano de vida, e pergunta pelas reais transformações possíveis para cada situação vivenciada. Marie-Christine Josso afirma o valor da experiência de cada pessoa como narrativas de formação, sendo elas individuais ou coletivas. Neste sentido, as experiências formadoras são elaboradas em 03 categorias: ter experiências, fazer experiências e pensar sobre as experiências<sup>21</sup>. Sendo assim, a teologia feminista pretende dar visibilidade e refletir sobre a vivência da sororidade, experiência esta antiga, porém nem sempre reconhecida e valorizada pela sociedade.

<sup>18</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016, p. 25. Texto no idioma original: *La sororidad es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que las conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política, cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.* (tradução própria)

<sup>19</sup> PÉREZ, Mónica. *Sororidad: nueva práctica entre mujeres*. México: CIMAC, 2004. Disponível em: <<http://www.mujerpalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016. Texto no idioma original: *La palabra sororidad se deriva de la hermandad entre mujeres, el percibirse como iguales que pueden aliarse, compartir y, sobre todo, cambiar su realidad debido a que todas, de diversas maneras, hemos experimentado la opresión.* (tradução própria)

<sup>20</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *El feminismo en mi vida – hitos, claves e topias*. México: Instituto de las Mujeres del Distrito Federal, 2012, p. 543. Texto no idioma original: *La sororidad es la alianza feminista entre las mujeres. Sororidad [...] enuncia los principios ético-políticos de paridad, ausencia de jerarquía patriarcal, y relación paritaria entre mujeres.* (tradução própria)

<sup>21</sup> JOSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 51.

Sobre a experiência de mulheres com a sororidade, há uma inquietação feminista que leva ao questionamento de como fazer com que a sororidade esteja mais presente na reflexão e prática de mulheres, a fim de que percebam a força e o poder que têm quando agem juntas e se apoiam em decisões e ações que buscam promover a vida e a justiça. A Pa. Dra. Elaine Neuenfeldt, quando foi convidada para falar para mais de 2.000 mulheres luteranas reunidas entre 17 e 19 de março de 2017 em Foz do Iguaçu/PR, no Encontro Nacional de Mulheres Luteranas pelos 500 anos da Reforma, afirmou:

Sabemos que somos muitas, somos multidão [...] Pensemos então as mudanças necessárias, coletivamente. Pensemos a comunidade, a igreja como lugar de comunhão, onde partimos o pão e a mesa. Esta partilha nos faz solidárias, em sororidade – que é o feminino de fraternidade – umas com as outras. Sentemos à mesa em companhia umas das outras, pois nos tornamos aliadas com quem compartilamos o pão, com quem compartilamos a mesa. Com pan – com-partir o pão – é a raiz latina da companhia. Que o corpo e o sangue de Cristo, que nos oferece a graça da salvação, seja a força que nos move e nos transforma<sup>22</sup>.

Em vários momentos da referida palestra a frase era repetida pelas mulheres: “Somos muitas, somos multidão!” Evidencia-se que a transformação da realidade ocorre pela via coletiva, pelo viés da caminhada conjunta, em parceria, em comunhão, como a sabedoria popular já aponta: “Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá acompanhado” (Provérbio Africano), assim como o canto popular das mulheres que encanta e fortalece: “Companheira, me ajuda, eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.” Viver a sororidade é aspecto essencial da teologia feminista e na vivência entre ministras da IECLB, pois a sororidade questiona a misoginia presente na sociedade patriarcal e busca considerar as mulheres sem discriminação, sem competição, ciúmes ou hostilidade.

A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigmas, e o esforço pessoal e coletivo de desmontá-la na subjetividade, nas mentalidades e na cultura, de maneira paralela à transformação solidária das relações com as mulheres, as práticas sociais e as normas jurídico políticas<sup>23</sup>.

Marcela Lagarde menciona que a sororidade tem semelhança com o “*affidamento*”, termo que provém do movimento das feministas italianas. “Affidar-se quer dizer ter confiança

<sup>22</sup> NEUENFELDT, Elaine. Palestra do Encontro Nacional de Mulheres Luteranas - Mulheres Luteranas celebrando os 500 anos. In: LIEVEN, Elisabeth et al. *Caderno de Estudo da OASE 2017* - Associação da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas do Sínodo Espírito Santo à Belém, p. 110. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/caderno-de-estudos-da-oase-2017-sinodo-espirito-santo-a-belem>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>23</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016, p. 25. Texto no idioma original: *La sororidad es la conciencia crítica sobre la misoginia, sus fundamentos, prejuicios y estigmas, y es el esfuerzo personal y colectivo de desmontarla en la subjetividad, las mentalidades y la cultura, de manera paralela a la transformación solidaria de las relaciones con las mujeres, las prácticas sociales y las normas jurídico políticas.* (tradução própria)

na outra. Esta política está baseada em construir confiança entre as mulheres, em conseguir a confiabilidade política das mulheres.”<sup>24</sup> Unir as mulheres para lutar por um mundo justo, solidário e que se oponha às violências e opressões que o machismo e o patriarcado impõem à sociedade é aspecto essencial da teologia feminista, pois:

[...] a teologia feminista oferece um espaço teórico em que as mulheres se autoexperimentam como autoras e objeto da ação e da elaboração teórica a partir de nossa própria estrutura corporal. Este espaço também supõe estabelecer alianças de valores, de interesses e tarefas comuns com outras mulheres e com outros grupos sociais que trabalham por transformar as desigualdades eclesiais e sociais<sup>25</sup>.

Lagarde apresenta cinco princípios éticos para que a prática da sororidade seja instaurada nas relações entre mulheres, os quais são: a) não evidenciar práticas misóginas e opressivas entre mulheres; b) valorizar individualmente e coletivamente as mulheres; c) reconhecer a autoridade de cada mulher em seu contexto de vida; d) não vincular os termos autoridade com autoritarismo, tendo uma nova visão de poder; e) construir a autoidentidade e a autoestima em cada mulher como suporte para reconhecer e valorizar as outras mulheres<sup>26</sup>.

A fim de que a experiência da sororidade seja produzida e vivenciada, Marcela Lagarde ainda menciona a necessidade de quatro condições básicas, a saber: a) a identificação das mulheres nas semelhanças de gênero; b) reconhecer que todas as mulheres não são idênticas e sim diferentes, o que se torna um poder político-filosófico; c) prática do respeito diante das diferenças unidas à individualidade de cada mulher; d) compartilhar recursos, espaços, bens e avançar sempre juntas promovendo a reciprocidade, equidade e autonomia das mulheres<sup>27</sup>. Mulheres que se dispõem a vivenciar a sororidade podem se apoiar e se construir em conjunto:

A cultura feminista é uma criação interativa, intersubjetiva e dialógica entre mulheres. Convoca a imaginação, é marcada pela paixão da descoberta, acorda a criatividade e a sintonia, ao partir das vivências pessoais e coletivas, visa alcançar a construção de uma nova ordem simbólica, que as liberte da ordem simbólica

<sup>24</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Para mis socias de la vida: Claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres, los liderazgos entrañables y las negociaciones en el amor*. Cuadernos Inacabados, no. 48, Madrid: Horas y Horas, 2005, p. 117. Texto no idioma original: *Affidarse quiere decir tener confianza en la otra. Esta política está basada en construir la confianza entre las mujeres; en lograr la confiabilidad política de las mujeres*. (tradução própria)

<sup>25</sup> AQUINO, TÁMEZ, 1998, p. 63. Texto no idioma original: *[...] la teología feminista ofrece un espacio teórico en que las mujeres se auto-experimentan como actoras y objeto de la acción y de la elaboración teórica a partir de nuestra propia estructura corporal. Este espacio también supone establecer alianzas de valores, de intereses y de tareas comunes con otras mujeres y con otros grupos sociales que trabajan por transformar las desigualdades eclesiales y sociales*. (tradução própria)

<sup>26</sup> Cf. LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016, p. 29-30.

<sup>27</sup> Cf. LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016, p. 31-32.

introjetada pelo patriarcalismo<sup>28</sup>.

A sororidade é possível porque as mulheres têm uma experiência comum<sup>29</sup>, por serem mulheres, numa sociedade patriarcal que as oprime e invisibiliza e, ao mesmo tempo, são diferentes e diversas. Mulheres como iguais, mas que são diferentes em seus jeitos, etnias, culturas, classes, religiões, emoções e vivências cotidianas. Nesta ciranda, neste passo de dança em comum, mulheres buscam força e apoio, por meio da sororidade, que valoriza a igualdade de cada uma nas muitas diferenças.

E é essa igualdade como direito de ser desigual, de viver como desigual, isto é, como diferente, como maior ou como menor, como velha ou como moça, como índio ou como branco, que precisamos afirmar como necessidade para a convivência humana [...] Trata-se de uma desigualdade digna, de uma desigualdade que expressa nossa diferença e expressa também, e com força, a necessidade ética de sermos iguais na afirmação de direitos, iguais na afirmação da dignidade, iguais em nossa humanidade igual e desigual<sup>30</sup>.

## 2.2 Sororidade e amizade

Um tema muito comum quando se aborda a experiência de vida das mulheres em seu cotidiano é a amizade. A amizade é uma relação baseada na confiança e na liberdade. É antiga e perfaz a vida da humanidade, superando tempo e espaço. Segundo Gisela Streck:

A amizade é uma experiência que tem acompanhado o ser humano desde sempre e se relaciona com a própria história da humanidade. Faz parte da convivência humana e tem um potencial crítico em relação a um mundo competitivo e dividido em fortes e fracos. Na amizade, o relacionamento não se baseia em poder, obediência, autoridade, mas sua principal característica é a maturidade<sup>31</sup>.

Pessoas, grupos e organizações têm se ocupado com o tema da amizade, mas nem sempre a amizade entre mulheres é valorizada e analisada<sup>32</sup>. A amizade entre mulheres é definida pela teóloga feminista norte-americana, Mary E. Hunt, como um elemento político de

<sup>28</sup> FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres*. Construir a solidariedade a partir do livro de Rute. Série ensaios, vol. 9. São Leopoldo: CEBI/Contexto, 2007, p. 17-18.

<sup>29</sup> “Há somente um elemento em comum nas diversas experiências das mulheres: a opressão de gênero. Todo o restante, classe, raça, cultura, idade, etc., são especificidades que não podem ser declaradas universais.” HUNT, Mary E. Amigas verdaderas; amigas en la acción. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Orgs.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago: Sello Azul/Editorial de Mujeres, 1994, p. 443-450, p. 446. *Hay sólo un elemento en común en las diversas experiencias de las mujeres: la opresión de género. Todo lo demás, clase, raza, cultura, edad, etc., son especificidades que no pueden ser declaradas universales.* (tradução própria).

<sup>30</sup> GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010, p. 114.

<sup>31</sup> STRECK, Gisela I. W. Deus é pai – Deus é como um amigo: como falar de Deus com adolescentes no Ensino Religioso. *Fenômeno Religioso e Metodologias*: VI Simpósio de Ensino Religioso, São Leopoldo, 10-12 set. 2009, p. 77-82, p. 81.

<sup>32</sup> Veja a proposta da Revista NOVOLHAR que, ao abordar o tema “Amizade”, não faz referência à amizade entre mulheres. NOVOLHAR. São Leopoldo: Sinodal, ano 14, no. 61, jan./mar. 2016.

transformação pessoal e social. Como ela afirma:

Penso a amizade não como uma categoria menos importante depois do casamento, mas como uma experiência potencialmente universal das relações humanas feitas de amor, poder/força, sexualidade e espiritualidade. A amizade é disponível para todos; o casamento é disponível para algumas pessoas. As amizades vêm em uma infinidade de formas, mas a amizade feminina, que a antiga filosofia grega, por exemplo, nem sequer reconhecia, é uma fonte de incrível energia para a mudança social assim como para a satisfação pessoal<sup>33</sup>.

Preservar e fortalecer uma amizade também gera um impacto recíproco. A amizade é “uma motivação poderosa para criar vínculos numa estrutura geradora de inimigos [...] Pois a amizade é um relacionamento intrinsecamente político.”<sup>34</sup> Vale lembrar que, para o feminismo e para a teologia feminista, o pessoal é político.

Um caminho da ética feminista se move na dinâmica de atentar para os interesses pessoais e promover a interação com o social. Essa é uma via que problematiza a premissa feminista de que o pessoal é político, acreditando que o político também se faz a partir de questões pessoais<sup>35</sup>.

A vivência da amizade entre mulheres gera relação de respeito, afeto e promove libertação. A sororidade é libertadora e fortalece o poder vital que sustenta, sacia e fortalece as ações das mulheres nos diferentes âmbitos da vida por meio da confiança de uma para com a outra.

A base da amizade é a liberdade, e nesta radica uma parte de sua força: todas as demais relações estão marcadas pelo dever, a utilidade ou o desejo; porém na amizade, uma vez elegida, cria-se um vínculo que é um dos mais fortes que podem ser estabelecidos: o da confiança<sup>36</sup>.

A sororidade é fortalecida pela vivência da liberdade e na aposta de interesses e projetos comuns que unem e movem as mulheres num determinado grupo. Para as mulheres, a força, o apoio, a cumplicidade, a confiança, são elementos éticos essenciais para o empoderamento, para ações em defesa da vida.

---

<sup>33</sup> HUNT, Mary. A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental. *IHU Online* – Revista do Instituto Humanitas Unisinos: São Leopoldo, no. 199, Ano VI, 09 out. 2006. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=472&secao=199](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=472&secao=199)>. Acesso em: 10 out. 2016.

<sup>34</sup> HUNT, Mary E. O Amigo. In: DOWNING, Christine (Org.). *Espelhos do Self* – Imagens arquetípicas que moldam a sua vida. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 246-251, p. 250.

<sup>35</sup> NEUENFELDT, 2008, p. 128.

<sup>36</sup> MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios* – Teología para una era ecológica y nuclear. Santander: Sal Terrae, 1994, p. 269. Texto no idioma original: *La base de la amistad es la libertad, y en ésta radica una parte de su fuerza: todas las demás relaciones están marcadas por el deber, la utilidad o el deseo; pero en la amistad, una vez elegida, se crea un vínculo que es uno de los más fuertes que pueden establecerse: el de la confianza.* (tradução própria)

Trata-se de uma amizade fundada em valores éticos de convivência, uma amizade não em nome de nossos deuses e nossas doutrinas, mas em nosso próprio nome como humanidade [...] Se não forem nosso próprio nome, nunca assumiremos a responsabilidade humana de tornar o mundo um lugar viável e agradável a todos os seres<sup>37</sup>.

Assim como na amizade, a vivência da sororidade implica em confiança, em cuidado, em querer bem para si, para a outra, para o mundo. Implica em gostar de estar juntas e encontrar-se, na escuta ativa e amorosa, na palavra que gera vida e constrói, na aposta em objetivos comuns e na criação de parcerias num círculo onde todas podem e sabem. Desta forma, a competição e a rivalidade são dissimuladas e não há mais espaço para antagonismos entre mulheres, pois o que se opõe à prática da sororidade são a competição e o cultivo da inimizade, alimentadas pelo sistema patriarcal.

As relações de inimizade e ódio cultivadas entre as mulheres são resultados da organização patriarcal do mundo e estimuladas através de processos educativos escolares e não escolares e também pela forma como ocorre a socialização de gênero. Cada mulher aprende a ser competitiva com outra mulher através da mediação de classe, raça, etnia, geração, religião. Desse modo, elas estabelecem entre si eixos hierárquicos de domínio e de opressão de umas sobre as outras. As mulheres acabam reproduzindo formas autoritárias de maneira acrítica<sup>38</sup>.

Lutas por poder, discriminação, violências, agressões e conflitos existem também entre mulheres como fruto da educação patriarcal e sexista. Mulheres criam inimizades com outras mulheres e não as apoiam sempre. Segundo Wendel, “isto talvez seja o reflexo de um ódio contra a mãe que não foi interiorizado e de uma hostilidade contra as ‘mulheres fortes’.”<sup>39</sup> Assim, Marcela Lagarde afirma que a amizade entre as mulheres cria a sororidade que evidencia a busca pela relação de cada mulher com a mãe perdida, satisfazendo esta interdependência relacional não mais entre filha-mãe, e sim na amiga-irmã. Segundo a autora:

Na relação básica com a amiga, as mulheres encontram a mãe afetiva que não é a mãe onipotente da pequena criança, senão uma mulher, uma igual, da qual aprendem, a qual ensina, com quem se acompanham, com quem constroem. Não é mais a mãe, aparece a irmã como companhia. A sororidade pode significar a realização do desejo oculto que mobiliza a mulher em busca do objeto perdido, a mãe perdida. Esta nova relação sororal paritária entre as mulheres implica em dupla transformação: é o encontro com a mãe simbólica ressignificada pela aceitação da outra, e é uma metodologia que permite às mulheres construir uma identidade íntegra e coesa, não fragmentada nem infantil. Nesta relação, umas são o espelho caleidoscópico das outras que, por sua vez, o são de outras, e assim sucessivamente.

<sup>37</sup> GEBARA, 2010, p. 53.

<sup>38</sup> BECKER, Márcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber fazer-pensar nas ciências humanas. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 2, no. 2, p. 243-256, ago./dez. 2016, p. 246. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883/2687>>. Acesso em: 25 set. 2016.

<sup>39</sup> WENDEL, 1996, p. 460.

Cada qual permite às demais olhar-se através do olhar e da escuta, da crítica e do afeto, da criação, da experiência<sup>40</sup>.

Lagarde propõe que se construa e afirme a autonomia<sup>41</sup> na vida de cada mulher para que se fortaleçam os laços de amizade como componente social e político, essencial no círculo da vida. Afirma que é necessário “revisar a ética da amizade, as ideologias da amizade, a cultura da amizade entre mulheres.”<sup>42</sup> A força da amizade entre mulheres é poderosa e transforma o patriarcado. Transforma quem se propõe a, juntas, caminhar e sonhar, pois manter amizades e formar um grupo de mulheres é libertador, político e contribui para que haja justiça de gênero numa sociedade patriarcal.

Por isso é que amar as mulheres é uma atividade política. Não é uma atividade privada de sentimentos misteriosos, embora, desde logo, a amizade nunca pode ser reduzida a uma agenda política. Mais bem, é a deliciosa experiência de descobrir que o corpo e o espírito não necessitam estar separados, que as amigas podem ser amantes, que as colegas podem ser amigas, que o mundo não necessita ser um meio ambiente alienado e dicotomizado. Este é o trabalho da justiça, transformar a ideologia da opressão num convite a uma libertação comunitária. A amizade ajuda para que isto ocorra, e o ter amigas com quem trabalhar o facilita mais<sup>43</sup>.

Mary Hunt afirma ser a amizade entre as mulheres a melhor maneira de lutar contra o patriarcado. Segundo ela: “As mulheres sempre têm sido amigas. O patriarcado encobriu o significado desta amizade ao insistir, com a ajuda das igrejas cristãs, que a interação humana ideal era o matrimônio e não a amizade.”<sup>44</sup> Por sua vez, Ivone Gebara afirma ser a amizade recíproca, livre e verdadeira, que convida ao pensamento e a formas alternativas de lutar contra a repressão e a dominação de toda forma de poder que queira ofuscar a vida justa e digna:

Para resistir, nada melhor do que pensar, e pensar entre amigos e amigas que creem nos mesmos desafios que a vida nos lança [...] Nesse processo, Jesus perde seu

---

<sup>40</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 487-488. Texto no idioma original: *En la relación básica con la amiga, las mujeres encuentran la madre afectiva que no es la madre omnipotente de la pequeña niña, sino una mujer, una igual, de la cual aprenden, a la cual enseñan, con quien se acompañan, con quien construyen. No es más la madre, aparece la hermana como compañía. La sororidad puede significar la realización del deseo oculto que moviliza a la mujer a la búsqueda del objeto perdido, de madre perdida. Esta nueva relación sororal paritaria entre las mujeres implica en doble cambio: es el encuentro con la madre simbólica resignificada por la aceptación de la otra, y es una metodología que permite a las mujeres construir una identidad íntegra y cohesionada, no fragmentaria ni infantil. En esta relación, unas son el espejo caleidoscópico de las otras que, a su vez, lo son de otras, y así sucesivamente. Cada cual permite a las demás mirarse a través de la mirada y la escucha, de la crítica y del afecto, de la creación, de la experiencia.* (tradução própria)

<sup>41</sup> Lagarde aprofunda o conceito de autonomia associado à autoidentidade de cada mulher, cf. LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 50-54.

<sup>42</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 43. Texto no idioma original: *Revisar la ética de la amistad, las ideologías de la amistad, la cultura de la amistad entre mujeres.* (tradução própria)

<sup>43</sup> HUNT, 1994, p. 447.

<sup>44</sup> HUNT, 1994, p. 445.

senhorio de dominação à maneira dos príncipes das nações e passa a chamar-nos de amigos e de amigas. Passa a construir conosco uma amizade inspiradora, uma cumplicidade amorosa única, capaz de nos ajudar a dar pão a quem tem fome, a dividir nossas túnicas e terras e casas e bens de todo tipo. E esta amizade amorosa acontece também entre nós e permite recomeçar sempre de novo a luta pela dignidade humana e pela dignidade da terra [...] Poderemos refazer os nossos sonhos de fazer da terra um planeta habitável para todos, e de nossa tradição cristã, uma herança de vida para todos nós<sup>45</sup>.

### 2.3 Sororidade, alteridade e *mismidad*

Segundo Antônio Sidekum, na filosofia clássica moderna, Martin Buber apresenta a cosmovisão do ser humano como um ser em constante relação com a outra pessoa, o que é denominado de alteridade. A alteridade absoluta da outra pessoa é reconhecida pelo exercício da solidariedade, caracterizado como “a experiência da unidade na multiplicidade, como poder de uma ética da solidariedade.”<sup>46</sup> É a relação constante e recíproca que fundamenta a ação e vida do ser humano, tornando-o essencialmente um “ser-com-o-outro-no-mundo.”<sup>47</sup>

O conceito filosófico da alteridade, fundamentado no princípio da relação ‘eu e tu’ de Buber<sup>48</sup>, também se encontra presente no princípio de justiça de Levinas<sup>49</sup>. Segundo Sidekum, para esse filósofo, “mesmo antes da minha existência, já sob subjetividade, o meu eu é infinitamente responsável pelo outro.”<sup>50</sup> Neste sentido, viver é um constante relacionar-se com outras pessoas, com as quais me comprometo em respeitar e promover justiça, de maneira corpórea, próxima, contextual, cotidiana, lado a lado, no encontro e diálogo emergente e emergencial.

É na vida cotidiana que as mulheres se fortalecem e afirmam o “eu” que convida a uma relação de alteridade que conduz à prática do amor e da justiça. Para a teóloga feminista Mary Hunt, o conceito de justiça está interligado com o poder relacional, poder compartilhado, não hierárquico, que permite relações humanas saudáveis e corretas consigo mesma, com as outras pessoas, com a criação e com a divindade<sup>51</sup>. As mulheres, ao se apoiarem mutuamente e criarem redes de amizade para partilharem recursos, promovem justiça entre elas. As mulheres que sonham junto com outras mulheres e compartilham perspectivas são amigas e “nossas colegas e confidentes, nossas irmãs trabalhadoras na

<sup>45</sup> GEBARA, 2010, p. 252.

<sup>46</sup> SIDEKUM, Antônio. Alteridade e Interculturalidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 233-298, p. 235.

<sup>47</sup> SIDEKUM, Antônio. *Ética e alteridade*. A subjetividade ferida. São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 131.

<sup>48</sup> Ver mais em: BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2. ed. revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

<sup>49</sup> SIDEKUM, 2002, p. 145.

<sup>50</sup> SIDEKUM, 2002, p. 149.

<sup>51</sup> HUNT, Mary E. *Sexo bom, sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2001, p. 31.

construção do projeto de uma sociedade justa e inclusiva.”<sup>52</sup>

A teoria feminista de Marcela Lagarde propõe o uso do termo “*mismidad*”, o qual é definido como “síntese filosófica da autoestima e a autoidentidade, é a afirmação de cada uma em sua vida, em seu corpo e em sua subjetividade através de seus poderes vitais e de suas liberdades.”<sup>53</sup> O termo “*mismidad*” é traduzido por Lagarde como “ser-para-si” e está relacionado com o amor e cuidado para si mesma, como mulher, a fim de ser fortalecida nas relações de apoio e reciprocidade com as outras. É a autoestima pelo ser mulher que perfaz a relação com a outra mulher e se fortalece na prática da sororidade. “A sororidade é fonte de autoestima porque aqui se trata, ademais, de uma experiência consciente de orgulho e identificação entre mulheres que, ao reconhece-se, endossar-se, dar-se autoridade e apoiar-se, apoiam a cada uma.”<sup>54</sup>

Marcela Lagarde afirma que às mulheres sempre esteve destinado, na sociedade patriarcal, o ser-para-os-outros, no sentido de cuidar de outros, realizar e ser para as outras pessoas, especialmente para a figura masculina. Afirma que as mulheres investem forças cuidando de tudo e todos ao seu redor e esquecem-se de si mesmas. Por isso, ela propõe que mulheres pensem mais em si mesmas, valorizem suas vidas e histórias, e afirma: “Não há autonomia sem biografia [...] Para que haja autonomia se requer repensar a própria vida.”<sup>55</sup>

O feminismo tem criado a chave civilizatória de gênero: viver com autonomia e liberdade em solidariedade. Nenhuma mulher começa sendo autônoma e livre. A autonomia é produto de processos de desenvolvimento vital que ocorre quando se possuem liberdades, poderes, direitos e recursos e a mulher os direciona ao seu próprio desenvolvimento, potenciação e bem-estar e à vida boa<sup>56</sup>.

Muitas destas construções ocorrem de maneira coletiva, comunitária, em redes de apoio e grupos de mulheres, onde é possível encontrar escuta ativa, amorosa, libertadora, onde a palavra emitida pela mulher tem poder e é valorizada. É vital estimular o uso da palavra pelas mulheres, a fim de abrir novos espaços, de negociar uma nova ética, de criar novas

<sup>52</sup> HUNT, 1994, p. 446.

<sup>53</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Claves feministas para la autoestima de las mujeres*. Cuadernos Inacabados, no. 39. Madrid: Horas y Horas, 2000, p. 194. Texto no idioma original: *Síntesis filosófica de la autoestima y de la auto identidad, es la afirmación de cada una en su vida, en su cuerpo, en su subjetividad, a través de sus poderes vitales y sus libertades*. (tradução própria)

<sup>54</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2000, p. 195. Texto no idioma original: *La sororidad es fuente de autoestima porque aquí se trata además de una experiencia consciente de orgullo e (sic) identificación entre mujeres que, al reconocerse, avalarse, darse autoridad y apoyarse, apoyan a cada una*. (tradução própria)

<sup>55</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 50. *No hay autonomía sin biografía [...] Para que haya autonomía se requiere repensar la propia vida*. (tradução própria)

<sup>56</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 172. Texto no idioma original: *El feminismo ha creado la clave civilizatoria de género: vivir con autonomía y libertad en solidaridad. Ninguna mujer empieza siendo autónoma y libre. La autonomía es producto de procesos de desarrollo vital que se dan cuando se poseen liberdades, poderes, derechos y recursos y la mujer los dirige a su propio desarrollo, potenciación y bienestar y a la buena vida*. (tradução própria)

estratégias a partir da palavra; apropriando-se do poder-em-relação. As palavras que promovem vida nas relações de amizade e de grupos de apoio entre mulheres estão a serviço da sororidade que se baseia na autoestima e no poder vital que há em cada mulher, pois desde a teologia feminista “há que procurar por outras palavras, aquelas que evocam o poder criativo e transformador, que retoma a vida e burla a morte. Há que investir em novas metáforas.”<sup>57</sup> Para a teologia feminista, as proposições e as transformações são necessárias para que haja libertação e dignidade de vida. Viver a sororidade é um caminho, uma livre escolha que produz mudanças e fortalece a vida de cada mulher que se dispõe a trilhá-lo, valorizando a si mesma (*mismidad*) a fim de reconhecer, apoiar e fortalecer as amigas-irmãs que caminham ao lado (alteridade).

#### 2.4 Sororidade, poder e empoderamento

Na vivência do coletivo, onde mulheres somam forças juntas e se fortalecem, ocorre uma dinâmica de poder-com, de poder relacional, de poder que defende a vida onde é necessária a criação e manutenção de redes de apoio que unam, encorajem e empoderem as mulheres. Este poder não é destrutivo, não gera competição ou rupturas. Trata-se do poder que a teologia feminista apresenta e aposta a partir das experiências de relação entre mulheres e deseja expandir para toda a humanidade: o poder em relação e a força da circularidade em contraposição ao individualismo e o poder domínio opressor.

O Poder é sinônimo de vida própria. Gebara define o poder como “uma capacidade inscrita em todos os corpos vivos e de maneira particular e diferenciada nos corpos humanos.”<sup>58</sup> Quando alguém sente que tem poder, sabe que ocupa um espaço físico e social e, assim, pode realizar ações e ter iniciativas para algo. A tarefa correta do poder é de demonstrar, no indivíduo ou em grupos, uma capacidade de interagir com outras pessoas na sociedade de uma forma criativa e multiplicadora<sup>59</sup>.

O poder pode ser definido como a capacidade de causar impacto no mundo e como a capacidade individual de efetuar mudanças. Ele está onde pessoas e grupos o colocam, ou seja, cada pessoa ou grupo confere poder a alguém, a uma instituição, a um governo, a pessoas ou a um grupo. Nesse sentido, concede-se a permissão para que alguém use o poder e,

---

<sup>57</sup> DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a Teologia, as Mulheres e o Poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, no.1, Ano 36, p. 07-16, 1996, p. 15.

<sup>58</sup> GEBARA, Ivone. *Mulheres, Religião e Poder* – ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017b, p. 165. Aqui a autora afirma que “são os seres humanos que têm a capacidade de se mover, de buscar recursos de vida, de defender-se, de escolher, de afirmar-se diante de outros.”

<sup>59</sup> POLING, James N. *El abuso de poder*. Tradução de Janet W. May. Nashville: Abingdon Press, 1991, p. 03.

assim, quem o concede torna-se cúmplice do uso de poder de outras pessoas, grupos ou instituições.

No âmbito pessoal, uma pessoa possui poder em virtude de que é um ser vivo. O poder é extremamente necessário para que a interação de pessoas com outras seja possível. Assim, a sociedade determina quem outorga e quem nega o exercício do poder mediante múltiplas estruturas. Segundo Maria Mesquita, na concepção do teórico Michel Foucault, há diversos poderes e não há um poder único. Estes, por sua vez, estão espalhados em toda a estrutura social através de um conjunto de mecanismos. Não há um poder único, mas práticas de poderes que se exercem nas relações do cotidiano. Por isso, o poder está sempre presente, possui caráter relacional e é exercido por uma variedade de relações de força. O exercício do poder ocorre de forma violenta e coercitiva através “das relações de poder na sociedade que se traduzem como os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que se reproduzem nas relações sociais, sexuais, de gênero, econômicas.”<sup>60</sup>

Na agenda das discussões feministas, o poder é um tema central e prioritário, principalmente para as mulheres, que vivem num contexto de exclusão, às margens do poder real da sociedade e dos centros de decisões. Por ser um tema importante, é preciso redefinir o uso do poder nas relações humanas, tendo em vista os valores da integridade, da relacionalidade e da mutualidade<sup>61</sup>.

Poder bom é o poder mútuo, é aquele que dá aos outros a possibilidade de participarem no poder da vida (empowerment). Ele não derruba, antes desperta as potencialidades. Pensar Deus como poder-em-relação significa também compreender que todo poder que nós ou os outros utilizamos sem conferir poder uns aos outros constitui um abuso<sup>62</sup>.

Teólogas feministas aprofundam a reflexão de uma ética feminista do poder centrada na relacionalidade e na mutualidade. Para elas, estes elementos são centrais e representam a condição para uma relação justa entre os seres humanos e com Deus. A relacionalidade é um processo que faz com que Deus e os seres humanos venham a ser. Deus se encarna no mundo e as pessoas agem em relação a Deus quando praticam justiça. Assim, mutualidade é mais do que simples reciprocidade, pois designa o processo de vida, do poder-em-relação.

Lúcia Scherzberg também afirma: “A experiência da relação é básica e fundamental para o ser humano, ela é boa e poderosa, e somente dentro desta experiência é possível

<sup>60</sup> MESQUITA, Maria E. de Souza. Poder e disciplina na visão de Michel Foucault. *Revista de Educação AEC*, no. 103, ano 26, p. 17-22, 1997, p. 18.

<sup>61</sup> ACKERMAN, Denise M. Power. In: RUSSEL, Letty M.; CLARKSON, J. Shannon (Eds.). *Dictionary of Feminist Theologie*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996, p. 221.

<sup>62</sup> SÖLLE, Dorothee. Mutualidade. In: GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 352.

reconhecer que o poder-em-relação é Deus.”<sup>63</sup> Nesta concepção de poder, as pessoas devem vivenciar relações recíprocas, criadoras e criativas. Na medida em que se experimenta tal poder é possível cooperar com ele para a construção de um mundo justo, usar o poder para a prática da justiça, tendo em vista que todas as pessoas possuem a “capacidade para a decisão e a espontaneidade e reciprocidade da relação entre Deus e o ser humano.”<sup>64</sup> Assim, a realização da justiça está sob a responsabilidade dos seres humanos que possuem a capacidade para decidir a favor da vida e do poder criativo e relacional.

Quando deixamos de mandar em nós mesmos e nos outros, quando paramos as críticas constantes a nós e aos outros, ficamos menos tensos, mais abertos e mais acolhedores. À medida que mudamos as relações rumo ao modelo de parceria/respeito, criamos condições para que nós e os outros nos sintamos bem. Ao mesmo tempo, lançamos os alicerces para famílias e comunidades que se cuidam melhor, e para um mundo menos violento<sup>65</sup>.

A este poder-com é associado o poder-do-interior<sup>66</sup>, que sustenta uma comunidade ecológica que é relacional, amorosa, curativa e criativa. O poder-em-relação é o poder do serviço que demonstra, em especial às mulheres, que é possível ser feminina usando um poder feminista, sem ser necessário reproduzir os estereótipos masculinos, nem no manejo do poder, nem na produção do saber. O poder das mulheres é um poder não planejado, não teorizado, que nasce como inconformismo das práticas do poder dominador<sup>67</sup>. O poder das mulheres é um poder vital, que sustenta e orienta a vida humana.

A fluidez do poder vital gera o empoderamento, que “se trata da emancipação das mulheres sempre”<sup>68</sup> sendo que ocorre por meio de “processos de democratização.”<sup>69</sup> O grupo

<sup>63</sup> SCHERZBERG, Lúcia. *Pecado e Graça na Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 56.

<sup>64</sup> SCHERZBERG, 1997, p. 57.

<sup>65</sup> EISLER, Riane. *O poder da parceria*. Tradução de Marcos Fávero Florence de Barros. São Paulo: Palas Athena, 2007, p. 50.

<sup>66</sup> PRIMAVESI, Anne. Poder jerárquico y poder ecológico. In: RESS; SEIBERT-CUADRA; SJORUP, 1994, p. 479. A autora descreve o poder-do-interior como: “*El poder-del-interior es el poder que sentimos en una semilla, cuando crece un niño, al escribir, al trabajar, cuando tomamos decisiones, al recobrar la salud. Tiene que ver con el significado etimológico de la palabra poder, derivada de la raíz dei latín tardio posse (ser capaz de). Es el poder dei interior de la comunidad terrestre, que está presente como interrelación y sostén, y es curativo y creador [...] Por consiguiente, es el poder que crea y sostiene a la comunidad ecológica. Nos capacita para ejercer el poder-con: el poder de cooperar, de compartir, de cambia*”.

<sup>67</sup> Para a teologia feminista, é válido lembrar a expressão cunhada por Elisabeth Schüssler Fiorenza “*ekklesia* de mulheres” como forma alternativa ao poder dominador e opressor. O poder das mulheres é o poder das palavras como fonte de contestação, de busca por direitos e igualdade. É este poder que confere às mulheres o poder de ser *ekklesia*, de buscar dentro de uma instituição a justiça e sinais do Reino que sejam coerentes com o Evangelho. “A expressão ‘*ekklesia* de mulheres’ ou ‘Igreja de mulheres’ busca trazer-nos consciência que as mulheres são a igreja e sempre foram a igreja. Reclamam autoridade eclesial e o poder das mulheres.” SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais – uma ekklesia-logia Feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 266.

<sup>68</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 134. *Se trata de la emancipación de las mujeres siempre*. (tradução própria)

<sup>69</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 135. Texto no idioma original: *El empoderamiento de las mujeres se*

de mulheres é espaço onde o empoderamento acontece e é gerado a partir da confiança, do pacto de amizade, do apoio, do encorajamento para vivenciar as diversas situações na vida cotidiana. O empoderamento de mulheres acontece no âmbito individual e também no coletivo. A sororidade satisfaz a mulher, a encoraja, enche-a de poder, de vontade para agir em favor da vida, empodera a mulher para amar-se e amar outras mulheres na caminhada da vida e em defesa da vida. Mulheres empoderadas podem empoderar umas às outras e se alegram por isso. “No momento em que passamos a fazer o exercício de amar a mulher ao lado, automaticamente, passamos a amar mais a nós mesmas, e desenvolvemos autoconhecimento através da empatia.”<sup>70</sup> Empoderar-se e empoderar a outra mulher é processo vital da sororidade, reconhecer e dar valor à sua vida, sua história, seus sonhos e desejos, suas lutas e desafios, pois as mulheres:

[...] incorporam sua experiência e seus avanços como parte delas mesmas e se transformam: muda sua subjetividade, ampliam sua visão do mundo e da vida, aumentam suas capacidades e habilidades e sua incidência, adquirem segurança e fortaleza, é dizer, um conjunto de poderes vitais generalizados ao internalizar seu potencial vital. Se empoderam<sup>71</sup>.

O processo de empoderamento requer a interação e vivência recíproca entre mulheres, onde está presente a valorização, a autoestima, a autonomia, o *afidamento*, a libertação e a transformação. Desde a vivência do cotidiano, carregado de força, de saber e de poder, conduz a novas relações éticas. Para as mulheres, uma nova ética do poder é essencial na busca por justiça relacional e reconhecimento do poder vital em cada uma, a fim de que possam caminhar juntas, em sororidade e empoderadas para a vida.

Percebe-se que há várias formas de poder. O poder é dinâmico e vivificador. O que é proposto na vivência da sororidade é um poder vital, um poder relacional que reconheça e sustente o poder que há na outra mulher. O poder que vivifica, que reúne, que congrega, que mobiliza mulheres para juntas vencerem desafios, lutarem por justiça e transformarem a realidade. Trata-se do poder relacional que cria espiritualidade e a fortalece.

Para a teologia é o poder da *Ruah*<sup>72</sup> cheia de graça e criatividade que capacita,

---

*ha dado en procesos de democratización.* (tradução própria)

<sup>70</sup> SOUZA, 2016, p. 78-79.

<sup>71</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 138. Texto no idioma original: *[...] incorporan su experiencia y sus avances como arte de ellas mismas y se transforman: cambia su subjetividad, amplían su visión del mundo y de la vida, aumentan sus capacidades y habilidades y su incidencia, adquieren seguridad y fortaleza, es decir, un conjunto de poderes vitales generalizados al internalizar su potencia vital. Se empoderan.* (tradução própria)

<sup>72</sup> “O termo hebreu *ruah* significa sopro de vida, vento, espírito e, em geral, é feminino. A *ruah* é a presença de Deus mesmo, portadora e causadora de vida em movimento”. TORRES, Maritze Trigos. O Espírito, rosto feminino de Deus, liberta-nos em plenitude e vida. In: OSDOL, Judhit van (Org.). *As mulheres e a graça:*

orienta, conduz, fortalece, movimenta, cria e recria novas relações. É o poder que reconhece que todas as mulheres são poderosas e são empoderadas, poder que nasce “de uma afirmação da força da vida das mulheres; daquela poderosa energia criativa, cujo conhecimento e uso estamos reclamando em nossa linguagem, em nossa história, em nossas danças, em nossos amores, em nossos trabalhos, em nossas vidas.”<sup>73</sup>

Desde a experiência cotidiana da amizade, da valorização e do empoderamento de cada mulher, o poder das mulheres é sentido e vivenciado pela sororidade. O mesmo ocorre entre ministras da IECLB que se encontram e fortalecem na caminhada cotidiana do anúncio da Palavra que gera vida e liberta. “O cotidiano é este mundo concreto no qual vivemos. É nele que pequenas e grandes coisas acontecem. E é a partir desses acontecimentos triviais que se começa a viver solidariedade e a lutar pelos direitos roubados ou inexistentes.”<sup>74</sup>

Até aqui foi realizada uma reflexão conceitual, teológica e filosófica em torno da sororidade. No que segue, será dedicada atenção para a Bíblia a fim de perceber narrativas nas quais a sororidade está presente como elemento vivificador e empoderador para as mulheres no cotidiano de vida e no ministério exercido por mulheres na IECLB.

---

releituras bíblicas de mulheres latino-americanas. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008, p. 11.

<sup>73</sup> LORDE, Audre. Lo erotico como poder. In: RESS; SEIBERT-CUADRA; SJORUP, 1994, p. 437-442, p. 439. Texto no idioma original: *De una afirmación de la fuerza de vida de las mujeres; de aquella poderosa energía creativa, cuyo conocimiento y uso estamos reclamando en nuestro lenguaje, en nuestra historia, en nuestras danzas, en nuestros amores, en nuestros trabajos, en nuestras vidas.* (tradução própria)

<sup>74</sup> GEBARA, 2017b, p. 180.

### 3 MULHERES EM SORORIDADE NA BÍBLIA

Uma mulher preocupada com a outra mulher. Uma mulher orientando outra mulher. Uma mulher seguindo outra mulher. Uma mulher apoiando-se em outra mulher. Uma mulher confiando em outra mulher [...] Uma mulher escutando outra mulher. Uma mulher alimentando outra mulher. Uma mulher protegendo outra mulher. Uma mulher promovendo outra mulher<sup>75</sup>.

Adentrar no texto sagrado para o cristianismo, a Bíblia, e olhar desde seus diversos contextos a presença de mulheres que vivem e agem juntas, que se apoiam, se cuidam, se fortalecem e se ajudam, é um desafio ainda hoje. A hermenêutica bíblica feminista se ocupa, entre outras questões, com a visibilidade das mulheres no texto bíblico, perguntando pelo seu contexto, pela sua ação, pela sua atuação como mulher, permitindo uma imaginação criativa em relação ao texto em si. Nesse sentido, o exercício de perceber ações de sororidade nos textos bíblicos é um exercício para o qual a hermenêutica feminista contribui, olhando para o que está oculto, invisibilizado, não dito, não escrito no texto ou em comentários bíblicos tradicionais.

[...] uma abordagem histórica reconstrutiva que seja feminista crítica desafia a pesquisa dominante ao insistir que a história deve ser escrita não desde a perspectiva das/dos ‘vencedoras/es históricas/os’, mas desde a perspectiva das pessoas silenciadas ou marginalizadas. Para descrever adequadamente os mundos socioculturais e religiosos da bíblia, exegetas não podem continuar a limitar suas pesquisas à história dos homens ocidentais da elite. Em vez disso, precisam reconceitualizar a história do cristianismo primitivo de tal forma que as vozes e as lutas das ‘pessoas vencidas na história’ possam ser ouvidas e tornar-se novamente visíveis<sup>76</sup>.

Há muitos exemplos nos textos da Sagrada Escritura nos quais as mulheres agem juntas, são empoderadas e empoderam umas às outras, lutam juntas em defesa da vida e de seus direitos, agem em respeito e amor umas para com as outras. Dar visibilidade às narrativas

<sup>75</sup> SEIBERT-CUADRA, Ute [Poesia] apud LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Enemistad y Sororidad. Conspirando*, no. 16, p. 32-36, jun. 1996, p. 35. *Una mujer preocupada por otra. Una mujer orientando a otra. Una mujer siguiendo a otra. Una mujer apoyándose en otra mujer. Una mujer confiando en otra mujer [...] Una mujer escuchando a otra mujer. Una mujer alimentando a otra mujer. Una mujer protegiendo a otra mujer. Una mujer promoviendo a otra mujer.* (tradução própria)

<sup>76</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, p. 168. Nesta obra a autora ainda afirma: “Estudos bíblicos feministas chamaram a atenção para uma contradição básica na maneira de como a Bíblia deve ser entendida. Por um lado, a consciência feminista de que a Bíblia é palavra de D\*\*s escrita em palavras de homens, que ela nasceu em sociedades e culturas kyriarcais e está escrita numa linguagem kyriocêntrica, e que ela serviu ao longo dos séculos para inculcar e legitimar relações de dominação, muda pressupostos da corrente dominante masculina. Por outro lado, a consciência de que a Bíblia inspirou e empoderou movimentos em favor da igualdade radical, dos direitos humanos e do bem-estar de todas as pessoas sem exceção, é igualmente fundamental para os estudos bíblicos feministas. De uma maneira ou outra, todas as abordagens e métodos feministas de interpretação são atingidos por ambas as facetas dessa contradição, pois elas não se excluem mutuamente, mas devem ser juntamente consideradas no processo de interpretação.” p. 157.

bíblicas e relações de sororidade é um exercício libertador, o qual interessa para uma interpretação feminista dos textos bíblicos<sup>77</sup>. Afinal, nem sempre a amizade entre mulheres, a sororidade, foi devidamente valorizada e visibilizada pela tradição cristã<sup>78</sup>.

Neste capítulo são apresentados e analisados exemplos de sororidade a partir da Bíblia. Além de dar visibilidade a essas narrativas e analisá-las desde a perspectiva da sororidade, esse exercício também tem como objetivo perceber como as mesmas desafiam e inspiram relações sorórias hoje, especialmente entre ministras da IECLB, servindo, também, de subsídio para o trabalho na Igreja.

### 3.1 Sororidade nas situações de cuidado

Ao olhar atentamente para as relações entre as mulheres presentes na Bíblia desde a perspectiva da sororidade, percebe-se a força das relações entre as mulheres. Esta força relacional é componente que empodera, liberta e movimenta as mulheres para ações solidárias como expressão de estima e amizade. Segundo Luise Schottroff, Silvia Schroer e Marie-Theres Wacker, no Novo Testamento, “1Tm 5.16 e At 9.35-43 indicam claramente que grupos de mulheres formam-se também em função de garantir o sustento de vida de mulheres economicamente mais fracas.”<sup>79</sup>

Um texto bíblico que retrata esta experiência de mulheres é de At 9.36-42. A história de Tabita revela que um grupo de mulheres solidárias, amigas, companheiras, estão com ela, mesmo após sua morte, chorando, lamentando a perda da irmã na missão, irmã na vida<sup>80</sup>. São

<sup>77</sup> Sobre a metodologia de interpretação feminista de textos bíblicos, Wanda Deifelt afirma: “De um ponto de vista latino-americano, uma metodologia teológica deve vislumbrar passos simples, como em uma dança, que representam o caráter contínuo do processo de análise, discernimento e estabelecimento de novas propostas. Proponho aqui uma metodologia em três passos. Ao fazê-lo irei apontando temas recorrentes dentro da teologia feminista, dando maior ênfase à produção literária recente. O primeiro passo é a tomada de consciência do caráter não normativo das mulheres em relação ao corpo literário tradicional. O segundo passo é a descoberta de que as mulheres estão presentes nessa literatura, com temas e perspectivas próprias. Essa literatura, porém, encontra-se soterrada sob uma pilha de entulhos androcêntricos e patriarcais e precisa ser resgatada. O terceiro passo é a reivindicação não só de que as experiências das mulheres e os escritos sobre mulheres sejam reconhecidos, mas também que o modo como tradicionalmente se avaliam os escritos seja mudado, propondo, assim, novos temas e abordagens.” DEIFELT, Wanda. *Temas e metodologias da teologia feminista*. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. Intepelações e perspectivas. São Paulo: SOTER/Paulinas/Loyola, 2003, p. 171-186, p. 176.

<sup>78</sup> Nancy Cardoso Pereira traz uma contribuição e desafio à luz de exemplos de inimizade entre mulheres presentes nas relações e no texto bíblico. Veja: PEREIRA, Nancy Cardoso. *Hermenéutica feminista: ¿Caminos de enemistad o espacios sabrosos?* *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, no. 50, vol. 1, p. 135-139, Quito: REBUE; Costa Rica: DEI, 2005. Disponível em: <<http://claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2/17-ribla>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>79</sup> SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008, p. 166.

<sup>80</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. *Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 60.

mulheres que faziam parte do grupo de amizade e se fortaleciam mutuamente na missão, na diaconia, no testemunho do Evangelho por palavras e ações. Segundo Ivoni Richter Reimer: “[...] as viúvas estão ‘junto com’ Tabita, isto é, não lhe estão subordinadas nem dela simplesmente recebem assistência social, mas estão irmanadas pela fé e pelas obras das mãos (tecidos e roupas) que realizavam conjuntamente.”<sup>81</sup> Ainda segundo a autora:

A práxis transgressora de Tabita é práxis de misericórdia em tempos de perseguição política às pessoas e comunidades cristãs nos arredores de Jerusalém. Trata-se de discípula-igreja que recolhe as vidas quebradas e se torna presença viva de Cristo na construção de novo projeto de vida com as viúvas, em trabalho solidário de confecção de roupas. É diaconia que resgata o sentido profundo de comunhão na vivência do Reino de Deus. A narrativa de morte e ressurreição indica para a necessidade de uma igreja-discípula que se faça presente junto às dores da viuvez, orientando sua práxis pela misericórdia ali onde os poderes constituídos destroem a vida e a esperança. É a misericórdia e a organização (junto) dos oprimidos que fará a igreja ressurgir de entre as cinzas da destruição e perseguição política... Ainda hoje<sup>82</sup>.

O apoio, presença, solidariedade e cuidado de mulheres para com mulheres evidenciam-se no momento do sofrimento, da dor, do luto, e também na doença e na morte. Narrativas de cura de mulheres demonstram a realidade da dor e da exclusão. Mas é possível imaginar que também havia mulheres que cuidavam de pessoas doentes, especialmente se fossem da família, cuidavam e apoiavam outras mulheres na doença, dor, choro, sofrimento e luto. Todas essas situações podem ser vistas como expressão de sororidade na forma de cuidado em contextos de doença, cura e ressurreição. Mulheres que formam uma rede apoio e cuidado na casa das famílias e na vida das pessoas em situação da doença e depois da cura operada por Jesus, como por exemplo: a cura de uma mulher encurvada há 18 anos (Lc 13.10-17); a cura da sogra de Pedro (Lc 4.38-39); a cura da filha de Jairo (Lc 8.41-46); a cura da mulher que tinha hemorragia há 12 anos (Mc 5.25-34); a cura da filha da mulher Cananéia (Mt 15.21-28); a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15).

Nos relatos de cura de mulheres é essencial atentar para os movimentos de corpos. As mulheres não ficam passivas, paradas, aguardando o milagre da parte de Jesus acontecer, mas agem, vão à luta, empoderam-se, apoiam-se para que o milagre do restabelecimento da vida digna seja instaurado. Segundo Ute Seibert, ao olhar mais de perto estes relatos, no entanto, aparecem outros elementos: a iniciativa, a vontade, a persistência das mulheres e o poder da relação entre elas e Jesus. “Tocar e deixar-se tocar aparecem como elementos chaves

<sup>81</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres – textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 76.

<sup>82</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. Mulheres transgressoras com Jesus e Paulo: História, textos e interpretações. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). *Por amor à vida! Crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na atualidade*. Goiânia: PUC/GO, 2015, p. 71-94, p. 87.

para a cura.”<sup>83</sup> Todos esses são elementos que manifestam o que está sendo chamado de sororidade e apontam para a busca por relações que carreguem essas marcas.

### 3.2 Sororidade na gestação da vida

Outro exemplo de experiência de sororidade é a companhia e fortalecimento que tiveram uma com a outra Maria e Isabel, conforme narrativa de Lc 1.39-56. Maria permaneceu com Isabel por três meses após receber a notícia que seria mãe de Jesus. Este período em que permanecem juntas foi especial para fortalecer os laços entre essas duas mulheres ligadas pelo parentesco, mas que também são amigas, solidárias, sábias, corajosas, testemunhas da vida e da fé em Deus. Duas mulheres que vivenciaram a sororidade e foram empoderadas para agir, Isabel e Maria, mães de João Batista e Jesus, mulheres corajosas e autônomas em suas decisões.

Na narrativa, Maria vai ao encontro de Isabel e a abraça, busca seu apoio, sua compreensão, e ambas são fortalecidas mutuamente (1.39s). Para a teóloga e biblista feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza, este é o ponto central dos textos dos evangelhos que apresentem Maria, a fim de dialogar sobre uma comunidade de discipulado de iguais. Segundo ela, “Myriam, a jovem assustada que embarca numa viagem árdua pela terra montanhosa para buscar apoio de outra mulher, precisa se tornar o centro da atenção feminista.”<sup>84</sup> Para Ivoni Richter Reimer:

Vencido o caminho montanhoso, em que cada passo deve ter sido acompanhado de profundas reflexões, finalmente acontece o esperado encontro com Isabel. A saudação de Maria movimentava os corpos e a história. Na saudação e no abraço das mulheres acontece outra revelação divina: vozes, corpos e fetos se reconhecem<sup>85</sup>.

Maria visita a prima Isabel num momento especial para as duas: na gravidez. Nessa visita elas vivenciam uma sororidade que lhes empodera para agir, tomar decisões, agir com coragem e abrir-se para uma nova fase da vida: tornar-se mãe. Maria, a mulher jovem, vai sozinha ao encontro de Isabel, a mulher mais velha e experiente. Juntas, se encontram, se abraçam, conversam, escutam, se tocam no ventre, sentem a força que cada corpo emana e as crianças interagem nesta troca de energia e cuidado.

Juntas se apoiam e bendizem uma à outra. “Maria é uma grávida jovem, que vai

<sup>83</sup> SEIBERT, Ute. *Espacios abiertos: caminos de la teología feminista*. Santiago: Forja, 2010, p. 105. Texto no idioma original: *Tocar y dejarse tocar aparecen como elementos claves para la sanación*. (tradução própria)

<sup>84</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Mariologia, Ideologia de Gênero e o Discipulado de Iguais. In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009, p. 27-54, p. 41.

<sup>85</sup> RICHTER REIMER, 2013, p. 35.

procurar uma mulher mais velha, em busca de seu apoio, de seu conselho. Sua viagem tem um sentido de busca da sabedoria feminina que só uma ancestral pode revelar-lhe.”<sup>86</sup> Maria é abençoada por Isabel que diz: “Bendita és tu ... tu és feliz porque acreditaste, creste” (1.45) e a ela é proferida uma bem-aventurança, a bênção de uma mulher mais idosa, experiente, para uma jovem mulher: Maria e Isabel, com sabedoria, com coragem, num momento único entre elas, se apoiam e se fortalecem na vida de corpos de mulheres e na vida de fé no Deus da Vida, que permite encontros e conversas e se revela na sororidade.

Estas duas mulheres, em abraço sororal e em vivências que deitam raízes em suas respectivas matrizes, recuperam a linguagem cheia de potência e vida. Não é gratuito, do ponto de vista narrativo, que Maria e Isabel estejam sozinhas e que seus homens ou seus anjos não estejam presentes, como em outros momentos ou como no evangelho de Mateus... Mas retrocedem à sombra do texto, para que elas e só elas resolvam entre si seu destino de mulheres, diante delas mesmas, diante de Deus, diante de seu povo e diante da história<sup>87</sup>.

Em outro momento no livro de Lucas, uma mulher no meio da multidão bendiz a Maria, mulher que amamentou e deu a vida a Jesus. Num gesto de afirmação e de reconhecimento à mulher que lhe gestou e gerou, grita: “Bem aventurada aquela que te trouxe no seio e te amamentou!” (Lc 11.27)<sup>88</sup> Eis aí a expressão de sororidade entre aquelas que se reconhecem e se afirmam uma na outra.

### 3.3 Sororidade na luta pela sobrevivência

Talvez o exemplo mais conhecido e comum de amizade entre mulheres na Bíblia seja o de Rute e Noemi, nora e sogra que voltam juntas, em parceria para a terra de Judá após vários acontecimentos pesados em suas vidas (Rt 1-4). Após a morte de seu esposo e de seus dois filhos, Noemi encontra-se à mercê da sociedade com suas duas noras, Rute e Orfa. Neste livro, cada nome tem um significado. Noemi (minha graciosa), Rute (amiga), Orfa (nuca). Orfa, diante do infortúnio da viuvez, decide voltar para sua terra natal (Rt 1.14-15). A própria Noemi estimula as noras para que voltem à terra natal e sejam acolhidas por seus e suas

<sup>86</sup> VELASCO, Carmaña Navia. Maria e Isabel – diálogo entre mulheres. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, no. 46, p. 09-17, 2003, p. 12.

<sup>87</sup> VELASCO, 2003, p. 15.

<sup>88</sup> Sobre Lucas 11.27-28, Nancy Cardoso Pereira poetiza: “*Benditos seios!* Gritou a mulher na rua. Sabia o que dizia porque arfava e empinava os seus pra se fazer ouvida no meio da multidão. *Benditos seios!* Gritou a mulher na rua. Mais do que mama, bico, mais do leite e colostro, ela bendizia o corpo da mulher Maria: inteira! Bendito bojo de ser assim: mulher divina transgressora. E Jesus disse que não; disse outro bendito, inverteu o dito, de expor os seios, assim, em praça pública. Sacro interdito. *Benditos os seios!* Gritou a mulher na rua evangelho inesperado. Benditos os seios! Os meus. Os seus. Benditos sejam nas ruas aos gritos evangelho aprendido no peito e na praça. PEREIRA, Nancy Cardoso. *Amantíssima e só* – evangelho de Maria & as outras. São Paulo: Olho d’Água, 1999, p. 23-24.

familiares, a fim de que possam sobreviver num contexto patriarcal. Rute decide ir com Noemi e as duas retornam juntas a Belém (*Bet-Lehem* – casa do pão).

A atitude de Rute-amiga não expressa apenas benevolência para com a sogra. Talvez sua admiração pela sogra tenha despertado o desejo de conhecer sua terra natal. Rute não quer regredir, ela prefere trilhar o caminho de Noemi, na esperança de encontrar alimento em sua terra natal. Os modelos femininos com os quais nos identificamos vêm da própria casa materna. A *anima* amiga sai em busca do alimento, do lugar que lhe dará pão<sup>89</sup>.

É conhecida a frase de pacto e aliança que Rute faz com Noemi afirmando: “onde tu fores, irei eu, onde pousares, ali pousarei eu, teu povo será meu povo, teu Deus, o meu Deus” (Rt 1.16). Quando se fala em exemplos de amizade entre mulheres na Bíblia, a sororidade, o texto da aliança entre Rute e Noemi salta aos olhos. Elas decidem ficar juntas e superar os desafios que a vida lhes impõe como as perdas familiares e as leis patriarcais da tradição judaica. Em apoio e amizade, partem para novos rumos e horizontes em suas vidas. Precisam encontrar estratégias para viver e não sucumbir diante da realidade da fome, pobreza, opressão e leis injustas.

São poucos e preciosos os espaços de suspeita e de saber saboroso que as mulheres (e poucos homens) latino-americanas temos sabido e conseguido conquistar. Espaços de proteção e de liberdade. Espaços para que Rute se encontre com Noemi para inventar artimanhas que arranquem dos homens o que eles não querem dar. Espaços de acolhida de Isabel e Maria (Lc2), onde gravidezes inesperadas e suspeitas são protegidas e afirmadas como exceção e transgressão do sagrado. Espaços de reescritura do texto e do fazer de teologia...<sup>90</sup>

Juntas, Rute e Noemi elaboram estratégias para a sobrevivência num contexto patriarcal do antigo Israel, onde era necessária a ação de um homem para a salvação das mulheres viúvas. Elas lembram do parente distante de Noemi, Boaz, que poderia ajudar Rute casando-se com ela e resgatando, assim, as mulheres da dura situação. É a lei do Levirato (resgate) que é colocada em prática (Dt 25.5-6) e citada na trajetória de vida de Rute e Noemi. Juntas elas sofrem, choram, reerguem uma à outra, caminham rumo a novos horizontes, pensam, sonham, agem, planejam, riem, trabalham e lutam por dignidade de vida. Juntas permanecem, Rute e Noemi, num novo contexto geográfico, social, emocional e familiar.

<sup>89</sup> WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 58-59.

<sup>90</sup> PEREIRA, 2005, p. 139. Texto no idioma original: *Son pocos y preciosos los espacios de sospecha y de saber sabroso que las mujeres (y pocos hombres) latino-americanas hemos sabido y conseguido conquistar. Espacios de protección y de libertad. Espacios para que Rut se encuentre con Noemí para inventar artimañas que arranquen de los hombres lo que ellos no quieren dar. Espacios de acogida de Isabel a María (Lc 2), donde embarazos inesperados y sospechosos son protegidos y afirmados como excepción y transgresión de lo sagrado. Espacios de re-escritura del texto y de confección de teología...* (tradução própria)

A atitude de Rute para enfrentar o problema deve ter feito Noemi refletir sobre a amizade dessa moça. Como naquelas vezes em que pensamos em alguém que nos causou tanto bem, que não poderia deixar passar a oportunidade de retribuir àquelas pessoas da melhor forma possível<sup>91</sup>.

Rute e Noemi são mulheres que se opõem à cultura da época e, juntas e sozinhas, encontram formas de resistir e de sobreviver. Juntas formam uma aliança, um pacto. Juntas, agem com amor e misericórdia, não com condenação ou julgamento. Juntas, escutam, planejam, sonham e confiam em Deus que as acompanha na trajetória de vida e sororidade. Juntas, compartilham a vida, as experiências, e buscam formas para sobreviver. Um estudo aprofundado do livro de Rute à luz da sororidade é elaborado pela biblista feminista Tea Frigerio, que analisa a relação destas duas mulheres, destacando-as como referência, ao lado de outras mulheres, para a formação do povo de Israel. Frigerio afirma:

Rute compartilha com as matriarcas do povo a formação da casa de Israel. Raquel e Lia, irmãs feitas inimigas pelo amor ao mesmo homem e pelas tramas masculinas, tornam-se amigas e cúmplices na formação do povo. Raquel, mulher amada e estéril, cederá o amor do marido a Lia em troca da fertilidade. Por sua vez, Lia saberá ceder a fruta da fertilidade à irmã. Aliadas, assumirão os filhos de Bala e Zelfa edificando a casa de Israel (Gn 29,31-30,23), assim como Noemi será edificada pelo filho nascido de Rute. Como a matriarca Tamar (Gn 38), Rute se coloca na marginalidade e usa as amarras patriarcais em seu próprio favor – ter descendência e tornar-se ancestral de Davi. Criatividade e originalidade fazem-nas subversivas. Interpretam as leis patriarcais da maneira que lhes é útil para a sobrevivência, para o futuro: geram filhos, suscitando respeito do povo e bênção de Iahweh<sup>92</sup>.

Os nomes de Rute e Tamar são citados na genealogia de Jesus Cristo em Mt 1. Cinco mulheres são lembradas<sup>93</sup>, entre elas a moabita, estrangeira, bisavó de Davi, que ousou ir e arriscar uma vida em cumplicidade e solidariedade com sua sogra Noemi em meio a tropeços e recomeços.

Nos olhos e na percepção de Jesus encontram-se a sabedoria de Noemi e a perspicácia de Rute, e talvez também suas dores, sua solidão e solidariedade. Viúvas estrangeiras, migrantes, elas realizam/fazem cumprir seus direitos. Entre estratégias e planos, constroem-se amizades, pertencimentos e cumplicidades amorosas. Rute faz história no caminho da fidelidade e solidariedade para com Noemi, realizando a lei do levirato. E assim, participa da história da salvação. Junto com Noemi, Rute é lembrada no Evangelho mateano, talvez porque Jesus e a igreja de mulheres precisem tanto da perspicácia quanto do conhecimento legal de sua condição dentro

<sup>91</sup> CRUZ, Lília D. M. L. Planejar, agir, perpetuar. Excertos de Rute sobre a sobrevivência em tempos de crise. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006, p. 33-50, p. 42-43.

<sup>92</sup> FRIGERIO, 2007, p. 42. Sobre a relação das matriarcas de Israel numa perspectiva feminista e de sororidade, ver o livro “A tenda vermelha” em forma de romance, narrado pela ótica de Diná, onde as mulheres do povo de Israel - Raquel, Lia, Bila e Zilpa - são amigas e se fortalecem mutuamente nas diversas situações da vida. DIAMANT, Anita. *A Tenda Vermelha*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. Esta história de sororidade no antigo Israel remete a outros relatos de mulheres que agem juntas, como de Sara e Agar que, antes da ruptura da amizade, cultivaram relação de companheirismo e cumplicidade, cf. Gn 16.

<sup>93</sup> Tamar, Raabe, Rute, Bateseba, Maria.

do Império Romano para poderem sobreviver com astúcia e amor...<sup>94</sup>

A história de amizade e sororidade entre Rute e Noemi foi valorizada e guardada na memória de outras mulheres do povo de Israel. “A amizade de Rute e Noemi é comparada valendo mais do que ter sete filhos, à altura das matriarcas: Lia e Raquel, que edificaram a casa de Israel.”<sup>95</sup> Tea Frigeiro partilha testemunhos de mulheres que estudaram o livro de Rute à luz da sororidade. O testemunho de Marlene Lombardo, de Belém/PA afirma:

A exemplo das mulheres da Bíblia Noemi e Rute, sogra e nora de cultura, religião e tempo bem diferente do nosso, nós podemos nos mirar e ver que um novo mundo é possível a partir do entendimento, que precisamos ser amigas, ter respeito umas pelas outras, ser solidárias sem tirar proveito, enfim, ser uma mulher que confia na outra. Mas, para que isso aconteça, nós mulheres precisamos urgentemente mudar nosso comportamento, para que, libertas, enxerguemos situações de desrespeito e maus-tratos que sofrem muitas mulheres. Precisamos confiar mais umas nas outras, tomar iniciativas, nos organizar melhor, firmar alianças<sup>96</sup>.

### 3.4 Sororidade na luta por justiça e direitos

No Antigo Testamento há uma narrativa sobre cinco irmãs (Nm 27.1-11). Nessa narrativa as mulheres, em conjunto, atuam para a preservação da vida e defesa do seu direito à herança. Este texto bíblico fala da ação em conjunto de cinco irmãs que têm seus nomes citados, denotando sua importância: Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza. Juntas, elas pedem a Moisés para que mude uma lei que favorecia somente os homens. Afinal, na ausência de um homem na família, elas perderiam o direito à herança, pois o pai delas havia falecido. Moisés consulta a Deus que lhe responde: “O que as filhas de Zelofeade estão pedindo é justo. Você deve dar a elas uma propriedade. A herança do pai deve passar para elas” (Nm 27.7). Tal história é registrada e lembrada novamente em Nm 36.1-13. Este texto mostra a importância da ação em conjunto de mulheres da mesma família que lutam por justiça nas leis de sua época. “Elas se uniram e conseguiram mudar um sistema legal existente na época de Moisés. Assim que as mulheres se tornaram plenamente conscientes de seus problemas, compreenderam que é possível agir juntas para promover justiça, dignidade e equidade nas relações humanas.”<sup>97</sup>

Entre as ministras da IECLB, um exemplo concreto e recente de sororidade na luta por justiça e direitos ocorreu diante de uma Carta e Manifesto de apoio à Pa. Lusmarina

<sup>94</sup> RICHTER REIMER, 2015, p. 78.

<sup>95</sup> DELAZARI, Neuza Maria. *A resistência de Rute e das mulheres*. Série A Palavra na vida, no. 352. São Leopoldo: CEBI, 2017, p. 48.

<sup>96</sup> FRIGERIO, 2007, p. 56.

<sup>97</sup> SCHERER, Cristina. Sabedoria de mulheres promove mudanças. *Roteiro da OASE 2011*. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 69-72, p. 71.

Campos Garcia, a qual participou de um ato ecumênico que lembrava o aniversário de Marisa Letícia (*in memoriam*), esposa do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. O ato aconteceu no dia 07 de abril de 2018, em São Bernardo do Campo/SP, antes do ex-presidente se entregar à polícia e ser preso<sup>98</sup>. Por conta da presença da referida pastora da IECLB neste ato, um grupo dirigiu-se ao Pastor Sinodal do Sínodo Sudeste solicitando, por meio de manifestações grotescas, a expulsão da ministra da Igreja e uma severa retaliação para com a mesma. Diante destes fatos, veiculados por meio de correspondências e redes sociais, um grupo de ministras articulou-se no sentido de apoiar a Pa. Lusmarina e solicitar da Igreja proteção e apoio à mesma, bem como a todas as pessoas que anunciam o Evangelho. Esta carta e manifesto afirma:

Reiteramos a gravidade deste momento histórico vivido em nosso país, mas ao mesmo tempo nos identificamos com a presença engajada e profética da pastora Lusmarina e de muitas outras lideranças leigas e ordenadas em situações de resistência [...] Reiteramos nosso desejo de que a igreja apoie e seja solidária com as pessoas que lutam por justiça e dignidade e que seja anunciadora profética do Evangelho de Jesus Cristo, em todos os tempos e lugares<sup>99</sup>.

Na cristandade primitiva destaca-se o apoio que a apóstola Tecla recebeu de outras mulheres, as quais intervieram em defesa de sua vida. Segundo Luise Schottroff:

Também aqui se mostra que havia formas de organização de mulheres que lhes permitiam, independente de seus maridos, adotar a religião judaica e também atuar por autoridade própria como um fator de poder político. Semelhante organização de mulheres, que lhes permitia resistência pública, deve ter existido também em Antioquia (na Síria, provavelmente) no tempo de Tecla ou dos *Atos de Tecla*. As mulheres que intervêm aqui abertamente em favor da vida de Tecla (*Atos de Tecla* 27-28, 32, 34-35; cf. Schneemelcher) ainda não eram cristãs no momento desse protesto. Não se sabe se elas eram judias ou não<sup>100</sup>.

Defender a vida, lutar por ela de maneira coletiva, valorizar o direito à vida digna e justiça para pessoas é o propósito de Jesus – e deveria ser o de todas as pessoas em meio a tantos desafios. Ivone Gebara faz-se uma pergunta princípio que deve ser geradora de luta e

<sup>98</sup> FERNANDES, Leonardo. Ato religioso foi marcado por mensagem de paz e grito por justiça. *Brasil de Fato*, São Paulo, 07 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/ato-religioso-foi-marcado-por-mensagem-de-paz-e-grito-por-justica/>>. Acesso em: 08 abr. 2018. “A pastora luterana Lusmarina Campos Garcia também falou sobre a injustiça na condenação do ex-presidente sem provas e antes do julgamento de todos os recursos. A religiosa destacou a importância da população manter de pé a resistência. ‘E se essas pernas não puderem percorrer o país, as nossas vão percorrer por elas. Se essa voz for impedida, a nossa vai gritar, continuar clamando por justiça e liberdade. Nós estamos juntos. Lula vive!’”, disse a pastora, que também participou do ato ecumênico.”

<sup>99</sup> ULRICH, Claudete Beise. *Carta e Manifesto*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[claudetebeiseulrich@hotmail.com](mailto:claudetebeiseulrich@hotmail.com)> em 15 abr. 2018. A Carta e Manifesto foi dirigida à Presidência do Conselho da Igreja, Presidência da IECLB, Secretaria Geral da IECLB e Pastoras e Pastores Sinodais. Obteve, no primeiro momento de envio, 240 assinaturas, das quais 43 eram de ministras da IECLB.

<sup>100</sup> SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008, p. 166.

que vem acompanhada de resposta-proposta concreta, quando diz:

Minha pergunta a diferentes grupos que buscam sobreviver em meio à descrença nas teorias revolucionárias, nas promessas de governos, em meio às crises dos partidos e sindicatos e em meio à alienação crescente das Igrejas tem a ver com o que as/os mobiliza nas suas lutas cotidianas. Em outros termos, a pergunta poderia ser: como as pessoas continuam apostando em suas vidas? E o que estão fazendo coletivamente? Constatamos que o começo da luta não é a implantação de um projeto social oferecido por outros, mas minha necessidade de sobreviver econômica, emocional e psicologicamente. O princípio é a dor insuportável da fome, da falta de terra, da agressão, da invisibilidade, da violência com muitas caras. O princípio é também esta espécie de instinto de sobrevivência, instinto de dignidade humana, de colaboração mútua, de amar a vida porque simplesmente é nossa vida [...] É para isto que buscamos os amigos, as amigas...<sup>101</sup>

### 3.5 Sororidade na defesa e anúncio da vida

No livro de Êxodo, nos capítulos 1 e 2, as mulheres encontram estratégias em conjunto para a defesa das crianças israelitas. São as parteiras do Egito que agem contrariando as ordens do faraó. Este exigiu que todos os meninos israelitas recém-nascidos deveriam morrer. Elas agem defendendo a vida, pois confiavam em Javé. Com a ação das parteiras Sifrá e Puá (Êx 1.15), é retratado como a rede de solidariedade e apoio entre mulheres é formada para preservar a vida do menino Moisés, que viria posteriormente a ser uma pessoa chamada por Deus para libertar o povo de Israel da escravidão no Egito. Sifrá e Puá ajudam outras mulheres e suas famílias. Mulheres sábias na preservação da vida guiadas pelo Deus da Vida.

Sim, Sifrá e Puá são sábias. Nosso conto vem todo banhado em sabedoria. Basta atentar para a inversão que estas mulheres parteiras propõem em sua resposta ao faraó (v.18-19)! A pergunta do 'rei' estava por incriminá-las: 'por que... Deixastes viver os meninos?' (v.18). A resposta inverte a perspectiva: 'as hebreias são vigorosas' (v.19). Os meninos estão vivos porque as hebreias têm 'vigor de vida'; são fortes! Esta inversão de perspectiva é um sábio feito das parteiras<sup>102</sup>.

Logo em seguida o livro de Êxodo retrata a ação de outras mulheres: Miriam, irmã de Moisés, e Joquebede (Êx 6.20), sua mãe, bem como a filha do Faraó (Êx 2.5), que pede para que sua criada retire a criança do rio Nilo e, por intermédio de Miriam, solicita que uma ama de leite seja trazida. Miriam avisa Joquebede e, desta forma, a própria mãe do menino permanece junto a ele para amamentá-lo e criá-lo (Êx 2.1-8). Mulheres agem juntas, criam redes de apoio, informação, solidariedade e estratégias de ação e luta pela defesa da vida, em oposição à opressão dos homens (faraó e seus soldados).

Anunciadoras da vida ressuscitada foram as mulheres, amigas de Jesus, que haviam

<sup>101</sup> GEBARA, 2010, p. 197.

<sup>102</sup> SCHWANTES, Milton. *Chamados à liberdade*. Comentário bíblico a Êxodo 1-6. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 33.

ido ao seu túmulo na manhã de domingo, após sua morte, e não o encontraram. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago (Lc 24.10). Foram comunicadas por um anjo que Jesus estava vivo e receberam a missão de ir e anunciar aos demais que Jesus ressuscitara. Juntas, partiram para anunciar que o Mestre estava vivo. Elas não foram ouvidas pelo discípulo Pedro e o discípulo amado (Jo 20.1-9). Provavelmente necessitaram de apoio, força, ânimo e consolo para que pudessem, mutuamente, resistir às dúvidas e incredulidade dos discípulos. Juntas, superaram os medos (Lc 24.5) e anunciaram com alegria e coragem a ressurreição de Jesus Cristo (Lc 24.8).

Estas mulheres precisaram ser fortes, precisaram se apoiar para não desistir diante da incredulidade dos discípulos no momento crucial para a história da salvação: a ressurreição de Jesus. Segundo Ivone Gebara:

A partir da narrativa do túmulo vazio e da tristeza das mulheres que tinham ido para unguir o corpo de Jesus se fez teologia. Entretanto, elas não parecem passar pela experiência da ressurreição. É o outro, o homem glorificado, o masculino, que é identificado ao todo-poderoso, que vence a morte. E por isso é o masculino que detêm o maior poder na Igreja. A imaginação masculina construiu hierarquias celestes para manter as hierarquias terrestres. Entretanto, não parece ser assim na vida cotidiana. Na vida cotidiana são as mulheres que fazem milagres especiais de manutenção da vida, é claro que não com exclusividade. Não se trata de uma imagem de poder construída para além da história, as mulheres vivem as ações de ressurreição no cotidiano como os evangelhos testemunham sobre a vida de Jesus. Ele passou a vida fazendo o bem... Aos enfermos, aos marginalizados, às mulheres abandonadas, aos pobres, aos amigos. É este bem nas relações cotidianas que ressuscita<sup>103</sup>.

Para a vida cotidiana das mulheres hoje, o que as faz ressurgir em meio a tantas dores, sofrimentos, preconceitos e misoginia são os espaços de confiança e bem querer de uma para com outra, por meio de gestos e pensamentos de sororidade. No exercício do ministério ordenado na IECLB, estes espaços são como pequenos oásis no deserto da realidade cotidiana, que refrigeram a alma e fazem brotar novas fontes em terras áridas e ressequidas da caminhada ministerial. Com a força do Ressuscitado entre nós, mulheres continuam se apoiando e ressuscitando umas às outras, anunciando que a vida sempre vence os sinais de morte. “Antes do amanhecer, elas foram ao túmulo... Depois anunciaram que ele não estava lá, que tinha ressuscitado... E saíram pelo mundo a proclamar a boa nova de que elas também tinham ressuscitado e continuam ressuscitando...”<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> GEBARA, 2010, p. 232-233.

<sup>104</sup> GEBARA, 2010, p. 36.

### 3.6 Sororidade no seguimento a Jesus Cristo

No capítulo 11 do evangelho de João é possível perceber a forte ligação e amizade entre Marta, Maria, Lázaro e Jesus. Em outro texto, Marta e Maria aparecem juntas recebendo o Mestre em seu lar. Marta e Maria, em parceria, amizade e partilha, são discípulas ativas de Jesus Cristo e amigas do mestre (Lc 10.38-42). O fato de Jesus ir à casa de Marta e Maria demonstra sua profunda amizade com elas. Trata-se de duas irmãs que eram discípulas e companheiras de Jesus na missão.

Era gostoso para Jesus ir à casa de Marta (provavelmente a irmã mais velha dos irmãos, por isso a casa tinha o seu nome). Crianças, mulheres e pobres se reuniam na casa de Marta. Havia carinho. Maria contava boas histórias que faziam a esperança brilhar nos olhos das pessoas. Marta bendizia Adonai, o Senhor, e repartia o pão<sup>105</sup>.

Em João 11.1-44 afirma-se que Jesus estimava muito esta família e foi ao enterro de Lázaro e chorou (Jo 11.35). Na mesma situação Marta faz uma confissão de fé e exclama: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo” (Jo 11.27). Marta e Maria, irmãs de sangue juntas na missão, na confissão, no aprendizado e na ação do serviço (*diakonia*).

Numa análise feminista deste texto, Marta e Maria não são irmãs rivais. Antes, se completam, com jeitos e dons diferentes, onde cada uma é e age na liberdade de ser filha de Deus, discípula do Mestre e irmã no discipulado de iguais, fortalecendo-se e apoiando-se na diversidade do servir e seguir a Jesus. Segundo Marcia Blasi e Ketlin Schuchardt:

Marta e Maria, amigas e seguidoras de Cristo em uma época em que as mulheres, principalmente as das classes pobres, viviam totalmente submissas, não tinham nenhuma participação ativa na vida da sociedade e nem nas decisões familiares ou políticas. Jesus questiona e quebra a tradição e fá-las suas discípulas. Marta é apresentada a nós como uma mulher trabalhadora, prática e cheia de vitalidade, uma anfitriã preocupada em receber bem o hóspede [...] Com toda a preocupação em servir bem a Jesus e talvez outras pessoas, Marta fica muito agitada e atrapalhada. Seu serviço (*diakonia*) é importante e vital na comunidade. O que teria levado Marta a tal atitude de constrangimento? Talvez Marta estivesse cansada de assumir todas as responsabilidades do serviço sozinha, como muitas mulheres ainda hoje precisam fazer, enquanto outras pessoas sentam e conversam. Talvez Marta gritava por ajuda e também queria poder ‘optar’ pela melhor parte sem sentir-se culpada por isso? Não poderiam todas as pessoas da casa, inclusive Jesus, ter se ocupado com as tarefas enquanto ouviam seus ensinamentos? Maria também faz, age. Mesmo em um contexto que, em sua maioria, impede as mulheres de ser discípulas, Maria ousa inclusive agir contra a lei [...] Ela se coloca aos pés do Mestre para ouvir com atenção e esquece a responsabilidade de auxiliar nos afazeres, os quais preocupavam Marta. Jesus Cristo assume uma amizade com Marta e Maria e decide hospedar-se na casa delas, o que para a época já era bem preocupante. Jesus desafia o pensamento patriarcal e assume uma mulher como discípula, permitindo que ela

<sup>105</sup> SOAVE, Maria. *Luas... Contos e en-cantos dos evangelhos*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2000, p. 52.

sente a seus pés enquanto ele a ensina. Quando Marta reclama sua atenção, Jesus responde de forma carinhosa: *Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada com muitas coisas. Uma só coisa é necessária; Maria optou pela coisa certa, e esta não lhe será tirada* (Lc 10.41-42)<sup>106</sup>.

Jesus estimava seus amigos e amigas, pessoas que lhe acompanhavam, o acolhiam, conversavam e partilhavam a vida juntos e juntas. Pessoas em quem se podia confiar e apostar na missão e que juntas, tornaram-se líderes do movimento de pessoas que seguiam a Jesus Cristo.

À primeira vista, a participação destas mulheres no movimento de Jesus não está muito clara no texto, porque aparecem como duas irmãs que recebem o mestre em sua casa em Betânia. Na suma exegese minuciosa e atenta de Lc 10,39, onde o papel de Maria é importante a estudar aos pés de Jesus; de Jo 11,27, onde Marta faz uma confissão de Jesus como o messias, semelhante à confissão de Pedro; e de Jo 12,3, onde Maria unge os pés de Jesus, como antecipação de sua morte, permite afirmar que estas mulheres eram líderes do movimento de Jesus<sup>107</sup>.

Também em Lucas há o relato de outras mulheres que, juntas, seguiam a Jesus e o auxiliavam com o que possuíam e sabiam. Eram Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras (Lc 8.2-3). Provavelmente apoiavam-se e partilhavam alegrias e desafios neste seguimento.

Trata-se de mulheres que vivenciaram acolhida, cura e missão junto a Jesus e podem continuar praticando suas habilidades e competências intelectivas e materiais, participando do movimento de Jesus. São mulheres que vivem ou passam a viver com autonomia dentro de uma sociedade e de sistemas patriquiarcais político-sociais e religiosos. Participam do movimento colocando-se em movimento com mulheres, independente de terem homens ou não<sup>108</sup>.

Mulheres seguiam ao Mestre de maneira autônoma, independente. No caminho do discipulado conheciam outras mulheres e criavam laços de amizade entre si, fortalecendo-se, ajudando-se e vivendo em consonância com a mensagem do Reino de Deus anunciada por Jesus Cristo.

Elas colocavam tudo o que tinham e conforme suas possibilidades à disposição do movimento de Jesus, do qual participavam como discípulas [...] O casamento não era condição nem imposição. Mulheres participavam como mulheres. É bem provável que, em Jesus, no anúncio e na vivência da palavra de Deus, elas encontravam fundamentos de dignificação e liberdade [...] <sup>109</sup>

<sup>106</sup> BLASI, Marcia; SCHUCHARDT, Ketlin Laís. Lucas 10.38-42. In: HOEFELMANN, Verner (Coord.). *Proclamar Liberdade: auxílios homiléticos*. Vol. 40. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, p. 214-217, p. 215-216.

<sup>107</sup> TAMEZ, Elsa. A liderança das mulheres no Novo Testamento. *Concilium*, Petrópolis, no. 347, p. 79-88, 2012, p. 81.

<sup>108</sup> RICHTER REIMER, 2015, p. 85.

<sup>109</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. A lógica do mercado e a transgressão de mulheres. Uma visão teológico-cultural

### 3.7 Sororidade nos momentos de festa e celebração

Em eventos centrais da história do povo de Deus, as mulheres aparecem em momentos de celebração e festa, no Antigo e Novo Testamentos. Miriam e as mulheres celebram juntas a libertação do povo hebreu, povo que era escravo no Egito e fora libertado por Javé. Êxodo 15.20 fala da liderança de Miriam, que celebra a vitória com outras mulheres. O nome de Miriam aparece em três momentos na Sagrada Escritura. Primeiro, quando ela conduz as mulheres e o povo para louvor, canto e dança pela vitória do povo (Ex 15.20-21): “Em 15,20-21, Miriã e todas as mulheres celebram a liberdade com música, dança e canto. O canto é breve; leva jeito de refrão. Diz-se que é uma das passagens mais antigas da Bíblia e bem que pode ser. – A Bíblia começa com palavra de mulher!”<sup>110</sup>

Em outra passagem bíblica Miriam e Arão reclamam contra Moisés sobre seu estilo de liderança e, por isso, somente ela é castigada por Deus, ficando leprosa<sup>111</sup>. Ainda assim, o povo somente se retira e segue adiante após Miriam retornar ao acampamento, demonstrando sua liderança e o respeito que tinham por ela. Na terceira passagem, Miriam é lembrada ao lado dos irmãos como exemplo de liderança, em Mq 6.4: “Pois te fiz subir da terra do Egito, e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti a Moisés, Arão e Miriam”.

Um contexto de festa e celebração coordenada por mulheres também ocorre no início da atuação pública de Jesus Cristo. O evangelho de João apresenta este relato no capítulo 2.1-11, quando Jesus participou com Maria e outras pessoas de uma festa de casamento e, ali, transformou a água em vinho. No momento da festa, a atuação das mulheres é essencial, tanto através da liderança e presença de Maria quanto no momento de servir o bom vinho às pessoas convidadas para festa (Jo 2.1-5). E a festa continuou porque a água foi transformada em bom vinho por Jesus e, uma mulher, Maria, orientou as outras mulheres e homens sobre o que deveriam fazer para que a festa continuasse.

Em Lucas 15 outra festa é relatada: a festa de mulheres que encontram o que estava perdido e se alegram por isso. O texto conhecido como a “história da moeda perdida” afirma que uma mulher convida suas amigas e vizinhas para celebrar o encontro da moeda perdida (Lc 15.8-9). Outra festa que a Sagrada Escritura revela e é menos conhecida pela tradição protestante encontra-se no livro de Judite. Neste livro é narrada uma festa vitoriosa onde as mulheres do povo de Israel cantam, dançam e seguem a mulher líder, amiga, sábia, corajosa e

---

a partir dos evangelhos. In: \_\_\_\_\_, 2006, p. 166-167.

<sup>110</sup> SCHWANTES, 2016, p. 17.

<sup>111</sup> “Assim Miriam esteve fechada fora do arraial sete dias, e o povo não partiu, até que recolheram a Miriã.” (Nm 12.1-15)

vitoriosa, Judite:

Judite herdou propriedades do marido. Era livre e se recusou a se casar e podia, como os Terapeutas, consagrar a sua vida à oração, à ascese e à celebração do Sabath. Tinha autoridade para convocar os anciãos da cidade, se levantava contra seus erros de julgamento e a maneira de se conduzir diante do inimigo (cf. 8,11). Em nenhum momento se diz que usava véu quando saía, ao contrário, todos ficavam encantados com sua beleza (cf. 10,7), que ela utilizou contra seus inimigos, vencendo-os (cf. 11,21). A marcha vitoriosa sobre Jerusalém é uma festa das mulheres de Israel cantando e seguindo Judite (cf. 15,3). Dessa maneira ela é apresentada como tendo uma sabedoria inteligente, uma fidelidade à piedade, um devotamento profundo à causa de seu povo. A vitória de Judite aparece como a vitória de todo o povo. Ela revela que o Deus dos oprimidos e desesperados é o Deus conosco (cf. 13,11)<sup>112</sup>.

Jesus compara o reino de Deus com uma grande festa (Mt 22.1-14) onde muitas pessoas são convidadas, mas poucas, de fato, participam. Festa é momento de alegria, partilha da vida, riso solto, leveza no corpo e na alma, momento de fortalecer as amizades que caminham lado a lado. As conferências de ministros e ministras e especialmente os encontros de ministras, geralmente reservam momentos de festas, celebração, partilhas de alegrias com partilha de alimentos, contos e histórias, risos e abraços; momentos terapêuticos que fortalecem a caminhada sororal, como pequenos oásis na vida.

### **3.8 Sororidade na liderança e na missão**

Assim como mulheres que foram testemunhas da ressurreição e discípulas de Jesus Cristo agiram juntas, com apoio, escuta e fortalecimento mútuo a fim de cumprirem a missão de ir e anunciar, também se observa, no início do cristianismo, a ação em conjunto de mulheres. Muitas delas foram líderes em suas comunidades, abrindo suas casas e apoiando a divulgação da Boa Nova do Evangelho.

Em Atos dos Apóstolos destaca-se a atuação de Maria e Rode, a empregada da casa que é valorizada e tem seu nome citado, denotando a relação de parceria e amizade que tinha com Maria, líder da comunidade (At 12.12-13). Lídia, comerciante independente, passa a crer na mensagem do Evangelho e coloca sua casa à disposição da missão (At 16.11-15) sendo uma líder importante da comunidade cristã primitiva.

Outras mulheres também apostaram na mensagem do Evangelho e juntas se fortaleceram e apoiaram como Febe - a diaconisa, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia e outras citadas em Rm 16.1-16; Evódia e Síntique em Fp 4.2, Lóide e Eunice, mãe e filha em 2Tm 1.5 e Priscila, que tem seu nome citado seis vezes: Rm 16.3-5; At 18.2-3; 18.18;

---

<sup>112</sup> TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 80.

18.26; 1Co 16.19; 2Tm 4.19<sup>113</sup>. Em At 17.34 também é citada a conversão ao cristianismo de uma filósofa, Dâmaris, que deve ter interagido e convivido com outras mulheres do movimento cristão. Trata-se de mulheres que lideravam o início da missão cristã e abriam as portas de suas casas para deixar que a mensagem do Evangelho fosse propagada e vivenciada por palavras e ações.

Um fato fundamental digno de ser levado em consideração é o nascimento das comunidades cristãs nas casas de famílias. Sabemos que nesse espaço no qual se reuniram as primeiras comunidades cristãs por três séculos, a mulher tinha um lugar muito mais importante do que nos espaços públicos. Na assembleia da cidade (*ekklesia*) a mulher não tinha cabimento por não ser cidadã, mas o tinha na *casa-ekklesia*. As mulheres estavam sempre presentes e não poucas vezes como dirigentes<sup>114</sup>.

Muitas delas foram amigas e atuaram juntas no cristianismo primitivo com seus dons e liderança. Segundo Ivoni Richter Reimer:

...viu-se e se rememorou que elas – e são muitas outras! – não apenas participaram do caminho da salvação, mas também abriram-lhe as portas e janelas para que mais gente pudesse nele se encontrar e construir seus lugares outros. São elas apóstolas, trabalhadoras, missionárias, sacerdotisas, diáconas... Desde os princípios, e mulheres para sempre!<sup>115</sup>

Dar visibilidade às mulheres que agiram de maneira autônoma e com a amizade e apoio de outras mulheres no cristianismo primitivo e em outros tempos é essencial para o fortalecimento da sororidade desde os textos bíblicos na atualidade. Saber que houve e há mulheres que se dispuseram para uma caminhada de empoderamento, cuidado e apoio uma para com a outra, em confiança, anima e dá esperança para a atuação de tantas mulheres da atualidade, também para as ministras da IECLB. “O Novo Testamento demonstra, em contextos bastante diversos, que no cristianismo primitivo existia uma vida social e comunitária de mulheres.”<sup>116</sup> Mulheres atuavam juntas, em comunidade, em todas as áreas da vida: “No trabalho (Mt 24.41 par.), na relação solidária de vizinhas (Lc 15.9), nas ruas (1Tm 5.13; Lc 8.1-3; Mc 15.40s par), nas liturgias judaicas (At 16.13) e cristãs (1 Co 11.5; 14.34).”<sup>117</sup> Mulheres que caminhavam e conviviam com outras mulheres, em sororidade, de maneira empoderada e autônoma.

É surpreendente o grande número de mulheres a cujos primeiros nomes não foram

<sup>113</sup> Segundo Elsa Tamez: “O fato de que o nome de Priscila seja colocado primeiro indica que era mais importante que seu esposo, pelo menos no que diz respeito ao ministério.” TAMEZ, 2012, p. 84.

<sup>114</sup> TAMEZ, 2012, p. 84.

<sup>115</sup> RICHTER REIMER, 2015, p. 90.

<sup>116</sup> SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008, p. 165.

<sup>117</sup> SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008, p. 166.

acrescentadas relações de parentesco com homens que serviam para sua identificação: Maria Madalena (Mc 15.40, ente outros), Salomé (Mc 15.40; 16.1), Tabita (At 9.36), Lídia (At 16.14), Maria (Rm 16.6), Trifena e Trifosa (Rm 16.12), Pérside (Rm 16.12), Cloé (1Co 1.11), Evódia e Síntique (Fp 4.2), ‘Jezabel’ (provavelmente não um nome pessoal, mas uma designação pejorativa, Ap 20.2), Febe (Rm 16.1), Áfia (Fm 2). Há mulheres anônimas que também não são identificadas através de uma relação de parentesco com um homem: a sírio-fenícia (Mc 7.26; aparentemente uma mãe solteira), a mulher que sofria de hemorragia (Mc 5.25), a mulher encurvada (Lc 13.11), a ‘pecadora’ (Lc 7.36), a mulher da unção (Mc 1.3) e a samaritana (Jo 4.9,18). Esposas que podem ser identificadas como pessoas (sem nomes) são: Isabel (Lc 1.5), Maria (Lc 1.27 entre outros), a esposa de Pedro (1Co 9.5), Safira (At 5.1), Priscila (At 18.2 entre outros), Júnias (Rm 16.7, embora, na verdade, aqui não conste que ela é esposa), Júlia (Rm 16.15 – também não precisa ser necessariamente esposa), a esposa de Zebedeu (Mt 20.20 entre outros). O número de mulheres que são mencionadas sem nenhuma referência à sua relação de parentesco com um homem é maior do que o número de esposas identificáveis (20 a 8)<sup>118</sup>.

No Antigo Testamento destacam-se os nomes das mulheres profetizas que, com coragem, falaram em nome de Deus e agiram na contramão da cultura patriarcal hebraica: Miriam (Ex 15.20-21), Débora (Jz 4.4-6), Hulda (2Rs 22.14-20), Noadiah (Ne 6.14). A bela Sulamita, mencionada no livro de Cantares, é citada ao lado de sua mãe (Ct 1.6; 3.4; 3.11; 6.9; 8.1; 2.5). Sua mãe é lembrada e valorizada no cotidiano de vida da filha que se empenha na busca pelo amado e, esta, quando o encontra, consoma o amor livre e mais forte do que a própria morte (Ct 8.1-7). “A casa da mulher torna-se o lugar onde é planejada e de onde surge a salvação para o povo [...] Elas agem sozinhas, ou juntas, com outras mulheres. Rute e Noemi; Ester e suas moças; Sulamita e suas amigas.”<sup>119</sup> Atuação corajosa e sorória é encontrada também no livro de Ester, onde é descrita a história de Vasti e Ester:

Vasthi na tradição judeu-cristã posterior foi louvada pela sua desobediência ao seu marido (cf. Est 1.1-12), assim como demonstra uma notável coragem ao recusar adular diante de um grupo de homens bêbados. Ester, por outro lado, é celebrada por usar sua beleza e comportamento como uma esposa exemplar para salvar o povo judeu. O que somos encorajadas a ver nas duas histórias é que as mulheres se arriscaram por suas convicções, umas desobedecendo a seus maridos, outras não<sup>120</sup>.

As mulheres da Bíblia conheceram outras mulheres, conviveram com elas, na casa ou no espaço público, no cotidiano da vida onde ensinaram, aprenderam umas com as outras e foram fortalecidas pela experiência de tantas mulheres que cruzaram suas vidas e caminhos, em sororidade. “Quantas mulheres participavam do grupo de Jesus! Mulheres casadas e

<sup>118</sup> SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008, p. 170-171.

<sup>119</sup> SASSI, Katia Rejane. *Pentateuco feminino*. Cinco livros proclamados nas festas judaicas. Série A Palavra na Vida, no. 295. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 30-31. A autora ainda afirma: “Jesus escolheu a casa e não templo, a mesa e não o altar, a partilha e não o sacrifício, a família e não o sacerdócio. Jesus comungou com a memória da casa, das mulheres, dos pobres e excluídos.” p. 31.

<sup>120</sup> TEPEDINO, 1990, p. 74.

solteiras, viúvas... Mulheres discípulas, ministras da palavra e da fração do pão.”<sup>121</sup>

Na caminhada de ministras da IECLB é possível evidenciar a trajetória de cada mulher que serve, promove vida por meio do anúncio do Evangelho, desperta dons e testemunha sinais de vida em meio a sistemas de morte. Muitas histórias encantam e cativam nessa caminhada de trinta e cinco anos de ordenação ao ministério na IECLB. Algumas histórias foram compartilhadas por meio da campanha “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres”, com o objetivo de “coletar histórias de vida de mulheres e grupos de mulheres da IECLB para dar visibilidade a suas formas de viver e participar na Igreja e na Sociedade, no passado e na atualidade, valorizando o papel das mulheres nesses espaços.”<sup>122</sup> Dentre tantas histórias de mulheres, estão presentes as das ministras Pa. Neusa Tetzner<sup>123</sup>, Pa. Dione Carla Baldus<sup>124</sup>, Pa. Carla Andrea Grossmann<sup>125</sup>, Diaconisa Wera Franke<sup>126</sup>.

Em comunhão com as mulheres que vivenciam sororidade, trago à memória as mulheres da Bíblia que inspiraram tantas outras a apostarem na confiança e em novas relações de cuidado mútuo, solidariedade e força em diferentes situações no cotidiano de vida; trago à memória as mulheres negras que formaram um cordão em volta do caixão de Marielle Franco, assassinada e calada; trago à memória as mulheres que há 35 anos são ordenadas na IECLB e testemunham que encontrar-se é a melhor maneira de se fortalecerem na amizade e na sororidade na luta contra o patriarcado; trago à memória as primeiras ministras da IECLB, aquelas que desbravaram tradições<sup>127</sup>, conceitos, contagiaram com seu jeito de ser e servir<sup>128</sup>;

<sup>121</sup> SOAVE, 2000, p. 12.

<sup>122</sup> PORTAL LUTERANOS. *Em comunhão com as vidas das mulheres*. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-a-vida-das-mulheres](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-a-vida-das-mulheres)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>123</sup> TETZNER, Neusa. História de vida de Neusa Tetzner. *Portal Luteranos*, 28 jan. 2015. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-neusa-tetzner](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-neusa-tetzner)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>124</sup> BALDUS, Dione Carla. História de vida de Dione Carla Baldus. *Portal Luteranos*, 16 dez. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-dione-carla-baldus](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-dione-carla-baldus)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>125</sup> GROSSMANN, Carla Andrea. História de vida de Carla Andrea Grossmann. *Portal Luteranos*, 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-carla-andrea-grossmann>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>126</sup> FRANKE, Wera. História de vida da Irmã Wera Franke. Entrevista concedida a Irmã Ruthild Brakemeier. *Portal Luteranos*, 01 out. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/irma-wera-franke](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/irma-wera-franke)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>127</sup> Em 158 anos de história, a Pa. Márcia Helena Hülle é a primeira pastora a atuar na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Blumenau/SC, na paróquia do Centro, sendo instalada em 12 de agosto de 2015. MINISTÉRIO - Centro de Blumenau tem primeira mulher no pastorado. *O Caminho*, set. 2015. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=148&cadernoId=9&noticiaId=6838&highlight=mulher>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

<sup>128</sup> Cito, como exemplo, a Pa. Mayke M. Kegel, que foi a primeira pastora luterana a exercer sua vocação em Joinville, a maior cidade de SC. Segundo relato do P. em. Remy Hofstätter, “Mayke é uma pequena grande mulher, corajosa, lutadora, determinada, dedicada, solidária e que sabe muito bem o que quer e aonde quer

trago à memória as mulheres que iniciaram encontros de ministras nos sínodos, em especial no Sínodo Norte Catarinense, e priorizam este momento em suas agendas; trago à memória as mulheres que, sendo diversas num círculo de iguais, cantaram e dançaram a canção “companheira, me ajude, não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor” e, junto com todas elas, poetizam (assim como faz a querida Pa. Lola)<sup>129</sup>, profetizam, cantam, anunciam, escrevem<sup>130</sup>: “Entrar na dança, no cordão, Entrelaçar mãos, ouvir música: cumplicidade. Ensaiar passos: confiança. Entrar na dança, no cordão. Entrelaçar mãos. Ouvir música: solidariedade. Ensaiar passo: sororidade.”<sup>131</sup>

Em comunhão as ministras da IECLB que apostam na experiência fortalecedora da partilha e apoio mútuo e em comunhão com as mulheres da Bíblia acima citadas, pretende-se, no próximo capítulo, olhar para o movimento que ocorre na caminhada das ministras da IECLB, visualizando como a sororidade se faz presente no processo de encontros, partilhas e vivências, por meio do apoio, cuidado, parceria e confiança. Como as mulheres que apostam e confiam umas nas outras, as ministras testemunham que andar juntas é melhor, que juntas se cuidam, se constroem, se amparam e se querem bem. Juntas, crescem como mulheres fortes que são...!

---

chegar.” BECKER, Valmi Ione. Dia da Mulher - Joinville homenageia a pastora Mayke Kegel. *Jornal O Caminho*, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=108&cadernoId=24&noticiaId=4956&highlight=mulher>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

<sup>129</sup> “Que bom contar contigo!: Contar contigo, amiga, é bom, é bênção, não mais consigo me imaginar sem poder contar contigo, amiga, irmã!” “Em cada abraço: Em cada abraço faço mais fortes meus braços para mais abraços, faço mais fortes meus laços para mais laços, faço mais forte a minha vida para enfrentar a morte de abraços em nosso meio cheio de cotoveladas. Cotoveladas: falência de abraços...” Estas e outras poesias encontram-se na obra da Pa. Lola, como é conhecida. CHRISTMANN, Louraini. *Celebrando em poesia*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 95 e 98.

<sup>130</sup> Trazendo à memória as mulheres do movimento da Reforma da Igreja que escreveram, estudaram e se afirmaram como protagonistas de seu tempo e história. Cf. ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Garlow. *Mulheres no movimento da reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

<sup>131</sup> FRIGERIO, 2007, p. 61.



#### 4 MINISTRAS DA IECLB SE ENCONTRAM

“Mulheres são como águas, crescem quando se juntam.”<sup>132</sup>

A frase destacada em epígrafe representa, em grande medida, a experiência que tenho vivenciado como ministra ordenada ao ministério pastoral na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) há 16 anos.<sup>133</sup> Durante esse período, tive a oportunidade de participar de diversos grupos e espaços de encontro de ministras que fortaleceram a minha caminhada como pastora. É no espaço da vida em grupo, por meio de encontros, que é possível superar dificuldades e animar-se com abraços, sorrisos, partilhas de sonhos, desejos, alegrias, superações. Esta experiência, para quem é ministra da IECLB, ocorre em encontros em âmbito nacional e sinodal<sup>134</sup>, que se configuram como espaços de rede de apoio nos quais a parceria na caminhada da vida é respeitada e fortalecida mutuamente.

Na proposta de formação cristã contínua da IECLB<sup>135</sup>, o encontrar-se e conviver com outras pessoas está explícito. Essa proposta também está em acordo com o que preveem os quatro pilares da Educação, elaborados por Jacques Delors<sup>136</sup> e assumidos pela UNESCO para a promoção do pleno desenvolvimento humano, incorporados pelo PECC da IECLB. É por

<sup>132</sup> PEREIRA, Sara. Mulheres são como águas, crescem quando se juntam. *Terra de Direitos*, 10 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.terradedireitos.org.br/noticias/noticias/mulheres-sao-como-agua-crescem-quando-se-juntam/19941>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

<sup>133</sup> Fui ordenada para o exercício do ministério pastoral na IECLB em 29 de setembro de 2002, em Palmas/TO. Atuei em três paróquias da IECLB: Paróquia de Palmas/TO; Paróquia do Vale do Três Forquilhas, Itati/RS e Paróquia Litoral Norte Catarinense, São Francisco do Sul/SC.

<sup>134</sup> “A partir da Reestruturação da IECLB, e com o Concílio Geral Extraordinário realizado em fevereiro de 1997 em Ivoti foi aprovada a nova Constituição da IECLB, dando origem aos 18 Sínodos, cada um com sede própria. PORTAL LUTERANOS. *Sínodo Noroeste Riograndense: História do Sínodo*. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/noroeste-riograndense/historia-do-sinodo](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/noroeste-riograndense/historia-do-sinodo)>. Acesso em: 04 mar. 2018. “O sínodo é a unidade descentralizada da IECLB. É formado pelo conjunto de comunidades e paróquias existentes em uma determinada área geográfica. Cabe-lhe estabelecer diretrizes para o planejamento e a realização do trabalho eclesialístico na sua área de abrangência, zelar para que os objetivos fundamentais da IECLB sejam alcançados e resolver os problemas administrativos que ocorram em sua área. O sínodo pode estruturar-se em setores de trabalho regionalizados.” VOIGT, Emílio (Org.) *Guia para o presbitério: manual de estudos*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2010, p. 46.

<sup>135</sup> A IECLB elaborou o Plano de Educação Cristã Contínua (PECC), onde constam os fundamentos, objetivos e a história da educação cristã na Igreja. A educação cristã contínua encontra fundamentação teológica na Bíblia, no Batismo e na confessionalidade evangélica luterana. “A Bíblia, o Batismo e a confessionalidade evangélica luterana contêm os princípios básicos que fundamentam e orientam o planejamento e a execução de ações de educação cristã propostas pelo PECC [...] Educação cristã contínua auxilia no processo de desenvolvimento integral e contínuo, que desperta e alimenta a fé e intervém na maneira como as pessoas vivem o dia a dia (seus modos de expressão, suas escolhas, suas ações etc.). Esse processo acontece através da apropriação, da elaboração e da produção de conhecimentos, sensibilidades, valores e práticas, com base nos fundamentos da fé cristã, conforme Lutero: Jesus Cristo, Escritura, Fé, Graça.” PORTAL LUTERANOS. *Plano de Educação Cristã Contínua (PECC)*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/plano-de-educacao-crista-continua-pecc-1>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

<sup>136</sup> DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2003, p. 101-102. Conforme o autor, os quatro pilares da educação são: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com/juntos, aprender a ser.

meio da convivência, da partilha, do encontro com outras pessoas, que se aprende, cresce e vive. Também na Igreja esta comunhão e convivência estão presentes.

A dimensão da comunhão chama-nos a promover a vivência da fé em Jesus Cristo em comunidade. Não há comunhão sem encontro, acolhida, diálogo, partilha. Comunhão é a essência da igreja [...] A comunhão é a vivência concreta da fé. A comunidade recebe a tarefa de criar diferentes espaços para a comunhão. Esses espaços são momentos em que crianças, jovens, mulheres e homens podem experimentar dignidade da vida, criar ânimo para interagir no cotidiano<sup>137</sup>.

Nesta perspectiva situam-se os encontros de ministras da IECLB como elemento formador de espaços de apoio, cuidado e partilhas diversas em âmbito sinodal e nacional. Em sua saudação às ministras participantes do I Encontro Nacional de Ministras e no culto festivo em alusão aos 30 anos de Ordenação de Mulheres ao Ministério, em 2012, o P. Presidente da IECLB, Nestor Paulo Friedrich, afirmou:

Fundamental é que, nesta caminhada, possamos crescer na valorização das diferentes formas de exercer o Ministério na perspectiva do fortalecimento da missão da IECLB, da causa maior, que é o Reino de Cristo! Daí a minha insistência por uma gestão do cuidado, tarefa de todos e todas para o fortalecimento mútuo<sup>138</sup>.

Encontrar-se é uma prerrogativa essencial na vivência do ministério eclesiástico<sup>139</sup>. Para quem compõe o corpo ministerial da IECLB, participar de encontros, seminários, cursos, atualizações teológicas, conferências de ministros e ministras, é essencial na formação continuada, direito e dever garantidos no Estatuto do Ministério com Ordenação (EMO), que rege no capítulo nove, artigo 50: “Cabe à direção da IECLB, através de suas instâncias, acompanhar suas ministras e seus ministros, através da formação continuada, conferências, estudos e intercâmbios[...]”; e artigo 51: “A formação continuada será proporcionada através de seminários, atualizações teológicas e outros cursos de aperfeiçoamento, sendo obrigatória a participação das ministras e dos ministros em, no mínimo, uma (1) dessas atividades por ano [...]”<sup>140</sup>

<sup>137</sup> VOIGT, 2010, p. 63.

<sup>138</sup> PORTAL LUTERANOS. Encontro Nacional de Ministras da IECLB: Celebrando os 30 anos de Ordenação na IECLB. *Jorev*, 01 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

<sup>139</sup> “Os ministérios edificam a comunidade quando pregam e ensinam a Palavra e administram os sacramentos, dados e instituídos pelo próprio Deus. Esta é a principal tarefa dos ministros (*sic*) na Igreja.” “[...] a Igreja tem necessidade de ministros que preguem a Palavra e administrem os sacramentos, é importante que estes ministros sejam instalados pela Ordenação. Desta forma, a própria comunidade é quem tem a autoridade para chamar e convocar seus ministros.” MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: homossexuais e o Ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 156 e 161. O autor faz uma profunda análise do Ministério Eclesiástico e Ordenação na Igreja no capítulo II da obra.

<sup>140</sup> PORTAL LUTERANOS. *Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Neste contexto, inserem-se as convenções nacionais de ministros e ministras e os encontros nacionais e sinodais de ministras. Como pastora ordenada pela IECLB desde 2002, tive a oportunidade de participar de uma Convenção Nacional de Ministros e Ministras (Curitiba, 2013), de dois Encontros Nacionais de Ministras da IECLB (Florianópolis, 2015 e Curitiba, 2012), um Encontro Representativo de Ministras (duas participantes por sínodo em Porto Alegre, 2017) e dos doze Encontros Sinodais de Ministras no Sínodo Norte Catarinense<sup>141</sup> (de 2010 a 2017), onde atuo como pastora na Paróquia Litoral Norte Catarinense, com sede em São Francisco do Sul/SC, desde novembro de 2009.

Partindo dessa experiência e de documentos e materiais disponíveis, neste capítulo aborda-se a ocorrência de encontros de ministras da IECLB e, de maneira especial, os encontros de ministras realizados no âmbito do Sínodo Norte Catarinense. O objetivo é reconstruir o percurso dos encontros nacionais de ministras da IECLB, as datas e locais de realização, com temas e objetivos, buscando perceber como eles fortalecem a caminhada ministerial à luz da sororidade entre ministras da IECLB. Neste sentido, pretende-se fazer um breve resgate histórico e vivencial, de maneira especial dos últimos encontros em âmbito nacional e de todos os encontros em âmbito sinodal. Observa-se em que medida a sororidade está presente nestes encontros e como ela é elemento fundante e formador dos mesmos, como fator que impulsiona as mulheres ordenadas na Igreja para relações de respeito, acolhida, apoio mútuo, confiança, amizade e justiça de gênero.

#### **4.1 A organização de mulheres e os primeiros encontros de ministras**

Mulheres se encontram, se organizam e lutam juntas por causas em comum. Esta realidade é experimentada por mulheres que exercem o ministério ordenado na IECLB. Por meio de vivências em repúblicas de estudantes de teologia, de grupos de mulheres com estudos feministas e de encontros de ministras, as mulheres criam laços de amizade, confiança, apoio e fortalecimento diante das lutas, alegrias e desafios que o exercício do ministério na Igreja lhes traz. Pretende-se dar visibilidade a estas experiências e valorizar nelas a vivência da sororidade como elemento formador e vivificador entre mulheres que se dispõem ao exercício do ministério ordenado.

---

<sup>141</sup> A sede do Sínodo Norte Catarinense é na cidade de Joinville/SC. Os encontros Sinodais de Ministras foram realizados nas cidades de Joinville, Jaraguá do Sul, Massaranduba, Piçarras, São Francisco do Sul, Rio Negrinho, São Bento do Sul. A área geográfica do sínodo compreende desde litoral norte de Santa Catarina até o planalto norte e centro-sul do Paraná. Mais informações em: PORTAL LUTERANOS. *Sínodo Norte Catarinense*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/sinodo/norte-catarinense>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

#### 4.1.1 Mulheres na teologia e as primeiras formas de organização

Mulheres que se dispuseram para o estudo teológico e o devido preparo para assumir o ministério ordenado na Igreja, se encontraram e se fortaleceram mutuamente ao longo dos anos. Mobilização e reflexão importante das estudantes de teologia desde a ótica da teologia feminista ocorreu na Faculdade de Teologia (FACTEOL). Em 1990, fruto de muita luta e movimento em conjunto de estudantes de teologia em São Leopoldo, foi criada a Cátedra de Teologia Feminista<sup>142</sup>. Pode-se afirmar que esta grande conquista foi fruto de encontros, reflexão, articulação, proposições e formação das mulheres que estudavam teologia e marcavam presença de maneira coletiva.

A história da Teologia Feminista e dos Estudos de Gênero nas Faculdades EST está intimamente relacionada com a presença de mulheres na formação teológica e, por consequência, no Ministério Ordenado da Igreja. No contexto mais amplo da emergência da Teologia Feminista e, posteriormente, dos Estudos de Gênero, foi essa presença que permitiu a organização e o debate ao redor dessas questões redundando num compromisso explícito através da criação da Cátedra de Teologia Feminista em 1990<sup>143</sup>.

Esta e outras conquistas de mulheres no ministério perpassam pela mobilização, apoio e formação que obtiveram por meio de reflexão da teologia feminista<sup>144</sup>, a qual motivava para um debate aberto e coletivo. Destacam-se neste processo as reflexões em Repúblicas (moradias de estudantes de teologia) e no Grupo de Mulheres<sup>145</sup>. Mulheres agindo juntas com objetivos em comum alcançaram transformações no fazer e pensar teológico por meio de articulação e reflexão, especialmente concretizada pelo Grupo de Mulheres. Segundo Elaine Neuenfeldt:

As reivindicações sobre a maior inserção de mulheres, bem como assuntos advindos das experiências das mulheres como temas de reflexão da teologia, levaram a que, em 1991, se concretizasse uma reivindicação da agenda do grupo de mulheres da

<sup>142</sup> Veja mais informações sobre a criação da Cátedra de Teologia Feminista no artigo: PAIXÃO, Márcia Leindecker da. Cátedra de Teologia Feminista na EST: pelos meus olhos. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 30-39, jul./dez. 2015.

<sup>143</sup> MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST*. A construção de uma área do conhecimento. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 27.

<sup>144</sup> Vale ressaltar que desde 2008 não há mais uma pessoa contratada especificamente, para a Cátedra de Teologia Feminista. Cf. MUSSKOPF, 2014, p. 120. “Teologia Feminista” ainda consta como componente obrigatório no currículo do Bacharelado em Teologia. O componente curricular tem sido assumido por docente vinculada ao Programa de Gênero e Religião, que assumiu e ampliou as atribuições da Cátedra de Teologia Feminista a partir de 2009 e foi reestruturado em 2014.

<sup>145</sup> A pauta dos encontros era composta por acolhida, meditação, música, tema a ser debatido e assuntos diversos. Dentre as atividades realizadas no Grupo de Mulheres destacam-se o uso da expressão corporal, orações, poesias, poemas e poimênica. BALDUS, Dione Carla. *Historiografia do Grupo de Mulheres*. [Monografia de Conclusão de Curso]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2002, p. 15.

Faculdade de Teologia e do corpo estudantil [...] a criação da cadeira de Teologia Feminista<sup>146</sup>.

O Grupo de Mulheres foi criado em 1979 na Faculdade de Teologia, propiciando espaços de acolhida, apoio, reflexão e fortalecimento para as lutas e conquistas das mulheres estudantes de teologia. A Pa. Dione Carla Baldus, em sua monografia de conclusão do curso de teologia, aborda a história e protagonismo deste grupo dentro da FACTEOL e da IECLB a partir das reflexões e impulsos da teologia feminista<sup>147</sup>. Do ponto de vista da sororidade, Dione afirma: “Sem dúvida, o Grupo de Mulheres foi essa rede de apoio e solidariedade para muitas pastoras, catequistas e estudantes.”<sup>148</sup> Em outros momentos, o Grupo demonstrou sororidade ao apoiar e recomendar que mulheres seguissem estudando, ao manifestar-se diante de injustiças e violências, ao exigir da Direção da Igreja posicionamentos sobre determinados temas. Uma mulher que participou do Grupo relata que “o grupo me apontou o potencial que tem um grupo, seja de luta, de formação, de debate ou potencial terapêutico de fortalecimento e apoio mútuo.”<sup>149</sup>

Afirmando o poder que tem um grupo onde mulheres se reúnem e se encontram com objetivos afins, Anete Roese menciona o poder curador e vivificador de grupos de mulheres. A autora afirma que “no grupo tem oração e amizade; tem Palavra de Deus; lá se canta, se chora, se ri, e se briga e se luta também.”<sup>150</sup> O grupo, como espaço aberto de sororidade, motiva as mulheres para encontros, pois “o grupo é espaço de comunhão que cura a solidão, vincula, cria laços, traz sentimento de pertença, de felicidade. A intimidade do grupo agencia transformação na vida.”<sup>151</sup>

Sororidade foi vivenciada também na primeira República de Mulheres, formada por estudantes de teologia, denominada Sumpfloch<sup>152</sup>. Ali também houve espaço para que a amizade fosse fortalecida e nutrida, sendo, posteriormente, forte impulso para a realização de

<sup>146</sup> NEUENFELDT, 2008, p. 120.

<sup>147</sup> “[...] não há dúvida de que a Faculdades EST tem sido um espaço importante de produção teológica feminista e de gênero no âmbito do Bacharelado em Teologia e que a criação da Cátedra de Teologia Feminista foi importante para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento produzido nessa área”. MUSSKOPF, 2014, p. 85.

<sup>148</sup> BALDUS, 2002, p. 28.

<sup>149</sup> BALDUS, 2002, p. 29.

<sup>150</sup> ROESE, Anete. *Espaços de cuidado – movimento de ressurreição: Teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2004, p. 33.

<sup>151</sup> ROESE, 2004, p. 33.

<sup>152</sup> Criada em 1979, esta República de Mulheres Estudantes de Teologia, localizada fora da Faculdade de Teologia, no Bairro Jardim América, em São Leopoldo, recebeu o nome Sumpfloch devido ao terreno úmido onde se encontrava a casa. BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Sumpfloch, a República das Mulheres. Entrevista com Haidi Jarschel, Regene Lamb, Sílvia Beatrice Genz, Erli Mansk e Marli Lutz. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 94-108, 2015, p. 103. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

encontros de ministras. Em entrevista concedida à Marcia Blasi e Marli Brun, moradoras daquela república de mulheres destacam aspectos importantes de sororidade vivenciada entre elas. Silvia Beatriz Genz relata a importância da solidariedade e apoio mútuo entre as estudantes:

Nós éramos muito unidas. A solidariedade e o apoio mútuo nos ajudaram a manter na Faculdade de Teologia e a querer estudar sempre mais. Queríamos sempre ir em frente na construção do conhecimento. Estar na faculdade e poder ler, estudar, pensar que a gente poderia trabalhar nesta igreja, como a pastora Rita já estava trabalhando numa comunidade, era o maior presente, mesmo com todas as dificuldades. Sonhamos em fazer muito para o servir na igreja. Lutamos conosco mesmas no sentido de querer mais<sup>153</sup>.

Marli Lutz, por sua vez, ressalta o valor da coletividade nas lutas e conquistas:

Entre muitos risos houve também espaço para muitas lágrimas [...] Sou grata por este tempo de vivência, marcada por todo um processo de construção e desconstrução. Aprendi que, se queremos um mundo de paz e justiça, inclusive justiça de gênero, precisamos vivenciá-lo na coletividade através da construção de relações de respeito, de ternura, de transformação pessoal e social. Gratidão a vocês por podermos, através das coisas de gênero, visibilizar e costurar esses retalhos de nossa história<sup>154</sup>.

Toda essa história e caminhada de mulheres no âmbito da formação teológica revela a importância de tempo e espaço para um mútuo conhecimento, parceria, amizade, apoio e confiança. Os encontros de mulheres, enquanto estudantes, seguramente motivaram para os encontros de ministras, com o sonho que os mesmos continuem sendo espaço de vivência da sororidade que fortalece e empodera mulheres para o exercício do ministério. Desafios nesta tarefa existem e são muitos, entre eles, a motivação para que ministras tenham consciência da necessidade de encontros para articulações, decisões, ações e partilhas. “É preciso que se tenha a consciência da importância da articulação entre as mulheres, desse fortalecimento conjunto para ir em busca dos espaços que ainda faltam ser conquistados pelas mulheres ordenadas.”<sup>155</sup>

O grande desafio para as pastoras é se organizarem e continuarem caminhando, carregando seus sofrimentos junto com suas esperanças e sonhos. Ainda há um longo caminho a percorrer até que todas as pastoras sejam respeitadas e valorizadas no seu ministério<sup>156</sup>.

<sup>153</sup> BLASI; BRUN, 2015, p. 101.

<sup>154</sup> BLASI; BRUN, 2015, p. 106 e 108.

<sup>155</sup> FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. *Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010, p. 95.

<sup>156</sup> BLASI, Marcia; STRECK, Valburga S. Questões de Gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, p. 222-240, jul./dez. 2009, p. 232-233.

Reflexão teológica, estudos, partilhas, apoio mútuo, situações de amparo e consolo diante das dores, sofrimentos, preconceitos, desafios; partilha de conquistas e alegrias no ministério, foram elementos essenciais que as mulheres vivenciaram e partilharam em diversos momentos de encontros. Ali a sororidade se fez carne!

#### 4.1.2 Breve histórico dos primeiros encontros de ministras

As ministras da IECLB<sup>157</sup>, outrora denominadas obreiras, se encontravam e abordavam temas específicos para a caminhada ministerial de mulheres na Igreja desde o início de seus estudos teológicos e ordenação ao ministério eclesiástico. Importa olhar para estes encontros no intuito de nominá-los, citá-los e dar visibilidade a eles como fator importante de comunhão, parceria, história e caminhada conjunta de ações sororais de mulheres no ministério na IECLB.

A Pa. Maristela Livia Freiberg, em sua dissertação de mestrado, aborda esta caminhada das mulheres no pastorado<sup>158</sup>. A autora menciona os primeiros encontros das ministras até o ano de 1989. Segundo ela, no ano de 1983, aconteceu um primeiro encontro entre pastoras e estudantes de teologia, de 27 a 29 de junho, em São Leopoldo/RS. Em 1984 ocorreu um segundo encontro, de 19 a 21 de outubro, também em São Leopoldo/RS, com 25 participantes<sup>159</sup>. Sobre outro encontro, ocorrido em maio de 1985, a autora não menciona. Dados sobre o mesmo, mencionado sem data e local, constam no boletim do encontro de 1984<sup>160</sup>.

Os encontros começaram a ser numerados a partir do momento em que as catequistas passaram a participar juntamente com as pastoras e estudantes de teologia. A partir desse momento também se passou a produzir um Boletim Informativo ou Caderno do conteúdo de cada encontro, com prestação de contas, decisões e encaminhamentos para o próximo. Assim, o I Encontro Nacional de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia da IECLB foi

<sup>157</sup> O Estatuto do Ministério Com Ordenação da IECLB assim estipula no Capítulo I: Art. 2º: “O ministério com ordenação se desdobra em quatro ministérios específicos, que são: o pastoral, o catequético, o diaconal e o missionário, com incumbências comuns e peculiares, nos termos deste estatuto, estando autorizado, para o respectivo exercício, a ministra ou o ministro que tenha sido, previamente, habilitado e ordenado pela IECLB.” PORTAL LUTERANOS. *Estatuto do ministério com Ordenação da IECLB*.

<sup>158</sup> FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1997. Em sua dissertação, Maristela aborda as temáticas e decisões ocorridas nos primeiros encontros de ministras na década de 80.

<sup>159</sup> FREIBERG, 1997, p. 120.

<sup>160</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Boletim das pastoras, catequistas e estudantes*, São Leopoldo, no. 02, 1984, p. 07. Neste há um breve histórico dos Encontros de Ministras no Boletim do II Encontro em Campinas, realizado pela Pa. Sonja Henrich Jauregui.

realizado entre 01 a 03 de maio de 1987, na FACTEOL, em São Leopoldo/RS<sup>161</sup>.

O II Encontro Nacional de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia da IECLB foi realizado entre 11 e 13 de março de 1988, no Lar Belém, em Campinas/SP. Neste encontro, entre as reflexões e decisões, destaca-se a iniciativa de solidariedade de enviar uma carta apoiando a recém-ordenada Pa. Marli Friske, pelo tratamento que recebera da estrutura da IECLB<sup>162</sup>. Neste encontro foram traçados objetivos concretos, entre eles dar maior visibilidade aos encontros de pastoras e catequistas, seguindo na congregação e organização das ministras por meio da realização de encontros internos na IECLB e em âmbito ecumênico<sup>163</sup>. Chama a atenção o conteúdo dos boletins dos encontros, apresentando o tema de aprofundamento (teologia feminista), lista organizada de endereços das ministras (pastoras e catequistas), resoluções do encontro, sugestão de bibliografia e charges sobre temas afins. Tanto na realização dos encontros como na confecção dos boletins informativos, chama a atenção o espírito de equipe e de parceria entre as ministras, que assumem funções específicas e as realizam com dedicação e compromisso<sup>164</sup>.

O III Encontro Nacional de Pastoras, Catequistas e Estudante de Teologia da IECLB foi realizado entre 17 a 19 de março de 1989, em Cascavel/PR. Destaca-se, novamente, a iniciativa de apoio mútuo que as ministras tiveram ao escrever uma carta de solidariedade e repúdio pela discriminação sofrida pela Pa. Neuza Tetzner, na Paróquia de Teófilo Otoni/MG, com cópia para a direção da IECLB e Conselho da Igreja<sup>165</sup>. No mesmo ano aconteceu o I Encuentro Latinoamericano de Pastoras, de 19 a 24 de setembro de 1989, em Buenos Aires, Argentina, promovido pelo CLAI (Conselho Latinoamericano de Iglesias), onde participaram cinco pastoras representando a IECLB<sup>166</sup>. Em 1993 o CLAI promoveu o II Encuentro de Teólogas Luteranas de América Latina, entre 01 e 06 de março, em Santiago, Chile, no qual pastoras luteranas da IECLB foram convidadas e estiveram presentes.<sup>167</sup>

O encontro em Cascavel encerra essa fase de encontros pioneiros da década de 80, os quais deixaram frutos de mobilização, articulação, reflexão, protagonismo e história das mulheres no ministério da IECLB. Em 1995, a alemã Gerdi Nuetzel realizou um breve

<sup>161</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Caderno do Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*, São Leopoldo, no. 01, nov. 1987.

<sup>162</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1987, p. 15. Não há maiores informações sobre o evento ocorrido.

<sup>163</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1987, p. 26.

<sup>164</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1987, p. 43.

<sup>165</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Boletim III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes*, São Leopoldo, 1989, p. 27.

<sup>166</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1989, p. 28.

<sup>167</sup> ROJAS, Gloria. *Carta Convite*. Delegadas al II Encuentro de Teólogas Luteranas Latinoamericanas. Santiago, 03 fev. 1993.

apanhado da história sobre as ministras da IECLB, abordando temas dos encontros, lutas e conquistas relacionadas ao exercício do ministério pelas mulheres. O texto foi traduzido por Regene Lamb e Haidi Jarschel para o português, sendo posteriormente publicado num livro.<sup>168</sup> Parte desta caminhada também é resgatada na dissertação de Maristela Freiberg, de 1997<sup>169</sup>, e na pesquisa elaborada por duas pastoras, Lori Altmann e Haidi Jarschel, publicada com o título “Um esboço do perfil da pastora da IECLB”, em 1992<sup>170</sup>. Outra obra mais recente a ser considerada, é a dissertação de Ligiane T. Müller Fernandes, “Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado”, de 2010<sup>171</sup>. Nesta última pesquisa é citado que “o ingresso de mulheres na teologia alcançou grande crescimento nas décadas de 1980 e 1990.”<sup>172</sup>

Na década de 90 os encontros continuaram sendo realizados<sup>173</sup>. O primeiro desta década foi o Encontro de Obreiras Mulheres da IECLB, que ocorreu de 28 de junho a 01 de julho de 1990, em Esteio/RS<sup>174</sup>. No Boletim Informativo do Encontro há a menção da organização de um próximo, que seria realizado em 1991, na região da grande Porto Alegre/RS. No entanto, não foi encontrado registro deste encontro. O próximo registro refere-se ao encontro realizado entre os dias 11 a 14 de março de 1993, em Esteio/RS, com a participação de 48 ministras<sup>175</sup>. Este encontro tornou-se mais abrangente, com a presença de pastoras, catequistas, diáconas, estudantes do IEC (Instituto de Educação Cristã) e estudantes de teologia, vindas de 08 estados brasileiros, sendo que neste encontro as diáconas se fizeram presentes pela primeira vez. Após a realização do encontro, a Pa. Margarete E. Engelbrecht elaborou uma carta motivadora às ministras, ressaltando decisões e discussões advindas do

<sup>168</sup> NUETZEL, Gerdi. Potencial transformador ou complemento de beleza? História do ministério feminino na IECLB. Tradução de Regene Lamb e Haidi Jarschel. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 31-70.

<sup>169</sup> FREIBERG, 1997.

<sup>170</sup> JARSCHTEL, Haidi; ALTMANN, Lori. *Um esboço do perfil da pastora da IECLB*. São Paulo: Traço a Traço, 1992.

<sup>171</sup> FERNANDES, 2010.

<sup>172</sup> FERNANDES, 2010, p. 25.

<sup>173</sup> Interessante é observar como a trajetória das ministras é valorizada na década de 90 pela Igreja e ganham visibilidade no meio de comunicação oficial, no Jornal Evangélico, hoje denominado JOREV. Todas as matérias referentes às ministras foram escritas por uma mulher, a jornalista Ingelore Starke Koch. Cf. KOCH, Ingelore Starke. Mulheres se organizam e falam entre si sobre temas tratados. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-24 mar. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças; \_\_\_\_\_. Mulher homenageada é obreira da IECLB. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 mar. 1996; \_\_\_\_\_. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 05-25 mai. 1991, Geral; \_\_\_\_\_. Teóloga feminista diz que é preciso desvincular Deus do símbolo masculino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 24 mar./13 abr. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

<sup>174</sup> LAMB, Regene. *Data do III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <regelamb@gmail.com> em 16 fev. 2018.

<sup>175</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Boletim Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes*, São Leopoldo, no. 03, 1993.

encontro e da caminhada das ministras. É mencionado na carta que um próximo encontro seria agendado para os dias 21 a 23 de junho de 1994, em Palmitos/SC, com o tema “Poder”. Afirma-se que o projeto para captação de fundos para a realização do mesmo seria encaminhado pelas pastoras Ruth e Lori e a organização do encontro estaria a cargo das pastoras Liane, Maristela, Wanda, Lori e Margarete<sup>176</sup>.

O encontro seguinte foi realizado entre 07 a 10 de setembro de 1995, em Esteio/RS, chamado de Encontro de Mulheres Obreiras da IECLB<sup>177</sup>. O seguinte encontro ocorreu de 05 a 07 de novembro de 1996, em São Leopoldo/RS, e foi realizado outro encontro com o nome de Encontro Nacional de Pastorais, sendo o tema “Prática Pastoral na Perspectiva de Gênero.”<sup>178</sup> Neste encontro foi agendado o próximo para 1998, definindo-se que os encontros passariam a ser realizados de dois em dois anos. Uma das dificuldades apresentadas nas cartas com relação à organização dos encontros é a questão financeira, sendo que as ministras pedem apoio da estrutura da Igreja para a realização dos mesmos.

Em 1998, houve uma maior parceria e diálogo com mulheres de outros grupos da IECLB, como a PPL (Pastoral Popular Luterana) e o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana<sup>179</sup>, que realizavam encontros específicos para os quais as ministras eram motivadas e convidadas a participar. Também se ampliou a participação em encontros, congressos e seminários ecumênicos de mulheres, como o Encontro Ecumênico de Mulheres, ocorrido de 03 a 05 de outubro de 1997, em São Paulo/SP. Estes encontros foram promovidos pelo CLAI, Faculdades de Teologia e outros organismos teológicos e ecumênicos, tanto no Brasil quanto no exterior. Em 1998, de 25 a 26 de março, ocorreu também o Encontro Representativo Nacional de Mulheres da PPL, tendo sido agendado um próximo para o ano de 2000. O último encontro da PPL aconteceu em 26 de março de 2018, em Condor/RS, intitulado “VI Encontro Inter Sinodal de Mulheres PPL”<sup>180</sup>.

---

<sup>176</sup> ENGELBRECHT, Margarete E. *Carta às colegas pastoras*. Esteio, 13 mar. 1993.

<sup>177</sup> MICHEL, Carmen; PLAUTZ, Tatiana. *Convite do Encontro Nacional de Obreiras da IECLB*. São Leopoldo: 21 mar. 1995.

<sup>178</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Programa e Memória do Encontro Nacional de Pastorais*. São Leopoldo, 1995.

<sup>179</sup> Sobre a história, conquistas e encontros promovidos pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e sua luta por uma Secretaria da Mulher junto à IECLB, consultar a dissertação: PHILIPPSEN, Rosane. *Encontros e Resistências: O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

<sup>180</sup> CHRISTMANN, Louraini. *Mensagem do VI Encontro Inter Sinodal de Mulheres PPL*. Condor: mar. 2018. Disponível em: <<http://pastoral.org.br/site/mensagem-do-vi-encontro-inter-sinodal-de-mulheres-ppl/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

## 4.2 Encontros Nacionais e Sinodais de Ministras

Após a caminhada das décadas de 80 e 90, na qual as ministras da IECLB testemunharam ser possível se encontrar, se fortalecer, estudar e aprofundar sempre mais a reflexão teológica do ser mulher na igreja e sociedade, olha-se com atenção para o movimento que ocorre nas décadas de 2000 e 2010. Até então, as ministras esforçaram-se para que os encontros entre elas ocorressem, muitas vezes utilizando recursos próprios e criando espaços e condições para que pudesse haver trocas, partilhas, experiências de sororidade entre elas. A partir da década de 2000, os encontros de ministras ocorrem com maior frequência nos sínodos e, na década de 2010, ocorrem encontros nacionais de ministras com o apoio da estrutura da IECLB, por meio da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias.

### *4.2.1 O papel da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB na realização dos Encontros de Ministras*

A Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB foi implementada em 2008 para articular o diálogo e a proximidade entre os grupos de mulheres da IECLB, em especial a OASE e o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. Além de dedicar atenção ao trabalho com mulheres, a IECLB busca promover justiça de gênero na Igreja e Sociedade. Justiça de Gênero é entendida como proteção da dignidade e busca por igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres. Para isso, a Coordenação também dialoga com os grupos de homens (LELUT) e casais, reúne e disponibiliza materiais, divulga conhecimento, promove reflexão e presta assessorias aos Sínodos e Paróquias sobre assuntos relacionados à justiça de Gênero. A Campanha Em Comunhão com as Vidas das Mulheres, o encontro nacional Mulheres celebrando os 500 anos da Reforma, Seminários sobre a superação da violência doméstica e violência contra a mulher, Encontro de Trabalho com Casais e Encontros de Ministras são exemplos de ações articuladas pela Coordenação de Gênero<sup>181</sup>.

Percebe-se que a Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias, entre outras funções, incentivou a caminhada das ministras para a realização dos encontros nacionais e sinodais. Ela se caracteriza como elo de diálogo entre a Presidência da Igreja e as ministras, como captadora de recursos com Sínodos e órgãos exteriores, além da organização da estrutura para a realização dos encontros nacionais.

A Coordenação foi criada em 2005 e, desde 2008, conta com uma pessoa liberada para atuar efetivamente com os diferentes grupos e temas na Igreja. A primeira pessoa responsável por essa coordenação foi a Pa. Rosangela Stange, que atuou até 2015. Desde

---

<sup>181</sup> PORTAL LUTERANOS. *Trabalho com Mulheres e Coordenação de Gênero*, 20 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/trabalho-com-mulheres-e-coordenacao-de-genero-39506>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

2016, atua na Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias a Pa. Carmen Michel Siegle<sup>182</sup>. Em artigo para o Jornal Evangélico, ela menciona a importância deste trabalho para a Igreja:

Há muito tempo, mulheres pleiteavam na IECLB a criação de uma Secretaria que tratasse de temas específicos relacionados às mulheres, reunisse informações a respeito do trabalho de mulheres na Igreja, articulasse o diálogo, a interação e a proximidade entre os diferentes grupos de trabalho com mulheres na IECLB. Fruto dessa mobilização, em 2005, foi criada a Coordenação de Gênero [...] a IECLB, por meio da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias, busca promover e incrementar a justiça de gênero em seu meio e na sociedade a partir de ações de formação, produção de material, divulgação de conhecimento, pesquisa, articulação em redes e a transversalidade da temática<sup>183</sup>.

As ministras<sup>184</sup> da IECLB, juntamente com outros segmentos de grupos de mulheres, conquistaram, com a criação dessa Coordenação, apoio, vez e voz para a realização de seus encontros. O papel da coordenação, dentre outras funções, é apoiar a realização dos encontros e motivar as ministras para que participem destes espaços como fonte de apoio, autocuidado, partilhas de experiências, aprendizagem, reflexão teológica e escuta em meio a conflitos e preconceitos. É por meio desta coordenação que hoje as ministras têm voz e espaço junto à estrutura da Igreja para os anseios e demandas próprios da caminhada ministerial.

Até então, os encontros ocorriam de forma autônoma, com organização e mobilização de recursos por conta dos encaminhamentos das próprias ministras, solicitando apoio financeiro interno e externo para sua realização. As ministras ansiavam pelo espaço de encontros, partilhas e formação contínua na caminhada ministerial, à luz da sororidade, e por isso não desistiram dela. Uniram-se a outras mulheres de segmentos diversos na IECLB para pleitear uma representação junto à estrutura da Igreja. Nessa perspectiva, a realização do primeiro Encontro Nacional de Ministras, com o apoio oficial da estrutura da IECLB, realizado em 2012, celebrando os 30 anos de ordenação de mulheres, foi uma conquista importante para a qual foi fundamental o trabalho realizado pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias.

---

<sup>182</sup> PORTAL LUTERANOS. *Mudanças na equipe da Secretaria Geral da IECLB*, 08 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/mudancas-na-equipe-da-secretaria-geral-da-ieclb>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

<sup>183</sup> SIEGLE, Carmen Michel. Gênero na Missão da Igreja. *Jornal Evangélico Luterano*, Porto Alegre, no. 797, Ano 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/jorev/topico/comportamento/111>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>184</sup> A Pa. Carmen Michel Siegle, no último Encontro de Ministras, em 2017, apresentou o quadro estatístico de Ministras da IECLB, estando assim constituído: Total de ministros/as da IECLB 1.224, sendo 408 ministras e 816 ministros. Dentre as ministras, 230 estão atuando no ministério pastoral, 110 no ministério diaconal, 52 no ministério catequético e 16 no ministério missionário. SECRETARIA GERAL. *Estatísticas por gênero na IECLB*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[secretariageral@ieclb.org.br](mailto:secretariageral@ieclb.org.br)> em 12 mai. 2017.

#### 4.2.2 Primeiro Encontro Nacional – 2012: 30 anos de Mulheres no Ministério

A caminhada de articulação de mulheres no ministério relatada nos itens anteriores teve como um de seus frutos a grande celebração e encontro realizado em 2012. Nos dias 13 a 15 de novembro aconteceu o I Encontro Nacional de Ministras Ordenadas da IECLB<sup>185</sup>, em Curitiba/PR, que reuniu 106 Ministras, entre Catequistas, Diáconas, Diaconisas, Missionárias e Pastoras, provenientes de 17 Sínodos. O tema do encontro foi: Mulheres no Ministério - Celebrando os 30 anos de Ordenação na IECLB, acompanhado do lema bíblico: “Onde for pregado o Evangelho, será contado o que ela fez, para a sua memória” (Mc 14.9). Segundo Vânia Klen:

Foram abordados temas como a necessidade da ênfase em política de gênero dentro da IECLB, do significado e das comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante e mulheres ocupando espaços de liderança na Igreja. Desses grupos saíram desejos, encaminhamentos e comprometimento das Ministras em articular as proposições e apresentá-las às instâncias competentes. Houve momento de avaliação, dos agradecimentos que eram tantos que não havia espaço para tanta fala. Certamente o que nos foi oferecido como Ministras durante estes dias nos deixou motivadas e aquecidas com o reencontro de amigas conhecidas e do encontro de novas amizades. Comunhão se faz no conhecimento, no abraço e no face a face. Chega o momento do canto, da bênção, da unção com o óleo perfumado que veio lá do Pará, oferecidos pelo trabalho de Dona Coló que nem conhecíamos... De tudo o que vivenciamos, que ouvimos, discutimos, compartilhamos nestes dias, ficou esse perfume para o nosso caminho, para o nosso retorno aos nossos campos de trabalho e acima de tudo, para a continuidade deste movimento que congregou 106 Ministras Ordenadas da IECLB<sup>186</sup>.

Na avaliação do primeiro encontro, três pontos motivaram a reflexão: “Com que expectativas viemos ao encontro? Que constatações/descobertas fizemos durante o encontro? Quais são as propostas para a continuidade das reflexões e aprofundamento das questões levantadas durante o encontro?”<sup>187</sup> A avaliação realizada pelas ministras é reveladora da bonita caminhada que mulheres no ministério ordenado<sup>188</sup> realizaram em 30 anos, dos

<sup>185</sup> “As três primeiras pastoras formadas e ordenadas pela IECLB são, respectivamente, Edna Moga Ramminger, que assumiu como pastora colaboradora em 1978 e foi ordenada em 13/11/1982; Rita Marta Panke, que assumiu como pastora colaboradora em 1976 e foi ordenada em 20/04/1983; Mariane Beyer Ehrat, que assumiu como pastora colaboradora em 1979 e foi ordenada em 01/06/1986. A ordenação das mulheres aos demais ministérios apenas teve início com a implantação do ‘ministério compartilhado’, a partir de 1994. Antes disso, as diáconas recebiam apenas uma ‘bênção ao ministério’. O mesmo aconteceu com as catequistas, que até então não tinham nenhuma forma de reconhecimento público e eclesial para o exercício de suas funções.” FERNANDES, 2010, p. 25.

<sup>186</sup> KLEN, Vânia Moreira. Encontro Nacional de Ministras – Encerramento. *Portal Luteranos*, 15 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontro-nacional-de-ministras-encerramento>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>187</sup> STANGE, Rosângela. Avaliação do Encontro Nacional de Ministras da IECLB. *Portal Luteranos*, 06 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/avaliacao-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>188</sup> “Para Lutero, a convocação de ministros (*sic*) era tão importante que via nela um sinal identificador da igreja

desafios e dificuldades e da importância das redes de apoio, solidariedade, amizade e encontros na caminhada ministerial. A seguir, algumas falas retiradas desta avaliação, nas quais constam expectativas, constatações e propostas:

Que se continue realizando encontros como este e que a coordenação de gênero busque elaborar materiais com reflexões sobre o tema das mulheres nos ministérios; encontrar amigas, colegas de faculdade; fortalecer-se na caminhada ministerial; partilhar (ouvir e ser ouvida); encontrar caminhos de mudança/maior abertura para o ministério de mulheres na IECLB; precisamos continuar nos encontrando, nos articulando; precisamos ser protagonistas: escrever, assumir, divulgar, descobrir quantas somos – somos muitas e temos forças; do reencontro; perceber o contexto em que as ministras estão inseridas; conhecer e resgatar a história. Ter tempo de convivência e partilha de experiências e dificuldades vividas nas diferentes gerações; investir na vivência em grupos. A partilha de conteúdo é importante, mas o tempo para diálogo, igualmente; reencontrar; saber onde estamos/como estamos; quem somos; ver/rever amigas; articulação entre mulheres para se fortalecer; buscar referenciais/conhecer história; encontro, reencontrar-se, conhecer-se; compartilhar dores, frustrações, alegrias no ministério; articulação diante de situações de injustiça que surgem em relação às mulheres; para celebrar, buscar fortalecimento, encontrar colegas e conversar sobre a situação das ministras na IECLB; só teremos uma política de gênero na IECLB, se nós a formos, e isso só faremos coletivamente e organizadamente; descoberta do grande potencial das mulheres; dificuldades pessoais são mais fáceis de administrar quando se descobre que ela é coletiva; há mulheres que estão ocupando espaços e representando muito bem todas as mulheres; trabalho coletivo (ainda que sejamos diferentes) em prol da causa das mulheres; surpreendemo-nos com a potencialidade que temos e somos como ministras; na organização foram de muita competência e sensibilidade; retomada de uma caminhada de luta e celebrações; conhecer colegas; conhecer o trabalho – possibilidade de parceria; harmonia, respeito; que somos fortes quando estamos unidas; que é necessário visibilizar a memória desta caminhada de mulheres nos ministérios; registrar e contar nossas histórias; qualidade da equipe coordenadora; foi ótimo o envolvimento de tantas mulheres na organização e assumindo tarefas diversas; parabéns pela criatividade e consistência das celebrações e do culto; precisamos continuar nos encontrando, nos articulando<sup>189</sup>.

Diante de todas estas questões avaliativas do belo momento de encontro, partilhas e celebração, fica evidente o aspecto da sororidade, da importância de caminhar juntas, apoiar-se e cuidar-se mutuamente como mulheres que têm interesse em comum: o anúncio e testemunho da Vida e da Fonte Criadora da Vida por meio de corpos, palavras e ações na caminhada ministerial da Igreja.

A presença do P. Nestor Friedrich, presidente da IECLB, na abertura do encontro e no Culto Festivo em Comemoração aos 30 anos de Ordenação de Mulheres também foi um fato importante. Nesse momento ele expressou-se da seguinte maneira:

---

verdadeira. O ministério é de Deus, não foi a comunidade que o criou, mas ele foi entregue a ela para que o administrasse e cuidasse de seu devido desempenho. Em meio ao sacerdócio de seus membros, pois, a igreja necessita de pessoas especialmente incumbidas de ensinar o evangelho e de administrar os sacramentos. Ela necessita de ministros e ministras.” MANSK, Erli (Org.). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011, p. 13.

<sup>189</sup> Recorte dos principais itens levantados pelas ministras presentes na Avaliação do I Encontro das Ministras. STANGE, 06 dez. 2012.

Celebrar os 30 anos da presença de mulheres no Ministério Ordenado é muito oportuno, pois aponta para a compreensão de Igreja inclusiva e que promove a Cristo, ao Evangelho que anunciamos! Sou grato a Deus pela presença das mulheres nos quatro Ministérios Ordenados na IECLB e pelo seu protagonismo, pelos seus dons que enriquecem a caminhada da Igreja. Fundamental é que, nesta caminhada, possamos crescer na valorização das diferentes formas de exercer o Ministério na perspectiva do fortalecimento da missão da IECLB, da causa maior, que é o Reino de Cristo! Daí a minha insistência por uma gestão do cuidado, tarefa de todos e todas para o fortalecimento mútuo<sup>190</sup>.

Dentre as diversas resoluções do I Encontro, as ministras decidiram que queriam seguir se encontrando em âmbito nacional e sinodal, afirmando ser o encontro um espaço importante para fortalecer a caminhada ministerial de mulheres na IECLB; “[...] seguir com os Encontros [...] focando na formação e capacitação de ministras e mulheres líderes e organizar um encontro nacional para 2015 (dois anos antes do auge das comemorações dos 500 anos da Reforma)”<sup>191</sup>.

Para que este encontro festivo, celebrativo e formador acontecesse, foi crucial o empenho e articulação da Pa. Regene Lamb<sup>192</sup> que, em carta à Secretaria Geral e Presidência da IECLB, de 28 de março de 2012, solicitou apoio para a realização do encontro e das comemorações dos 30 anos de ordenação de mulheres ao ministério. Em resposta, no dia 20 de abril de 2012, a Presidência, por meio do P. Nestor Friedrich, declarou apoio à realização do encontro e afirmou:

Pela presente, compartilho que acolho plenamente a sugestão que você faz. Ela é oportuna! Sim, cabe celebrar essa data. Afinal, a ordenação de mulheres (não somente de pastoras, mas também de diáconas, diaconisas, catequistas e missionárias) é um dos traços que caracteriza o rosto da IECLB<sup>193</sup>.

Convidada a deixar sua mensagem às ministras, a Pa. Edna Moga Ramming, primeira mulher ordenada na IECLB, afirmou:

<sup>190</sup> PORTAL LUTERANOS, 01 mar. 2013.

<sup>191</sup> PORTAL LUTERANOS. *Resoluções do Encontro Nacional de Ministras*, 15 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/resolucoes-do-encontro-nacional-de-ministras>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

<sup>192</sup> Sobre o I Encontro Nacional de Ministras a Pa. Regene Lamb afirma em entrevista: “Este é um ano muito importante para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. Em especial, é um ano significativo para as mulheres da Igreja, que celebram nada menos que 30 anos de ordenação de mulheres. Isso mesmo, 30 anos da presença das mulheres nos púlpitos, mulheres de fé que, ano após ano, levam a palavra de Deus a famílias de todas as classes, dando um importante testemunho de que, SIM, Deus fala por meio de todo o seu povo, não importa a etnia, a cor ou o gênero.” PORTAL LUTERANOS. *IECLB: Há 30 anos ordenando mulheres*, 10 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>193</sup> Correspondência da Secretaria Geral da IECB enviada em 20/04/2012 para Pa. Regene Lamb. Ass.: *30 anos de ordenação de mulheres na IECLB - Ref.: Sua carta de 28 de março de 2012*. LAMB, Regene. *Data do III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <regelamb@gmail.com> em 21 fev. 2018.

Se, mesmo tendo um início tímido, e até de certa forma desarticulado, a participação das mulheres no ministério ordenado cresceu, e chegou ao tamanho que tem hoje, em apenas trinta anos, é porque tem sido conduzida pelas mãos de Deus. Se barreiras são derrubadas, preconceitos são ultrapassados, dificuldades são enfrentadas e mulheres podem ser capacitadas e aceitas para servir no ministério ordenado, isto só é possível pela graça de Deus. Não é apenas desejo das mulheres, mas é Deus que quer que mulheres respondam a sua vocação e se preparem, se disponham a servir no ministério ordenado. Esse é o verdadeiro motivo da nossa gratidão no culto de hoje: Deus chama homens e mulheres para participar de sua missão no exercício do ministério ordenado na IECLB<sup>194</sup>.

A Pa. Anelise Lengler Abentroht em seu artigo “Mulheres no Ministério Ordenado na IECLB – Perspectiva Histórica”, lembrando a celebração de 30 anos de ordenação de mulheres na IECLB, fala sobre a caminhada de luta das mulheres para que fossem reconhecidas. Segundo ela, foi uma caminhada cheia de desafios, preconceitos, sonhos e conquistas, na qual as mulheres romperam barreiras, fizeram ecoar sua voz e, juntas, puderam superar dificuldades e apoiar-se mutuamente em meio a dores e alegrias. Ela afirma que os encontros de ministras foram momentos de fortalecimento da caminhada e de reconhecimento dos desafios e lutas que mulheres no ministério enfrentam diariamente: “Há o que comemorar? Com certeza, sim! Mas há muito por refletir, compartilhar e modificar. Este encontro já é um grande passo para uma nova consciência e atitudes transformadoras.”<sup>195</sup>

Com o I Encontro Nacional de Ministras solidificou-se o apoio oficial da Presidência da IECLB, por meio da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias à caminhada das ministras, que outrora se reuniam e encontravam de forma autônoma e buscavam, de maneira isolada, recursos para a realização de seus encontros.

#### 4.2.3 Segundo Encontro Nacional de Ministras – 2015

A reflexão sobre sororidade e sua vivência entre as ministras foi sendo amadurecida e construída ao longo dos anos. Um passo importante para esta vivência foi o II Encontro Nacional de Ministras da IECLB, ocorrido entre 17 a 19 de novembro de 2015, em Florianópolis/SC<sup>196</sup>. O tema central foi “De Eva a Maria, a construção do feminino”

<sup>194</sup> RAMMINGER, Edna Moga. 1 Coríntios 12.12-27: Prédica - 30 Anos de ordenação de mulheres ao ministério na Igreja. *Portal Luteranos*, 11 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/1-corintios-12-12-27>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

<sup>195</sup> ABENTROTH, Anelise Lengler. Mulheres no Ministério Ordenado na IECLB – Perspectiva Histórica, p.7. In: SIEGLE, Carmen. *Encontro de Ministras - orientações e programa*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 17 nov. 2017. Material de leitura preparatória para o Encontro de Ministras em 2017.

<sup>196</sup> Mais informações sobre o encontro em: HELLWIG, Marli Seibert; ENGELHARDT, Vera Lucia. O primeiro dia do Encontro de Ministras da IECLB. *Portal Luteranos*, 17 nov. 2015. Disponível em: <[http://www.luther.org.br/conteudo\\_organizacao/ieclb/o-primeiro-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb](http://www.luther.org.br/conteudo_organizacao/ieclb/o-primeiro-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb)>. Acesso em: 11 fev. 2018.

desenvolvido pela Pa. Dra. Ivone Richter Reimer, professora na PUC/GO. Os objetivos deste segundo encontro foram:

Proporcionar e fortalecer momentos de encontro, partilha, celebração e espiritualidade na caminhada ministerial de mulheres na IECLB, na perspectiva das reflexões atuais sobre gênero; Celebrar as conquistas como primeira Igreja Luterana da América Latina a ordenar mulheres e continuar abrindo espaços para uma caminhada mais sorória e fraterna no meio em que atuamos; Animar e dar suporte para que as novas gerações de ministras da IECLB atuem ativamente na busca de equidade nas relações eclesiais; Discutir sobre a contribuição das Ministras e da Igreja na construção de relações mais justas e equitativas na Igreja e na sociedade à luz da Política de Justiça de Gênero da FLM; Dar visibilidade à participação das mulheres no processo da Reforma Luterana e à sua contribuição para as celebrações dos 500 anos da Reforma<sup>197</sup>.

Participaram deste encontro 87 ministras provenientes de 18 sínodos da IECLB<sup>198</sup>. Na avaliação do mesmo, realizada por participantes reunidas por sínodos, as perguntas norteadoras foram: os objetivos foram alcançados? Você tem outras considerações sobre o encontro? Nas respostas, destacam-se elementos importantes para a vivência da sororidade entre as ministras, tais como: ótima acolhida, bom conhecer mais as ministras, momentos de espiritualidade edificantes, ótimo aprofundamento do tema que anima para a busca da formação/exegese bíblica, necessidade de aprofundar a reflexão de gênero na Igreja, despertar para a necessidade de encontros de ministras para a reflexão e formação que empodere para uma atuação mais coerente (igualdade na diferença); consciência da necessidade de construir uma rede de apoio no exercício do ministério cotidiano<sup>199</sup>.

Dados da avaliação evidenciam a importância do reunir-se, encontrar-se, aprofundar temas bíblico-teológicos, conhecer diferentes gerações de mulheres no ministério, e suas experiências apontam para o desejo das mulheres em continuar se encontrando. A mensagem do encontro também deixa explícita a caminhada que é construída diante de partilhas diversas e apoio mútuo entre mulheres que estão exercendo o ministério.

Afirmamos a necessidade de se reler os textos bíblicos da criação, afirmando o valor do ser humano como imagem e semelhança de Deus e sua relação de interação e interdependência com a natureza. Passo a passo, buscamos a equidade entre os gêneros, valorizando a igualdade na diferença como resposta da fé em Cristo. Nesse sentido, nos comprometemos a desconstruir imagens que reforçam a relação desigual e injusta entre homens e mulheres. Visamos a construção de novas

<sup>197</sup> SECRETARIA GERAL. *Encontro de Ministras*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 08 jul. 2015.

<sup>198</sup> SIEGLE, Carmen. *Projeto: 2º Encontro Nacional de Ministras Ordenadas da IECLB*. Relatório para a Comissão para Assuntos da América Latina. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 14 fev. 2018.

<sup>199</sup> SIEGLE, Carmem. *Mensagem e Avaliação do Encontro Nacional de Ministras da IECLB*. Florianópolis/SC, 17 a 19 nov. 2015. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 26 nov. 2015.

metáforas e imagens simbólicas focadas na espiritualidade do cuidado mútuo e na relação de interdependência dos seres humanos com a natureza<sup>200</sup>.

Da parte da Presidência da IECLB fez-se presente a Pa. Silvia Beatriz Genz, trazendo palavras de saudação, ânimo e encorajamento, e o P. Marcos Bechert, Secretário do Ministério com Ordenação. Conforme relato: “Após a meditação a Pa. Silvia B. Genz, primeira vice-presidente da IECLB, saudou as participantes, desejando forças e coragem para seguir testemunhando o Evangelho, enfrentando e resistindo a todos os males.”<sup>201</sup>

#### 4.2.4 Encontro Representativo de Ministras da IECLB – 2017

No ano de 2017, quando se comemorou os 500 anos da Reforma Protestante, a IECLB celebrou 35 anos de ordenação de mulheres no ministério<sup>202</sup>. No mesmo ano, um grupo representativo de ministras da IECLB se encontrou entre 21 a 23 de novembro de 2017, em Porto Alegre/RS. O encontro teve a participação de duas representantes por sínodo<sup>203</sup>. Os objetivos foram:

Objetivo geral: Retomar e fortalecer a articulação das ministras em âmbito sinodal e nacional. Objetivos específicos: Planejar e articular o III Encontro Nacional de Ministras, previsto para 2020; Articular a reflexão e o planejamento de ações que possibilitem a participação plena e equitativa de mulheres e homens na vida e missão da igreja; Retomar a reflexão sobre Justiça de Gênero<sup>204</sup>.

A intenção das ministras, conforme decisão do II Encontro Nacional em 2015, era de realizar o III Encontro Nacional de Ministras da IECLB em 2018. Mas, em virtude das comemorações dos 500 anos da Reforma da Igreja em 2017 e do grande Encontro Nacional de Mulheres Luteranas, celebrado no mesmo ano<sup>205</sup>, optou-se por realizar um encontro

<sup>200</sup> SIEGLE, Carmen. *Mensagem do 2º Encontro de Ministras da IECLB*. Florianópolis, 19 nov. 2015. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 26 nov. 2015.

<sup>201</sup> PORTAL LUTERANOS. *Segundo dia do Encontro de Ministras da IECLB*, 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/segundo-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>202</sup> SIEGLE, Carmen Michel; FRIEDRICH, Nestor Paulo. Alegres, jubilai! 35 Anos de mulheres no ministério com ordenação na IECLB. *Portal Luteranos*, 10 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/alegres-jubilai-35-anos-de-mulheres-no-ministerio-com-ordenacao-na-ieclb>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>203</sup> Há 18 sínodos na IECLB. Mas no Encontro participaram um total de 38 ministras provenientes de 16 sínodos. Cf. PORTAL LUTERANOS. *Mensagem do Encontro Nacional de Ministras da IECLB 2017*, 23 nov. 2017. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/ministerio-ordenacao/mensagem-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb-2017](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/mensagem-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb-2017)>. Acesso em: 05 mai. 2018.

<sup>204</sup> SECRETARIA GERAL. *Encontro de Ministras*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 13 jun. 2017.

<sup>205</sup> Encontro realizado em Foz do Iguaçu-PR entre os dias 17 a 19 de março de 2017, que contou com a participação de 2.200 mulheres, sob o tema Mulheres Luteranas celebrando os 500 anos da Reforma. Confira a mensagem do encontro em: PORTAL LUTERANOS. *Mulheres Luteranas Celebrando os 500 anos da Reforma – Mensagem*, 19 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.luterana.org.br/textos/mulheres-luteranas->

representativo, com duas participantes por sínodo. Conforme a carta que apresenta os objetivos do Encontro, a comissão organizadora cita, à Presidência da Igreja, os motivos de sua realização e necessidade frente à realidade eclesial.

Além de comemorar os 500 anos da Reforma, em 2017 celebramos 35 anos de ordenação de mulheres ao Ministério (13.11.1982). Isso é motivo de júbilo. No entanto, o contexto no qual a igreja está inserida se apresenta demasiadamente desafiador para o exercício da liderança de mulheres. Percebe-se uma crescente desarticulação de movimentos e estímulo para o isolamento e o individualismo. Além disso, existem compreensões bastante equivocadas sobre assuntos relacionados a gênero, e questionamentos sobre a validade de mulheres no ministério ordenado. A violência contra a mulher é realidade crescente em todos os lugares e, segundo a Assembleia da FLM, realizada em maio de 2017, na Namíbia, motivo de preocupação para todas as igrejas da Comunhão. Constatou-se que não só a cultura, mas também as teologias têm servido como instrumento de repressão e opressão das mulheres. Investir na formação, articulação e em ações de encorajamento das mulheres é passo importante no processo de superação das desigualdades de gênero<sup>206</sup>.

Desta forma, optou-se por uma articulação das ministras em torno do tema da “Sororidade” no Encontro de Ministras de 2017. No encontro foi realizada uma oficina sobre o tema com a Musicoterapeuta Dra. Daniéli Busanello. A Pa. Dra. Marcia Blasi realizou um aprofundamento bíblico teológico vivencial sob o tema “Impulsos Bíblicos: Conversas com Rute e Noemi a partir do contexto atual das ministras na IECLB”. Além disso, foi realizado um trabalho em grupos, denominado “Exercitando sororidade – Criando Redes”, coordenado pela comissão organizadora do encontro<sup>207</sup>. Nos momentos de reflexão, dinâmicas e

---

celebrando-os-500-anos-da-reforma-mensagem>. Acesso em: 11 fev. 2108.

<sup>206</sup> COMISSÃO ORGANIZADORA DO ENCONTRO DE MINISTRAS 2017. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 26 abr. 2018. Numa carta anterior, enviada em 22 de fevereiro de 2017, a Comissão Organizadora enumera os seguintes motivos para a realização deste encontro: “O XXX Concílio da IECLB, realizado de 19 a 23 de outubro, em Brusque SC, que teve como tema central ‘Por uma Comunidade Missional Agora são Outros 500’, afirmou na sua mensagem às comunidades: ‘A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem uma longa caminhada e significativa história. A nossa tradição de Igreja continua abrindo portas – também para mudanças que transformam vidas e realidades. Corrigir o que precisa ser corrigido. Criar e recriar a partir do agir de Deus. É a graça contagiante de Deus que motiva, mobiliza e impulsiona por meio do Espírito Santo. Agora são outros 500: uma caminhada renovada.’ A ordenação de mulheres com certeza é uma porta aberta, que contribui para que nossa Igreja seja, na prática, mais inclusiva e atrativa. Neste sentido, avaliamos que é muito importante que o Encontro Nacional de Ministras da IECLB continue acontecendo, para: Proporcionar e fortalecer momentos de encontro, partilha, celebração e espiritualidade na caminhada ministerial de mulheres na IECLB, na perspectiva de gênero; Em tempos de retrocessos no que diz respeito à participação plena das mulheres no ministério com ordenação é necessário ratificar a ordenação de mulheres, celebrar e manter as conquistas como primeira Igreja da América Latina a ordenar mulheres e continuar abrindo espaços para uma caminhada mais fraterna no meio em que atuamos; Buscar metáforas, imagens simbólicas focadas na espiritualidade do cuidado mútuo, na relação de interdependência dos seres humanos com a natureza, que visam superar os dualismos e a hierarquia patriarcal ainda tão arraigada, também em nossa teologia luterana e estrutura eclesial; Animar e dar suporte para que as novas gerações de ministras da IECLB atuem ativamente na busca de equidade nas relações eclesiais”.

<sup>207</sup> Comissão composta por: Pa. Regene Lamb, Cat. Rosilene Schultz, Diác. Angela Lenke, Pa. Ana Isa dos Reis e Pa. Carmen Michel Siegle. HELFWIG, Marli Seibert; ENGELHARDT, Vera Lucia. Terceiro dia do Encontro de Ministras. *Portal Luteranos*, 19 nov. 2015. Disponível em:

aprofundamento do tema, afirmou-se que a sororidade “busca a união entre as mulheres e gera o empoderamento mútuo e a união e aliança entre mulheres, baseada na empatia, companheirismo e solidariedade. Em outras palavras, é um olhar carinhoso para a mulher ao lado.”<sup>208</sup>

O Encontro de Ministras de 2017 foi um momento especial na caminhada das mulheres ordenadas, no qual foi possível refletir sobre a prática da sororidade e em que medida ela movimenta e encoraja mulheres para a liderança e o testemunho profético. A experiência vivenciada expressou-se na emoção de cada abraço, nas partilhas e trocas de experiências de mulheres no ministério, nos silêncios, cantos, orações, poesias, toques, cheiros, sons, sabores, cores e corpos, mas também nas lágrimas, dores, lutas, conflitos, preconceitos e retrocessos partilhados. Todas estas vivências e momentos foram elementos que alimentaram e fortaleceram a vontade e necessidade de encontrar-se como ministras da IECLB e de seguir articulando redes de apoio e atuação no exercício do ministério eclesial. A mensagem final motiva e encoraja para a sororidade, vivenciada por 38 ministras provenientes de 16 sínodos presentes no encontro.

*Tem água na bacia / Água fria / Ou morna, / se quiser / Pra lavar o pé / que vier...*  
(Louraini Christmann – Lola)

[...] Em vivências de fé, comunhão, diálogo e reciprocidade, construímos o Encontro Nacional de Ministras, na coincidência de um tempo em que celebramos 35 Anos de Ordenação de Mulheres ao ministério na IECLB e os 500 Anos da Reforma Luterana. Conscientes de que o cenário conjuntural brasileiro em torno de nosso caminhar ministerial mostra-se temeroso, incerto e retrocedente, especialmente no que se refere aos direitos das mulheres, nosso propósito primeiro foi abordar o tema da SORORIDADE que, para além de um conceito, mostrou-se, nessa ocasião, vivencial. Em um número significativo de 38 mulheres, ao partilharmos sensações, abraços, cheiros, palavras proféticas e poéticas, massagens em nossos pés – por vezes, cansados, mas sempre corajosos -, mimos e delicadezas gratamente preparadas, cores, olhares, sabores, imagens, encontros e reencontros, ensejamos conceber a SORORIDADE na sua dimensão mais concreta e palpável. Essa estética sororal, diga-se, tem sido *marca e tributo* das mulheres no ministério, sob a Luz de Deus [...] O desafio que se coloca, a nosso ver, a partir desse encontro nacional representativo, é, pois, vivenciar e oferecer, irmanadamente, muito mais espaços e relações de cuidado, entre nós e para pés que caminham ou que vierem a caminhar conosco. Mulheres no ministério, sob a Graça, JUNTAS e sempre a caminho!<sup>209</sup>

Neste encontro, da parte da presidência da IECLB, foram trazidas palavras de saudação, apoio e incentivo para nossa caminhada, por meio da primeira vice-presidente da IECLB, Pa. Silvia Beatriz Genz e pelo P. Marcos Bechert, Secretário do Ministério com

---

<<http://www.luteranos.com.br/noticias/terceiro-dia-e-encerramento-do-encontro-de-ministras-da-ieclb>>.

Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>208</sup> SECRETARIA GERAL. *Encontro de Ministras – Memória e Anexos*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 05 dez. 2017, p. 02.

<sup>209</sup> PORTAL LUTERANOS, 23 nov. 2017.

Ordenação<sup>210</sup>. É válido registrar as ações concretas das ministras após o Encontro, como a moção sobre uma Política de Justiça de Gênero na IECLB a ser encaminhada ao Concílio da Igreja, após aprovação nas assembleias sinodais, e a veiculação de um vídeo institucional sobre o que pretende a Justiça de Gênero<sup>211</sup>, frutos de uma caminhada conjunta e sororal.

### 4.3 Encontros Sinodais de Ministras – Sínodo Norte Catarinense

Como ficou evidente nas avaliações e mensagens dos Encontros Nacionais de Ministras, encontrar-se, reunir-se, abordar temas afins e partilhar experiências na caminhada ministerial é essencial. No entanto, os encontros em âmbito nacional não ocorrem tão regularmente. A alternativa é criar redes de apoio e de encontro em âmbito sinodal, a fim de que ocorram encontros com maior frequência. Nesse sentido, no Sínodo Norte Catarinense (SNC), os encontros de ministras são realizados duas vezes ao ano, sendo que constam na agenda sinodal e recebem apoio financeiro para despesas com alimentação. No que segue, são apresentados dados e informações desses Encontros Sinodais de Ministras<sup>212</sup>. Além das fontes disponíveis, nessa reconstrução dos encontros incorporo minha própria experiência como ministra, visto que participei de 12 encontros no período de sete anos, tempo em que estive na coordenação dos mesmos<sup>213</sup>.

A IECLB tem uma estrutura sinodal, na qual o sínodo é a IECLB descentralizada<sup>214</sup>. Conforme mencionado acima, existem 18 sínodos em todo o Brasil, cada um com uma sede própria e diretoria, com pastor ou pastora presidente e vice. O sínodo coordena e planeja, por meio de uma diretoria e de um conselho sinodal, o trabalho da Igreja em sua área geográfica, corporificado em suas comunidades e paróquias.<sup>215</sup> Do atual corpo ministerial que se encontra

<sup>210</sup> PORTAL LUTERANOS. *Secretaria Geral*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/secretaria-geral>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

<sup>211</sup> Cf.: JUSTIÇA de Gênero. *Youtube*, 18 mai. 2018. Vídeo online (2min25s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pS5RgWJBvYQ>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

<sup>212</sup> As notícias dos encontros de ministras no SNC são divulgadas no Portal Luteranos, Jornal O Caminho e Página do Facebook.

<sup>213</sup> A coordenação dos encontros sinodais de ministras inclui a organização dos mesmos como: definição de tarefas entre ministras (acolhida, café, meditação, almoço, tema de reflexão), convite de palestrantes, motivação e convite para as ministras, encaminhamento de decisões como cartas e manifestos, divulgação dos encontros em âmbito sinodal e nacional.

<sup>214</sup> PORTAL LUTERANOS. *Sínodo Norte Catarinense: Quem somos?* Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/quem-somos-8](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/quem-somos-8)>. Acesso em: 26 abr. 2018.

<sup>215</sup> O Sínodo Norte Catarinense compreende 41 paróquias e 117 comunidades, compostas por 62.500 pessoas batizadas, membros da IECLB no SNC. Os e as 61 ministros ordenados e ministras ordenadas no sínodo atuam em paróquias ou instituições da Igreja. Além disso, há 29 ministros aposentados e ministras aposentadas e 14 em outras situações, voluntários e voluntárias, afastados e afastadas. O P. Sinodal Inácio Lemke e o vice, Marcos Aurélio de Oliveira, foram eleitos para o período de 2010 a 2014, sendo reeleitos até 2018. Dados colhidos em: STRESSE, Rose. *Estatística 2017, ano base 2016 – Dados do Sínodo Norte*

em atividade no sínodo, 20 são ministras (pastoras, catequistas, diáconas, diaconisas e missionária), havendo 06 aposentadas e 05 afastadas, voluntárias ou em outras situações, perfazendo um total de 31 ministras presentes no âmbito do SNC. Trata-se de um número expressivo de mulheres ordenadas<sup>216</sup>.

Os encontros têm sido realizados em casa de retiros do Sínodo ou paróquias onde as ministras atuam e acolhem o grupo. De modo geral, as atividades iniciam com café, meditação, tema e momento livre de partilhas. As participantes almoçam juntas<sup>217</sup> e, na parte da tarde, partilham experiências de vida e ministério. A frequência nos encontros é boa<sup>218</sup>, sendo que participam deles as ministras que se encontram em campo de atividade ministerial (CAM) no Sínodo. Raramente participam as ministras aposentadas ou que se encontram afastadas da atuação ministerial. Mesmo assim, todas são convidadas. O encontro que teve a maior participação de ministras foi o VIII Encontro, que ocorreu em 20 de fevereiro de 2015, em Massaranduba/SC, com a participação de 17 ministras<sup>219</sup>.

Os temas trabalhados nos encontros sinodais foram diversos, trazidos e partilhados pelas próprias ministras. Somente em um encontro foi convidada uma pessoa que não atua como ministra para aprofundar um tema de interesse mútuo<sup>220</sup>. Os encontros iniciam com uma meditação na qual se evidencia um carinho e zelo especial na preparação do altar, com flores, lenços coloridos, cruz, velas, Bíblia e outros símbolos que expressam a temática do encontro e da partilha. Nestas relações de apoio, partilha, confiança e estética apuradas, vai se concretizando a vivência da sororidade, conforme descrevem Márcia Becker e Carla Barbosa:

Nessas redes de apoio, as mulheres encontram um estado de bem-estar pessoal e mútuo. Quiçá pensar com essas redes uma outra ética e estética e ampliar para todas as relações, inclusive aquelas nas quais as mulheres se têm ou percebem como inimigas? A prática da sororidade exige o cultivo de relações de amizade e não de

---

Catarinense. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <sinodonc@terra.com.br> em 15 fev. 2018.

<sup>216</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Agenda do Sínodo Norte Catarinense*, Edição no. 20, 2018, p. 19-34.

<sup>217</sup> O Sínodo Norte Catarinense contribui com as despesas de alimentação (almoço) mediante apresentação de nota fiscal das mesmas e ressarcimento dos valores pagos.

<sup>218</sup> A média de participantes é de 12 ministras. No primeiro encontro havia 09 participantes e no último, 16.

<sup>219</sup> MINISTRAS encontram-se. *O Caminho*, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=144&cadernoId=9&noticiaId=6676>>. Acesso em: 11 fev. 2018; e SCHERER, Cristina. VIII Encontro Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 20 fev. 2015. Disponível em: <<http://martinluther.org.br/noticias/viii-encontro-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>220</sup> No VI Encontro Sinodal de Ministras do SNC que aconteceu no dia 25 de fevereiro de 2014, em São Francisco do Sul/SC, participou a doutoranda em filosofia pela UFSC Ilze Zirbel, de Florianópolis/SC, trazendo importantes contribuições sobre o tema “Ética do Cuidado e Ética Feminista”. SCHERER, Cristina. VI Encontro Sinodal de Ministras - Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/vi-encontro-sinodal-de-ministras-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

inimizade entre as mulheres<sup>221</sup>.

Os encontros de ministras acontecem desde 2011. O I Encontro ocorreu em 25 de março de 2011, na Casa de Retiros do Sínodo na praia de Itajuba, Piçarras/SC. Após o encontro, foi divulgado o seguinte relato:

Este I Encontro contou com a presença de 65% das ministras ativas no ministério eclesial na IECLB (pastoras, diácona, catequista e pphmista). Foi um dia oportuno para compartilhar experiências, alegrias e preocupações no exercício do ministério. O tema principal do encontro foi 'Cuidado'. Vimos como é importante o cuidado da mulher que se dispõe a servir a Deus e ao próximo. Além do cuidado que demonstramos às outras pessoas, o cuidado pessoal não pode nem deve ficar em segundo plano. Como corpo de Cristo, cuidamos de todas as partes, sem distinção, pois quando uma delas sofre, todas sofrem juntas (1Co 12). Partilhamos preocupações a respeito da falta de cuidado que se evidencia em algumas situações no âmbito eclesial e comunitário, especialmente para com quem serve. Alguns encaminhamentos práticos foram tomados a fim de que haja mais respeito e valorização para com o exercício do ministério feminino na IECLB<sup>222</sup>.

As ministras saíram animadas e fortalecidas deste I Encontro. No II Encontro, o P. Sinodal Inácio Lemke esteve presente, manifestando apoio e incentivo para nossa caminhada no sínodo<sup>223</sup>. Desde então, os encontros têm sido agendados semestralmente e constam no programa da Agenda Sinodal<sup>224</sup>. O II Encontro aconteceu no dia 28 de novembro de 2011, em Piçarras, e sobre ele é descrito:

Estiveram reunidas cinco ministras, quatro do ministério pastoral e uma do catequético, que refletiram sobre a atuação feminina nas comunidades e paróquias da IECLB, relações de cuidado que temos para conosco e desafios que são encarados em nossa atuação ministerial [...] Foi um tempo bonito de reencontro, partilha e fortalecimento para a caminhada do ministério feminino na IECLB. Um tempo para ouvir, conversar, amparar, buscar forças para o dia-a-dia a partir da autoafirmação e valorização de quem somos e do que fazemos [...] Foi um dia oportuno para compartilharmos experiências, alegrias e preocupações no exercício do ministério [...]<sup>225</sup>

No III Encontro, as ministras reuniram em Itaiópolis/SC, na casa da Pa. Marion Freitag, no dia 24 de setembro de 2012. Sobre este encontro foi partilhado:

Após uma bonita meditação sobre o tema dos anjos conduzida pela pastora anfitriã, tivemos tempo para planejar os próximos encontros para 2013 no Sínodo Norte Catarinense, bem como partilhar preocupações e alegrias vivenciadas no pastorado

<sup>221</sup> BECKER; BARBOSA, 2016, p. 247.

<sup>222</sup> SCHERER, Cristina; SEIBERT, Marli. Convenção Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://martimluterano.com.br/conteudo/convencao-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>223</sup> SCHERER, Cristina. 2º Encontro Sinodal de Ministras do SNC. *Portal Luteranos*, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/2-encontro-sinodal-de-ministras-do-snc>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>224</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2018, p. 41-50.

<sup>225</sup> SCHERER, 28 nov. 2011.

[...] Foi um dia agradável de convivência e fortalecimento dos laços ministeriais femininos de amizade e solidariedade<sup>226</sup>.

O IV Encontro aconteceu no dia 23 de abril de 2013, em Jaraguá do Sul/SC. O relato do encontro afirma que:

Fomos acolhidas pela Pastora Rosangela Fenner Radons em sua residência para um saboroso café. O presidente da Paróquia trouxe sua palavra de saudação e desejou um abençoado encontro a todas. Na Igreja tivemos um momento de meditação baseado em 2Rs 22.13-17, onde refletimos sobre tantas pessoas, em especial mulheres, que tem tido uma atuação profética de anúncio e denúncia [...] Foram abordados alguns assuntos de ordem pessoal e comunitária, salientando que as mulheres que exercem o ministério na IECLB podem e devem buscar apoio umas nas outras, exercendo a solidariedade e posicionando-se perante situações de violência, opressão e injustiça<sup>227</sup>.

O V Encontro aconteceu no dia 10 de dezembro de 2013, em Rio Negrinho/SC. Nesse encontro:

Fomos conduzidas na reflexão bíblica de 2 Samuel 13 que aborda o tema da violência intrafamiliar. À luz do texto, várias ministras manifestaram a preocupação com diferentes situações de violência que mulheres estão sofrendo em nossas comunidades, inclusive colegas de ministério. Cada uma pode relatar situações onde as mulheres sofrem diversos tipos de violência. Falamos do quanto é importante criar espaços acolhedores nas comunidades e grupos, onde as pessoas possam falar de suas dores, buscando ajuda para romper o círculo da violência, bem como desvelar o tema também nas reflexões nos diferentes grupos comunitários. Após o almoço houve um momento de partilha conduzido pela Pa. Cristina Scherer sobre a Rede de Mulheres e Teólogas da América Latina e Caribe, que tem como prioridade de ação três pontos centrais: Estimular a produção e disponibilizar livremente materiais na área bíblico teológica numa perspectiva de gênero; Primar pela aplicação da Política de Gênero aprovada pela FLM em nossa Igreja, Sínodos, Paróquias e comunidades; Trabalhar ativamente para que a justiça de gênero seja contemplada na comemoração dos 500 anos da Reforma<sup>228</sup>.

O VI Encontro ocorreu no dia 25 de fevereiro de 2014 em São Francisco do Sul/SC. Neste encontro, silenciámos diante da morte da diácona Leila Schwingel e escrevemos uma nota de solidariedade à Secretaria Geral da Igreja, onde ela atuava<sup>229</sup>. Diante de situações de dor e sofrimento evidencia-se que as mulheres se solidarizaram, choraram juntas, elaboraram dores e se fortaleceram na caminhada. As mulheres que vivenciam preconceitos e exclusões

<sup>226</sup> SCHERER, Cristina. 3º Encontro Sinodal de Ministras do Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/3-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>227</sup> SCHERER, Cristina. IV Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 23 abr. 2013. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/iv-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/iv-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>228</sup> SCHERER, Cristina. 5º Encontro de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 10 dez. 2013. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/5-encontro-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/5-encontro-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>229</sup> PORTAL LUTERANOS. *Solidariedade de Ministras do Sínodo Norte Catarinense pela morte da Diácona Leila Schwingel*, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/solidariedade-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

pela vigência do sistema patriarcal, classista, sexista, racista, heterossexista na sociedade, encontram nos momentos de partilhas, desabafos, choro, risos e falas, um momento de apoio, escuta, de sororidade. Cada encontro propiciou a dinâmica da partilha de experiências de vida ministerial, sendo um espaço terapêutico de fala e escuta de confiança.

Conforme relato do encontro:

Somos chamadas/os, como Igreja, a termos olhos mais abertos para as realidades onde o cuidado com o próximo é menosprezado e o cuidado artificial de si não deixa lugar às conexões humanas e à consciência de nossa interdependência. Nosso Deus nos criou como seres que precisam partilhar o mundo. Nossa fragilidade demanda o cuidado e a experiência de sermos cuidadas nos dá a certeza de que esta é a melhor forma de agir para com as demais pessoas e a própria natureza. Neste ponto, a ética feminista e a ética cristã não diferem uma da outra. Para ambas, o cuidado é a postura ética mais apropriada, onde homens e mulheres partilham lado a lado funções, responsabilidades e desafios para uma vida digna em todos os âmbitos da vida. A partir do tema proposto fomos desafiadas a pautar nossas ações e decisões de forma a exercer uma ética do cuidado em nossa vida comunitária e em nossos relacionamentos com colegas de ministério, familiares e sociedade em geral<sup>230</sup>.

O VII Encontro Sinodal de Ministras aconteceu no dia 19 de agosto de 2014, em Joinville/SC. Segundo relato:

Na meditação partilhamos as imagens que cada uma tem de Deus e como, na bíblia, Deus se apresenta de várias formas ao seu povo. Lembramos o texto de Mateus 25.34-36 que apresenta um Deus que permite que o imaginemos com um olhar diaconal, que seja acolhido e visitado nas pessoas necessitadas e oprimidas deste mundo. O tema do Encontro foi a Resiliência. Analisamos a personagem bíblica Miriam que nos fez refletir como ela agiu diante das diferentes situações que enfrentou e como nós, muitas vezes, agimos usando a resiliência, capacidade de nos recompor e seguir com a vida depois de passarmos por situações estressantes e traumatizantes [...] Tivemos um belo dia de comunhão e convivência sendo acolhidas com muito carinho pela família da diácona Nádia. Agradecemos a todas que participaram e partilharam vidas em comunhão<sup>231</sup>.

O VIII Encontro aconteceu no dia 20 de fevereiro de 2015, em Massaranduba/SC:

Tivemos a alegria de ter 17 ministras do Sínodo Norte Catarinense reunidas para momentos de meditação, conduzido pela Pa. Elke e para a partilha do tema do encontro sobre Contação de História, pela Cat. Liane Zwetsch Klamt [...] A contação de história nos conduziu para o debate sobre os estereótipos das histórias e como cada pessoa pode dar o fim para ela de acordo com a sua visão. A história contada trazia a pergunta: O que cada mulher mais deseja na vida? A partir desta pergunta e da resposta que a história ofereceu fomos partilhando, construindo e desconstruindo alguns paradigmas presentes na sociedade [...] Foi um encontro abençoado, cheio de alegrias, partilhas, novidades e motivações para a caminhada pessoal, familiar e comunitária das ministras do Sínodo Norte Catarinense. Finalizamos com oração e a bênção cantada: “Daquelas que estão a minha frente, cuida bem Senhor...!”<sup>232</sup>

<sup>230</sup> SCHERER, 25 fev. 2014.

<sup>231</sup> SCHERER, Cristina. VII Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 19 ago. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/vii-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/vii-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>232</sup> SCHERER, 20 fev. 2015.

O IX Encontro ocorreu em Joinville/SC, no dia 19 de agosto de 2015. Quem acolheu as ministras foi a colega Pa. Eli E. Deilfeld e o tema da manhã foi partilhado pela Pa. Mayke M. Kegel, sobre sua experiência com Capelania Hospitalar, poimência e humanização dentro do hospital.

Ressaltamos a importância da caminhada em REDE onde cada pessoa é atuante neste processo e ativa no processo de visibilizar as atividades e eventos de mulheres em movimento na América Latina e Caribe. Para isso destacamos três pontos centrais: 1) Produção Teológica; 2) Atuação de Mulheres nas celebrações dos 500 anos da Reforma; 3) Implementação e reflexão da Política de Gênero nas Igrejas [...] Falamos ainda da motivação em participar do II Encontro Nacional de Ministras, de 17 a 19 de novembro em Florianópolis, bem como de nossa organização para o mesmo. Alegramo-nos em saber que atualmente somos 21 ministras (pastoras, catequistas, diáconas, missionárias, pphmista, estagiária) no âmbito do Sínodo Norte Catarinense e queremos caminhar em parceria, sororidade e apoio umas para com as outras, sob a graça e cuidado de Deus, diante do qual depositamos nossas alegrias e preocupações!<sup>233</sup>

O X Encontro foi realizado no dia 11 de março de 2016, em Jaraguá do Sul/SC. A reflexão da meditação foi sobre o livro de Rute.

A partir do texto e da reflexão fomos desafiadas a partilhar situações da vida onde fomos cuidadas por mulheres e onde e como ajudamos outras mulheres em nosso viver. O tema do encontro foi sobre Diaconia em Katharina e Lutero partilhado pela diácona Ângela Lenke de Joinville. Refletimos sobre a importância da ação diaconal na Igreja e como a mesma estava presente na vida da família Lutero e nos escritos do reformador<sup>234</sup>.

O XI Encontro foi realizado em Joinville/SC, no dia 17 de agosto de 2016:

Tivemos uma manhã de partilhas com meditação, cantos, oração, assuntos diversos e um breve tema de reflexão para a nossa caminhada ministerial. Falamos do Encontro Nacional de Mulheres Luteranas em março de 2017, da confecção de 500 Rosas de Lutero para exposição no Dia Intersinodal da Igreja em 2017 e planejamos o encontro para o próximo ano e o diálogo que teremos com a Faculdade Luterana de Teologia – FLT durante a Conferência de Ministras e Ministros no dia 09 de novembro em São Bento do Sul sobre o tema Justiça de Gênero<sup>235</sup>.

E finalmente o XII Encontro, que ocorreu no dia 22 de agosto de 2017 em São Bento do Sul/SC, com a participação de 16 ministras (pastoras, diáconas, diaconisa, catequistas):

Seguimos com a partilha da colega Pa. Francine de Oliveira Kerkhoff que falou

<sup>233</sup> SCHERER, Cristina. IX Encontro Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 19 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ix-encontro-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>234</sup> SCHERER, Cristina. X Encontro Sinodal das Ministras do SNC. *Portal Luteranos*, 11 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/ministerio-ordenacao/x-encontro-sinodal-das-ministras-do-snc>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

<sup>235</sup> SCHERER, Cristina. XI Encontro Sinodal de Ministras do Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 17 ago. 2016. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/xi-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/xi-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

sobre sua tese de mestrado na UNIPLAC sob o título: “Ensino Religiosos no Projeto Político Pedagógico do Município de Videira: Tensões e Desafios”. A partilha ocorreu sobre o tema da pesquisa, sua relevância para a atuação ministerial bem como das alegrias que a vivência do mestrado proporcionou à colega, lembrando a importância de espaços de amizade e reciprocidade na trajetória ministerial e de vida de cada pessoa [...] Também definimos datas, locais e temas para os encontros de 2018 e a nova coordenadora do grupo de ministras do SNC, Cat. Rosilene Schultz que assume no lugar da Pa. Cristina Scherer<sup>236</sup>.

Num momento especial da caminhada das ministras, como fruto de reflexões e decisões, foi realizado uma proposição de um Diálogo sobre Justiça de Gênero<sup>237</sup> com a FLT (Faculdade Luterana de Teologia). No encontro do dia 11 de março de 2016, por exemplo, as ministras decidiram dirigir-se à FLT, de São Bento do Sul/SC, questionando o uso da expressão “ideologia de gênero” e fazendo menção ao importante material que a Federação Luterana Mundial (FLM) e a IECLB têm elaborado e recomendado para estudo<sup>238</sup> nas comunidades sobre Justiça de Gênero. Conforme a carta:

O objetivo da reflexão de Gênero é perceber a construção social e cultural legitimadora de relações desiguais entre homens e mulheres. Além disso, a reflexão de Gênero busca denunciar essa realidade injusta. Ela busca também propor a reconstrução de uma cultura, na qual homens e mulheres possam reconhecer a importância de todas as pessoas, onde cada qual com suas qualidades e jeitos, participam e contribuem ativamente para a história da Igreja e do mundo como um todo. Assim, a Igreja será verdadeiramente o corpo de Cristo, onde a inclusão é total, onde se afirma a dignidade e a importância de todas e todos, e se anuncia a cidadania do Reino de Deus assim como Jesus o pregou (Cf. Gálatas 3.26-28). Percebendo a importância de todos e todas para o corpo de Cristo, nós, ministras da IECLB do Sínodo Norte Catarinense, desejamos, além de mostrar a nossa preocupação, colocarmo-nos a disposição da FLT para dialogar e também para construir em conjunto a reflexão sobre Gênero e Justiça de Gênero conforme os parâmetros oficiais da IECLB<sup>239</sup>.

<sup>236</sup> SCHERER, Cristina. XII Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 22 ago. 2017. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/ministerio-ordenacao/xii-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/xii-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso: em 06 abr. 2018.

<sup>237</sup> A FLM aprovou em 2014 sua Política de Justiça de Gênero, recomendando a todas as igrejas de sua comunhão a reflexão e implementação da mesma em seus contextos. Entende-se por Justiça de Gênero como “a proteção e promoção da dignidade das mulheres e dos homens, que, sendo pessoas criadas à imagem de Deus, são mordomos corresponsáveis da criação. A justiça de gênero se expressa por meio da igualdade e de relações equilibradas de poder entre mulheres e homens e da eliminação dos sistemas institucionais, culturais e interpessoais de privilégio e opressão que sustentam a discriminação.” FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2014, p. 06. As ministras da IECLB, cientes da importância de uma Política de Gênero na Igreja, propõem - como fruto da reflexão e ação concreta do Encontro de Ministras em 2017, Porto Alegre/RS, um texto comum de moção para ser enviada às assembleias sinodais e posteriormente encaminhada e aprovada pelo Concílio da Igreja de 2018, recomendando a criação de um grupo assessor que se ocupe com a implementação de uma Política de Gênero no âmbito da IECLB.

<sup>238</sup> O material elaborado pela IECLB e recomendado para amplo uso e diálogo é: STANGE, Rosângela (Coord.). *Estudos sobre Gênero*. Porto Alegre: IECLB, 2013. Neste material, Rosângela Stange afirma: “[...] é um subsídio para trabalhar, com mulheres, homens e jovens, temas relacionados a gênero. O objetivo principal é promover a reflexão sobre as relações entre mulheres e homens para que as mesmas se tornem cada vez mais baseadas no respeito, na justiça e na valorização das diferenças.” STANGE, 2013, p. 07.

<sup>239</sup> Trecho da Carta das Ministras do SNC enviada à Direção da FLT em 13 de abril de 2016. SCHERER, Cristina; MILBRATZ, Pamela; HELWIG, Marli Seibert. Diálogo sobre Justiça de Gênero na IECLB. *Portal*

Em resposta, a FLT propôs um diálogo/debate<sup>240</sup> acerca do tema e colocou-se à disposição para que as ministras propusessem a melhor data. As ministras, por sua vez, decidiram realizar este diálogo de uma maneira ampliada e o fizeram numa Conferência de Ministras e Ministros no âmbito do SNC, no dia 09 de novembro de 2016, em São Bento do Sul, oportunizando, assim, a participação de estudantes de teologia da FLT no diálogo. Na ocasião, a Dra. Ivoni Richter Reimer, da PUC/GO, assessorou o diálogo. Pela FLT discorreu sobre o tema o Dr. Claus Schwambach. A Pa. Carmem Siegle, que atua na Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da Secretaria de Ação Comunitária, esteve presente representando a Secretaria Geral da IECLB.

Nesse processo ficou evidente a força das ministras como corpo ministerial a partir da tomada de decisões, mostrando que, de fato, a união das mulheres pode alcançar resultados. A reflexão e decisão realizadas em conjunto reforçaram a presença da sororidade, da cumplicidade e o compromisso mútuo em torno de um tema que as une e que lhes é tão caro para o exercício digno do ministério: a justiça de gênero.

Encontros de Ministras ocorrem atualmente em 06 sínodos da IECLB<sup>241</sup>: Sínodo Rio Paraná, Sínodo Nordeste Gaúcho, Sínodo Planalto Riograndense, Sínodo Norte Catarinense, Sínodo Vale do Taquari e Sínodo Vale do Itajaí. Esses encontros têm fortalecido as mulheres no ministério por representarem espaços seguros de partilhas de alegrias, conquistas, sonhos, dores e desafios.

#### **4.4 Sororidade experimentada nos Encontros de Ministras**

Todos estes movimentos, encontros, parcerias, ações e decisões são elementos que fortalecem, nutrem e empoderam as mulheres no ministério. Quando as mulheres saem dos encontros, se sentem animadas e fortalecidas para a o exercício do ministério em comunidades cristãs onde, muitas vezes, experimenta-se a misoginia, sexismo, e outros elementos do sistema patriarcal. São os encontros que motivam as ministras a lutar por um mundo mais humano, justo, solidário e amistoso – a começar entre as ministras, através da vivência da sororidade.

---

*Luteranos*, 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/dialogo-sobre-justica-de-genero-na-ieclb>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>240</sup> FACULDADE LUTERANA DE TEOLOGIA. *Ministras do Sínodo Norte Catarinense e FLT promoveram diálogo sobre “justiça de gênero”*. Disponível em: <<http://www.flt.edu.br/noticias/123/%E2%80%8Bministras-do-sinodo-norte-catarinense-e-flt-promoveram-dialogo-sobre-%E2%80%9Cjusti%C3%A7a-de-genero%E2%80%9D%3E>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>241</sup> SIEGLE, Carmen. *Memória do Encontro Nacional de Ministras realizado entre 21 a 23 de novembro de 2017*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[coordenacaogenero@ieclb.org.br](mailto:coordenacaogenero@ieclb.org.br)> em 05 dez. 2017, p. 03.

É este poder que as mulheres têm de se encontrarem e nutrirem juntas a confiança, parceria, partilhas, apoio e amizade que se torna um referencial ético nas relações e nos grupos. Encontrar-se, como mulheres ministras da Igreja em grupos e encontros específicos, é essencial para o fortalecimento da sororidade que há entre mulheres que estão na mesma caminhada. A Pa. Marcia Blasi afirma que “quando as mulheres experimentam uma comunidade com outras mulheres que ouvem suas histórias de vida e as validam através das suas próprias experiências, elas são empoderadas a acreditar na sua própria realidade.”<sup>242</sup> Como mulheres que estão juntas na caminhada no exercício do ministério, é possível “buscar como interdependentes ligar nossas redes, nossas vidas.”<sup>243</sup>

É possível perceber por meio dos relatos dos diferentes encontros de ministras a importância do apoio umas às outras, por meio de vínculos de partilhas de experiências e de espaços de confiança e de fortalecimento da amizade, como “um valor ético que muda a vida corporal-relacional, que significa dignificação, respeito, afeto. A amizade tem o poder de estabelecer a democracia, a igualdade e a mutualidade.”<sup>244</sup> Esta força da amizade entre mulheres, denominada de sororidade pela teologia feminista, é elemento essencial no cotidiano de mulheres que se encontram no ministério eclesial para anunciar vida digna e transformadora.

Hoje em dia, a amizade entre mulheres é uma mistura de modos de pensar e agir. As antigas noções de amizade são questionadas e desaparecem das comunidades de mulheres que trabalham para transformar as estruturas sociopolíticas, tudo que as mantinha distanciadas umas das outras. Elas se encontram em organizações e ações que constituem lugares de trabalho, oásis à margem do patriarcado. Estes lugares são variados, desde os mais tradicionais aos mais inovadores: partidos políticos e livrarias feministas onde ocorrem as mudanças; universidades e indústrias onde as mulheres ganham a vida, pois que já não dependem de homem; clubes e instalações esportivas, berçários e comunidades de base, onde satisfazem suas necessidades e reforçam seus valores. O que as mulheres buscam? Querem encontrar amigas que compartilhem perspectivas, acompanhem na vigília e que saibam o que é sonhar. A grande maioria é colega, amiga e confidente – irmãs trabalhadoras na construção de um projeto de sociedade justa e inclusiva<sup>245</sup>.

As ministras da IECLB que se encontram sabem que viver em grupo é bem melhor do que viver no isolamento. Juntas, se dispõem para a prática de fortalecimento mútuo e de apoio em confiança e em sororidade. Fortalecidas e empoderadas umas pelas outras caminham lado a lado nas diversas situações e contextos da vida, testemunhando a o poder e o

<sup>242</sup> BLASI, Marcia. Aconselhamento Pastoral em perspectiva feminista: Princípios Básicos. In: \_\_\_\_\_; MUSSKOPF, André S. *Ainda feminismo e gênero: histórias e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 227-234, p. 231.

<sup>243</sup> OLIVEIRA, Nádia Dal Castel de; WITT, Maria Dirlane. Rumo a uma igreja inclusiva. *NOVOLHAR*. São Leopoldo, Ano 11, no. 49, p. 20-21, jan./fev. 2013, p. 21.

<sup>244</sup> ROESE, 2004, p. 40.

<sup>245</sup> FRIGERIO, 2007, p. 23-24.

valor da sororidade. “Muito já percorremos. Isso porque estamos juntas, abraçadas, irmanadas desde a raiz. A ordenação de mulheres é uma pisada forte, segura, abençoada.”<sup>246</sup> Trilhar passos de sororidade é o desejo das mulheres ordenadas ao ministério que se encontram e investem na criação de espaços de apoio, amizade e solidariedade como elementos para uma ética feminista que liberta e empodera para o crescimento de mulheres, como as águas que se encontram e se fortalecem!



Fotos de arquivo pessoal. Encontro de Ministras 2017, Porto Alegre/RS.

---

<sup>246</sup> OLIVEIRA; WITT, 2013, p. 20.

## 5 CONCLUSÃO

‘Meu coração sangra pelas irmãs em primeiro lugar. Sangra por mulheres que ajudam mulheres. Como as flores anseiam pela primavera.’<sup>247</sup>

A teologia feminista assume como ponto de partida a experiência de vida das mulheres, dando visibilidade e valorizando as relações de sororidade. Cada mulher é especial e essencial, com seus saberes e capacidades. Como afirma Chimamanda N. Adiche: “Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não ‘se’. Não ‘enquanto’. Eu tenho igualmente valor. E ponto final.”<sup>248</sup> Se temos valor como mulheres, muito mais valor possui a amizade entre mulheres nas relações, grupos e redes de apoio, onde são alimentadas por uma força motivadora baseada na aliança, na solidariedade e na amizade que transformam relações e vida: a sororidade, presente na vida e na Sagrada Escritura.

A sororidade é uma força capaz de mudar as estruturas baseadas na injustiça, no poder dominador, na desunião, no desrespeito à dignidade humana presentes na sociedade. As ministras ordenadas na IECLB testemunham a força das mulheres que agem em união, em parceria, com diálogos, colos e abraços experimentados nos diversos encontros.

A teologia feminista tem como objetivo contribuir para a construção de relações justas e equitativas entre homens e mulheres. Ela revela o Deus que cuida, ama, é amigo e parceiro das pessoas na construção de um mundo melhor. Essa construção passa pelas relações humanas como a da amizade que entre as mulheres deve ser valorizada como elemento ético e político. Conforme Márcia Tiburi, a sororidade:

[...] tem a ver com a ação ética – que é também política – de eliminar o jogo de preconceitos lançados com os piores interesses sobre as mulheres, muitas vezes esperando que elas mesmas venham a jogá-lo. As mulheres não vão mudar esse estado de coisas que as aviltam, sozinhas. A conquista de si mesmas, da autonomia, da soberania é algo que se pode fazer com as outras. A sororidade é uma prática diária de respeito às outras e de companheirismo em tempos de barbárie por meio da qual se busca uma vida melhor e mais justa para todo mundo<sup>249</sup>.

A vivência da sororidade empodera as mulheres para que, juntas, possam contribuir para transformar realidades de dor e injustiças em realidades de vida e dignidade. A sororidade é uma experiência<sup>250</sup> que encoraja e fortalece as mulheres. É um fator importante para que as mulheres sintam-se empoderadas na vida, a fim de que haja aceitação de si mesma

<sup>247</sup> KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017, p. 229.

<sup>248</sup> ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas, um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 07.

<sup>249</sup> TIBURI, Márcia. Prefácio. In: SOUZA, 2016, p. 07-10, p. 10.

<sup>250</sup> Wanda Deifelt aprofunda a importância do termo “experiência” à luz da teologia feminista. Ver: DEIFELT, 2003, p. 175-176.

para poder, assim, ajudar outras mulheres.

O empoderamento afirma o poder de cada mulher como pessoa com sabedoria, poder relacional, poder – com. O poder de cada mulher está em apoiar mais as mulheres na vida. Este apoio ocorre quando a mulher assume posições de liderança na sociedade e na igreja, quando é indicada para assumir cargos; lidera; organiza; prega; coloca-se ao lado de pessoas injustiçadas num ato político; faz política e denuncia milícias e malícias que oprimem; testemunha e anima a caminhada de comunidades e ações da Igreja; movimenta colegas de ministério para que sigam encontrando-se; é agente ativa na denúncia de casos de violências; acolhe e apoia as vítimas de violência; opõe-se ao patriarcado, sexismo, misoginia e formas de competição; fala bem de outras mulheres e lhes apoia como parceiras de caminhada, afirmando que a amizade entre mulheres pode ser revolucionária.

A sororidade é uma força capaz de mudar estruturas baseadas na injustiça, no poder dominador, na desunião, no desrespeito à dignidade humana presente na sociedade nas mais diversas formas. Diante do individualismo e do sistema patriarcal que estimula a competitividade entre as mulheres, importa olhar para o coletivo que gera espaços de comunhão, construções e decisões que são frutos da parceria, do diálogo, do poder do amor, da força que provém da convivência, da mutualidade e sororidade. Como afirma Babi Souza: “Moça, esqueça a competição. Não somos rivais e isso é revolução.”<sup>251</sup> Nesta tarefa cotidiana de fortalecer os laços de sororidade, a Sagrada Escritura inspira e motiva as mulheres. A vivência da sororidade implica numa confiança, num cuidado, num querer bem, na aposta de que todas podem e sabem o que dissimula a competição e não dá espaço para a mútua destruição, rivalidade e inimizade.

As ministras da IECLB, que experimentam o valor de cada encontro e por meio deles são fortalecidas para a missão e anúncio do Evangelho, desejam uma Igreja acolhedora, inclusiva, com uma política de justiça de gênero onde, de modo especial, as mulheres tenham espaços de confiança para se apoiarem e dialogarem mais, abrindo-se para novos horizontes, onde são empoderadas e fortalecidas. Com o compromisso de pregar a boa nova do Evangelho e administrar corretamente os sacramentos, ministras ordenadas lutam e sonham por uma Igreja encarnada na vida e liberta pelo Espírito que conduz à dignidade de vida.

A igreja está onde a boa nova da libertação do sexismo é pregada, onde o Espírito está presente para nos capacitar e renunciar ao patriarcado, onde uma comunidade comprometida com a nova vida de mutualidade se reúne e é nutrida, e onde a

---

<sup>251</sup> SOUZA, 2016, p. 120.

comunidade está difundindo esta visão e esta luta para outras pessoas<sup>252</sup>.

A vivência nos Encontros de Ministras é um bom testemunho para as mulheres na Igreja e sociedade. Mulheres juntas, a caminho, são fortalecidas pela *Ruah*, empoderadas umas pelas outras, praticam o poder relacional e criativo para proclamar e lutar pelas boas novas do Reino de Deus. A experiência de sororidade vivenciada por mim e por outras ministras nos encontros nacionais e sinodais são um oásis e luz em meio ao deserto do patriarcado e as trevas geradas pelo individualismo e competição que ocorrem no meio social e eclesial. Juntas, as ministras testemunham que é possível fortalecer vínculos e amizades e vivenciar sororidade como alternativa ética e política na vida cotidiana.

Que haja mulheres lado a lado em vários âmbitos da vida, apoiando, segurando, motivando, fortalecendo, curando, orando, agindo, ensinando e rompendo barreiras para que percebam a força da ciranda de mulheres que juntas confiam, dançam, cantam, gritam, estudam, lutam, fazem descobertas, se apoiam, se valorizam, se abraçam, choram e enxugam mutuamente as lágrimas, carregam caixões de amigas, rompem barreiras e tradições, denunciam injustiças, constroem novas relações e reflexões, convivem e fortalecem vínculos como iguais em meio à diversidade que as compõem.

Diante de tantos desafios que a realidade patriarcal impõe cabe a resposta de que, inspiradas pela história de Marta e Maria, uma coisa só importa: “bolas para brincar, terra para plantar, pães para comer, vinho para festejar, braços para nos apoiar e nos abraçar. É esta a resposta das mulheres...”<sup>253</sup> Mulheres que, juntas, são mais. Fiquem juntas, pelas mulheres da Bíblia, pelas mulheres no ministério ordenado na Igreja, pelas mulheres da nossa ancestralidade, pelas que virão, por todas nós!

Fiquem juntas! /Nenhuma de nós, nenhuma, vai aguentar sozinha /Fiquem juntas! /É preciso procurar as outras /É preciso ser procurada pelas outras /Fiquem juntas! /Uma chora, a outra enxuga /Outra cai, há uma que levanta / Fiquem juntas! /Nenhuma de nós, nenhuma, vai aguentar sozinha /Precisamos, mais do que nunca, ter sempre uma mulher por perto /Fiquem juntas!<sup>254</sup>

<sup>252</sup> RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993, p. 177.

<sup>253</sup> GEBARA, 2010, p. 61.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, Cidinha. Fiquemos Juntas! [Poesia]. *Afropiniões*, 24 mar. 2018. Disponível em: <<https://afropinioes.wordpress.com/2018/03/24/fiquemos-juntas/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

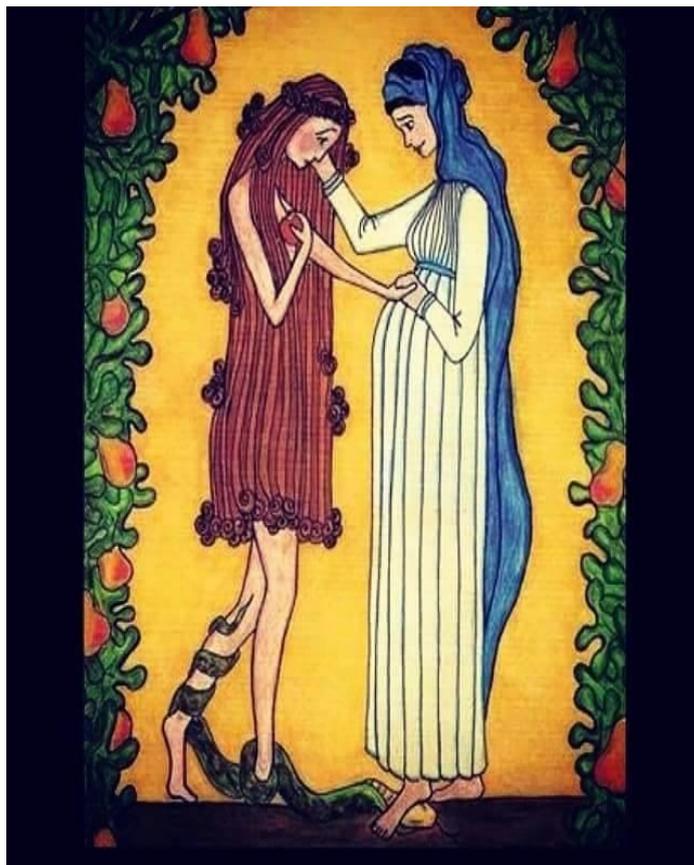


Imagem Lema do II Encontro Nacional de Ministras em 2015, Florianópolis-SC<sup>255</sup>.

---

<sup>255</sup> BARBAS, Taís Lara Souza. “Maria e Eva em ‘Sororidade original’: - Não tem pecado, minha flor. Nem na maçã nem na minha barriga. Tá tudo bem.” Facebook. *Ventre Feminista*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ventrefeminista/photos/a.1549073452036906.1073741828.1549071468703771/1643511605926423/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

ABENTROTH, Anelise Lengler. Mulheres no Ministério Ordenado na IECLB – Perspectiva Histórica. In: SIEGLE, Carmen. *Encontro de Ministras* - orientações e programa. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 17 nov. 2017.

ACKERMAN, Denise M. Power. In: RUSSEL, Letty M.; CLARKSON, J. Shannon (Eds.). *Dictionary of Feminist Theologie*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996, p. 219-221.

AGÊNCIA SENADO. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. *Senado Notícias*, 28 dez. 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

AQUINO, María Pilar; TÁMEZ, Elsa. *Teología Feminista Latinoamericana*. Quito: Ed. Aby-Yala, 1998.

BALDUS, Dione Carla. *Historiografia do Grupo de Mulheres*. [Monografia de Conclusão de Curso]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2002.

\_\_\_\_\_. História de vida de Dione Carla Baldus. *Portal Luteranos*, 16 dez. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-dione-carla-baldus](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-dione-carla-baldus)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

BARBAS, Taís Lara Souza. “Maria e Eva em ‘Sororidade original’: - Não tem pecado, minha flor. Nem na maçã nem na minha barriga. Tá tudo bem.” Facebook. *Ventre Feminista*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ventrefeminista/photos/a.1549073452036906.1073741828.1549071468703771/1643511605926423/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BECKER, Márcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber fazer-pensar nas ciências humanas. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 2, no. 2, p. 243-256, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883/2687>>. Acesso em: 25 set. 2016.

BECKER, Valmi Ione. Dia da Mulher - Joinville homenageia a pastora Mayke Kegel. *Jornal O Caminho*, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=108&cadernoId=24&noticiaId=4956&highlight=mulher>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

BLASI, Marcia; STRECK, Valburga S. Questões de Gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, p. 222-240, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Aconselhamento Pastoral em perspectiva feminista: Princípios Básicos. In: \_\_\_\_\_; MUSSKOPF, André S. *Ainda feminismo e gênero: histórias e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 227-234.

\_\_\_\_\_; BRUN, Marli. Sumpfloch, a República das Mulheres. Entrevista com Haidi Jarschel, Regene Lamb, Sílvia Beatrice Genz, Erli Mansk e Marli Lutz. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 94-108, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

\_\_\_\_\_; SCHUCHARDT, Ketlin Laís. Lucas 10.38-42. In: HOEFELMANN, Verner (Coord.). *Proclamar Liberdade: auxílios homiléticos*. Vol. 40. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, p. 214-217.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2. ed. revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CHRISTMANN, Louraini. *Celebrando em poesia*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do VI Encontro Inter Sinodal de Mulheres PPL*. Condor: mar. 2018. Disponível em: <<http://pastoral.org.br/site/mensagem-do-vi-encontro-inter-sinodal-de-mulheres-ppl/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO ENCONTRO DE MINISTRAS 2017. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[coordenacaogenero@ieclb.org.br](mailto:coordenacaogenero@ieclb.org.br)> em 26 abr. 2018.

CRUZ, Lília D. M. L. Planejar, agir, perpetuar. Excertos de Rute sobre a sobrevivência em tempos de crise. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006, p. 33-50.

DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a Teologia, as Mulheres e o Poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, no.1, Ano 36, p. 07-16, 1996.

\_\_\_\_\_. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. Interpelações e perspectivas. São Paulo: SOTER/Paulinas/Loyola, 2003, p. 171-186.

DELAZARI, Neuza Maria. *A resistência de Rute e das mulheres*. Série A Palavra na vida, no. 352. São Leopoldo: CEBI, 2017.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2003.

DIAMANT, Anita. *A Tenda Vermelha*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

EISLER, Riane. *O poder da parceria*. Tradução de Marcos Fávero Florence de Barros. São Paulo: Palas Athena, 2007.

ENGELBRECHT, Margarete E. *Carta às colegas pastoras*. Esteio, 13 mar. 1993.

FACEBOOK. *Partida Rio de Janeiro RJ*, 22 set. 2015. Disponível em: <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1473130103015237&id=1421707364824178](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1473130103015237&id=1421707364824178)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FACULDADE LUTERANA DE TEOLOGIA. *Ministras do Sínodo Norte Catarinense e FLT promoveram diálogo sobre “justiça de gênero”*. Disponível em: <<http://www.flt.edu.br/noticias/123/%E2%80%8Bministras-do-sinodo-norte-catarinense-e-flt-promoveram-dialogo-sobre-%E2%80%9Cjusti%C3%A7a-de-genero%E2%80%9D%3E>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Política de Justiça de Gênero*. Genebra: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/politica-de-justica-de-genero-federacao-luterana-mundial>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

FERNANDES, Leonardo. Ato religioso foi marcado por mensagem de paz e grito por justiça. *Brasil de Fato*, São Paulo, 07 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/ato-religioso-foi-marcado-por-mensagem-de-paz-e-grito-por-justica/>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. *Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010.

FRANKE, Wera. História de vida da Irmã Wera Franke. Entrevista concedida a Irmã Ruthild Brakemeier. *Portal Luteranos*, 01 out. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/irma-wera-franke](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/irma-wera-franke)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1997.

FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres*. Construir a solidariedade a partir do livro de Rute. Série ensaios, vol. 9. São Leopoldo: CEBI/Contexto, 2007.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 31-50.

\_\_\_\_\_. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

\_\_\_\_\_. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017a.

\_\_\_\_\_. *Mulheres, Religião e Poder – ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017b.

GROSSMANN, Carla Andrea. História de vida de Carla Andrea Grossmann. *Portal Luteranos*, 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-carla-andrea-grossmann>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

HELLWIG, Marli Seibert; ENGELHARDT, Vera Lucia. O primeiro dia do Encontro de Ministras da IECLB. *Portal Luteranos*, 17 nov. 2015. Disponível em:

<[http://www.luther.org.br/conteudo\\_organizacao/ieclb/o-primeiro-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb](http://www.luther.org.br/conteudo_organizacao/ieclb/o-primeiro-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb)>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Terceiro dia do Encontro de Ministras. *Portal Luteranos*, 19 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/terceiro-dia-e-encerramento-do-encontro-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

HUNT, Mary E. Amigas verdaderas; amigas en la acción. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Orgs.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago: Sello Azul/Editorial de Mujeres, 1994, p. 443-450.

\_\_\_\_\_. O Amigo. In: DOWNING, Christine (Org.). *Espelhos do Self – Imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 246-251.

\_\_\_\_\_. *Sexo bom, sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2001.

\_\_\_\_\_. A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental. *IHU Online – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*: São Leopoldo, no. 199, Ano VI, 09 out. 2006. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=472&secao=199](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=472&secao=199)>. Acesso em: 10 out. 2016.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Boletim das pastoras, catequistas e estudantes*, São Leopoldo, no. 02, 1984.

\_\_\_\_\_. *Caderno do Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*, São Leopoldo, no. 01, nov. 1987.

\_\_\_\_\_. *Boletim III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes*, São Leopoldo, 1989.

\_\_\_\_\_. *Boletim Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes*, São Leopoldo, no. 03, 1993.

\_\_\_\_\_. *Programa e Memória do Encontro Nacional de Pastoras*. São Leopoldo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Agenda do Sínodo Norte Catarinense*, Edição no. 20, 2018.

JARSCHER, Haidi; ALTMANN, Lori. *Um esboço do perfil da pastora da IECLB*. São Paulo: Traço a Traço, 1992.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JUSTIÇA de Gênero. *Youtube*, 18 mai. 2018. Vídeo online (2min25s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pS5RgWJBvYQ>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

KLEN, Vânia Moreira. Encontro Nacional de Ministras – Encerramento. *Portal Luteranos*, 15 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontro-nacional-de-ministras-encerramento>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

KOCH, Ingelore Starke. Mulheres se organizam e falam entre si sobre temas tratados. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-24 mar. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

\_\_\_\_\_. Teóloga feminista diz que é preciso desvincular Deus do símbolo masculino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 24 mar./13 abr. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

\_\_\_\_\_. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 05-25 mai. 1991, Geral.

\_\_\_\_\_. Mulher homenageada é obreira da IECLB. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 mar. 1996.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. Enemistad y Sororidad. *Conspirando*, no. 16, p. 32-36, jun. 1996.

\_\_\_\_\_. *Claves feministas para la autoestima de las mujeres*. Cuadernos Inacabados, no. 39. Madrid: Horas y Horas, 2000.

\_\_\_\_\_. *Para mis socias de la vida: Claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres, los liderazgos entrañables y las negociaciones en el amor*. Cuadernos Inacabados, no. 48, Madrid: Horas y Horas, 2005.

\_\_\_\_\_. *El feminismo en mi vida – hitos, claves e topias*. México: Instituto de las Mujeres del Distrito Federal, 2012.

\_\_\_\_\_. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (Orgs.). *Estudos feministas, mulheres e educação popular*. Curitiba: CRV, 2016, p. 25-33.

LAMB, Regene. *Data do III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <regelamb@gmail.com> em 16 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *Data do III Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <regelamb@gmail.com> em 21 fev. 2018.

LORDE, Audre. Lo erotico como poder. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Orgs.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago: Sello Azul/Editorial de Mujeres, 1994, p. 437-442.

MANSK, Erli (Org.). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

MASKE, Neli. Proseando com Dilma sobre Mosaicos de Sororidade. In: BENCKE, Romi, DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez (Orgs.). *Presidenta Dilma: em sororidade mulheres resgatam a história*. São Leopoldo: Karywa, 2017, p. 83-91.

MATOSO, Filipe. Dilma recebe no Planalto apoio de mulheres contra o impeachment. *G1*, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-recebe-no-planalto-apoio-de-mulheres-contr-o-impeachment.html>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios – Teología para una era ecológica y nuclear*. Santander:

Sal Terrae, 1994.

MENDES, Leticia. Marielle Franco: filha da Maré, negra, defensora dos direitos humanos e feminista, *Gaúcha ZH*, 15 mar. 2018. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/03/marielle-franco-filha-da-mare-negra-defensora-dos-direitos-humanos-e-feminista-cjesqs34d03a301r4o4mq3vzi.html>>.

Acesso em: 10 mai. 2018.

MESQUITA, Maria E. de Souza. Poder e disciplina na visão de Michel Foucault. *Revista de Educação AEC*, no. 103, ano 26, p. 17-22, 1997.

MICHEL, Carmen; PLAUTZ, Tatiana. *Convite do Encontro Nacional de Obreiras da IECLB*. São Leopoldo: 21 mar. 1995.

MINISTÉRIO - Centro de Blumenau tem primeira mulher no pastorado. *O Caminho*, set. 2015.

Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=148&cadernoId=9&noticiaId=6838&highlight=mulher>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

MINISTRAS encontram-se. *O Caminho*, abr. 2015. Disponível em:

<<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=144&cadernoId=9&noticiaId=6676>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: homossexuais e o Ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST*. A construção de uma área do conhecimento. São Leopoldo: CEBI, 2014.

NEUENFELDT, Elaine. Teologia Feminista na formação teológica - conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 119-129.

\_\_\_\_\_. Palestra do Encontro Nacional de Mulheres Luteranas - Mulheres Luteranas celebrando os 500 anos. In: LIEVEN, Elisabeth et al. *Caderno de Estudo da OASE 2017 - Associação da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas do Sínodo Espírito Santo à Belém*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/caderno-de-estudos-da-oase-2017-sinodo-espírito-santo-a-belem>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

NOVOLHAR. São Leopoldo: Sinodal, ano 14, no. 61, jan./mar. 2016.

NUETZEL, Gerdi. Potencial transformador ou complemento de beleza? História do ministério feminino na IECLB. Tradução de Regene Lamb e Haidi Jarschel. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 31-70.

OLIVEIRA, Nádia Dal Castel de; WITT, Maria Dirlane. Rumo a uma igreja inclusiva. *NOVOLHAR*. São Leopoldo, Ano 11, no. 49, p. 20-21, jan./fev. 2013.

PAIXÃO, Márcia Leindecker da. Cátedra de Teologia Feminista na EST: pelos meus olhos. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 30-39, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Sara. Mulheres são como águas, crescem quando se juntam. *Terra de Direitos*, 10 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.terradedireitos.org.br/noticias/noticias/mulheres-sao-como-agua-crescem-quando-se-juntam/19941>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Amantíssima e só – evangelho de Maria & as outras*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica feminista: ¿Caminos de enemistad o espacios sabrosos? *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, no. 50, vol. 1, p. 135-139, Quito: REBUE; Costa Rica: DEI, 2005. Disponível em: <<http://claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2/17-ribla>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PÉREZ, Mónica. *Sororidad: nueva práctica entre mujeres*. México: CIMAC, 2004. Disponível em: <<http://www.mujeerpalabra.net/pensamiento/analisisfeminista/sororidad.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

PHILIPPSEN, Rosane. *Encontros e Resistências: O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

POLING, James N. *El abuso de poder*. Tradução de Janet W. May. Nashville: Abingdon Press, 1991.

PORTAL LUTERANOS. *Em comunhão com as vidas das mulheres*. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-a-vida-das-mulheres](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-a-vida-das-mulheres)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Estatuto do ministério com Ordenação da IECLB*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Plano de Educação Cristã Contínua (PECC)*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/plano-de-educacao-crista-continua-pecc-1>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Secretaria Geral*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/secretaria-geral>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. *Sínodo Noroeste Riograndense: História do Sínodo*. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/noroeste-riograndense/historia-do-sinodo](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/noroeste-riograndense/historia-do-sinodo)>. Acesso em: 04 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Sínodo Norte Catarinense*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/sinodo/norte-catarinense>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. *Sínodo Norte Catarinense: Quem somos?* Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/quem-somos-8](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/quem-somos-8)>. Acesso em: 26 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *IECLB: Há 30 anos ordenando mulheres*, 10 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Resoluções do Encontro Nacional de Ministras*, 15 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/resolucoes-do-encontro-nacional-de-ministras>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. *Encontro Nacional de Ministras da IECLB: Celebrando os 30 anos de Ordenação na IECLB. Jorev*, 01 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Solidariedade de Ministras do Sínodo Norte Catarinense pela morte da Diácona Leila Schwingel*, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/solidariedade-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Segundo dia do Encontro de Ministras da IECLB*, 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/segundo-dia-do-encontro-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Mudanças na equipe da Secretaria Geral da IECLB*, 08 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/mudancas-na-equipe-da-secretaria-geral-da-ieclb>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Luteranas Celebrando os 500 anos da Reforma – Mensagem*, 19 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.luterana.org.br/textos/mulheres-luteranas-celebrando-os-500-anos-da-reforma-mensagem>>. Acesso em: 11 fev. 2108.

\_\_\_\_\_. *Trabalho com Mulheres e Coordenação de Gênero*, 20 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/trabalho-com-mulheres-e-coordenacao-de-genero-39506>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Encontro Nacional de Ministradas da IECLB 2017*, 23 nov. 2017. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/ministerio-ordenacao/mensagem-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb-2017](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/mensagem-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb-2017)>. Acesso em: 05 mai. 2018.

PRIMAVESI, Anne. Poder jerárquico y poder ecológico. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (Orgs.). *Del cielo a la tierra: una antología de teología feminista*. Santiago: Sello Azul/Editorial de Mujeres, 1994.

RAMMINGER, Edna Moga. 1 Coríntios 12.12-27: Prédica - 30 Anos de ordenação de mulheres ao ministério na Igreja. *Portal Luteranos*, 11 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/1-corintios-12-12-27>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. A lógica do mercado e a transgressão de mulheres. Uma visão teológico-cultural a partir dos evangelhos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Economia no mundo bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres – textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. Mulheres transgressoras com Jesus e Paulo: História, textos e interpretações. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). *Por amor à vida! Crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na atualidade*. Goiânia: PUC/GO, 2015, p. 71-94.

ROESE, Anete. *Espaços de cuidado – movimento de ressurreição: Teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2004.

ROJAS, Gloria. *Carta Convite*. Delegadas al II Encuentro de Teólogas Luteranas Latinoamericanas. Santiago, 03 fev. 1993.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993.

SASSI, Katia Rejane. *Pentateuco feminino*. Cinco livros proclamados nas festas judaicas. Série A Palavra na Vida, no. 295. São Leopoldo: CEBI, 2012.

SCHERER, Cristina. Sabedoria de mulheres promove mudanças. *Roteiro da OASE 2011*. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 69-72.

\_\_\_\_\_; SEIBERT, Marli. Convenção Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://martimluterano.com.br/conteudo/convencao-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. 2º Encontro Sinodal de Ministras do SNC. *Portal Luteranos*, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/2-encontro-sinodal-de-ministras-do-snc>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. 3º Encontro Sinodal de Ministras do Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/3-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. IV Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 23 abr. 2013. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/iv-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/iv-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. 5º Encontro de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 10 dez. 2013. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/5-encontro-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/5-encontro-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. VI Encontro Sinodal de Ministras - Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/vi-encontro-sinodal-de-ministras-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. VII Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 19 ago. 2014. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/vii-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/vii-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. VIII Encontro Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 20 fev. 2015. Disponível em: <<http://martinluther.org.br/noticias/viii-encontro-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. IX Encontro Sinodal de Ministras do Sínodo Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 19 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ix-encontro-sinodal-de-ministras-do-sinodo-norte-catarinense>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. X Encontro Sinodal das Ministras do SNC. *Portal Luteranos*, 11 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/ministerio-ordenacao/x-encontro-sinodal-das-ministras-do-snc>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. XI Encontro Sinodal de Ministras do Norte Catarinense. *Portal Luteranos*, 17 ago. 2016. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/norte-catarinense/xi-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/norte-catarinense/xi-encontro-sinodal-de-ministras-do-norte-catarinense)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_; MILBRATZ, Pamela; HELWIG, Marli Seibert. Diálogo sobre Justiça de Gênero na IECLB. *Portal Luteranos*, 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/noticias/dialogo-sobre-justica-de-genero-na-ieclb>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. XII Encontro Sinodal de Ministras. *Portal Luteranos*, 22 ago. 2017. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/ministerio-ordenacao/xii-encontro-sinodal-de-ministras](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/xii-encontro-sinodal-de-ministras)>. Acesso: em 06 abr. 2018.

SCHERZBERG, Lúcia. *Pecado e Graça na Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais – uma ekklesia-logia Feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

\_\_\_\_\_. Mariologia, Ideologia de Gênero e o Discipulado de Iguais. In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009, p. 27-54.

SCHWANTES, Milton. *Chamados à liberdade*. Comentário bíblico a Êxodo 1-6. São

Leopoldo: Oikos, 2016.

SECRETARIA GERAL. *Encontro de Ministras*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 08 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Estatísticas por gênero na IECLB*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 12 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. *Encontro de Ministras*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 13 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Encontro de Ministras – Memória e Anexos*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <secretariageral@ieclb.org.br> em 05 dez. 2017.

SEIBERT, Ute. *Espacios abiertos: caminos de la teología feminista*. Santiago: Forja, 2010.

SIDEKUM, Antônio. *Ética e alteridade. A subjetividade ferida*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

\_\_\_\_\_. Alteridade e Interculturalidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 233-298.

SIEGLE, Carmem. *Mensagem e Avaliação do Encontro Nacional de Ministras da IECLB*. Florianópolis/SC, 17 a 19 nov. 2015. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 26 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do 2º Encontro de Ministras da IECLB*. Florianópolis, 19 nov. 2015. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 26 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Memória do Encontro Nacional de Ministras realizado entre 21 a 23 de novembro de 2017*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 05 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Gênero na Missão da Igreja. *Jornal Evangélico Luterano*, Porto Alegre, no. 797, Ano 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/jorev/topico/comportamento/111>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_; FRIEDRICH, Nestor Paulo. Alegres, jubilai! 35 Anos de mulheres no ministério com ordenação na IECLB. *Portal Luteranos*, 10 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/alegres-jubilai-35-anos-de-mulheres-no-ministerio-com-ordenacao-na-ieclb>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *Projeto: 2º Encontro Nacional de Ministras Ordenadas da IECLB. Relatório para a Comissão para Assuntos da América Latina*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <coordenacaogenero@ieclb.org.br> em 14 fev. 2018.

SOAVE, Maria. *Luas... Contos e en-cantos dos evangelhos*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2000.

SÖLLE, Dorothee. Mutualidade. In: GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 351-353.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas?* – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera, 2016.

STANGE, Rosangela. Avaliação do Encontro Nacional de Ministras da IECLB. *Portal Luteranos*, 06 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/avaliacao-do-encontro-nacional-de-ministras-da-ieclb>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. (Coord.). *Estudos sobre Gênero*. Porto Alegre: IECLB, 2013.

STRECK, Gisela I. W. Deus é pai – Deus é como um amigo: como falar de Deus com adolescentes no Ensino Religioso. *Fenômeno Religioso e Metodologias*: VI Simpósio de Ensino Religioso, São Leopoldo, 10-12 set. 2009, p. 77-82.

STRESSE, Rose. *Estatística 2017, ano base 2016 – Dados do Sínodo Norte Catarinense*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[sinodonc@terra.com.br](mailto:sinodonc@terra.com.br)> em 15 fev. 2018.

TAMEZ, Elsa. A liderança das mulheres no Novo Testamento. *Concilium*, Petrópolis, no. 347, p. 79-88, 2012.

TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

TETZNER, Neusa. História de vida de Neusa Tetzner. *Portal Luteranos*, 28 jan. 2015. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-neusa-tetzner](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-neusa-tetzner)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

TIBURI, Márcia. Prefácio. In: SOUZA, Babi. *Vamos juntas?* – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera, 2016, p. 7-10.

TORRES, Maritze Trigos. O Espírito, rosto feminino de Deus, liberta-nos em plenitude e vida. In: OSDOL, Judhit van (Org.). *As mulheres e a graça*: releituras bíblicas de mulheres latino-americanas. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008, p. 09-16.

TRINDADE, Cláudia et al. Cláudia Trindade, Daniela Fichino, Gabriela Buscácio e Lia Rocha: Enterraram uma semente. *Folha de S. Paulo*, 18 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/03/claudia-trindade-daniela-fichino-gabriela-buscacio-e-lia-rocha-enterraram-uma-semente/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

ULRICH, Claudete Beise. Dilma: Tão grande quanto o mar! In: BENCKE, Romi, DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez (Orgs.). *Presidenta Dilma*: em sororidade mulheres resgatam a história. São Leopoldo: Karywa, 2017, p. 114-120.

\_\_\_\_\_; DALFERTH, Heloisa Garlow. *Mulheres no movimento da reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

\_\_\_\_\_. *Carta e Manifesto*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[claudetebeiseulrich@hotmail.com](mailto:claudetebeiseulrich@hotmail.com)> em 15 abr. 2018.

VELASCO, Carmiña Navia. Maria e Isabel – diálogo entre mulheres. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, no. 46, p. 09-17, 2003.

VOIGT, Emílio (Org.). *Guia para o presbitério: manual de estudos*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2010.

WENDEL, Elisabeth Moltmann. Sororidade. In: GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 458-461.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2006.

XAVIER, Márcia. Em ato de “sororidade”, mulheres defendem Dilma de tentativa de golpe. *Vermelho*, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/278902-1>>. Acesso em: 06 mai. 2018.